

Roteiro das Fortificações Marítimas de Lisboa a Peniche (séculos XV – XVIII)

Marisa Sofia de Macedo Vieira

**Trabalho de projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção
do grau de Mestre em História da Arte realizado sob a orientação científica da Professora
Doutora Margarida Tavares da Conceição**

Setembro de 2017

Agradecimentos

No duty is more urgent than that of returning thanks.

James Allen

Para a realização deste trabalho de projecto, é para mim fundamental destacar o papel de alguns intervenientes:

À minha Orientadora, Prof. Doutora Margarida Tavares da Conceição pela disponibilidade, apoio e paciência prestados ao longo deste ano.

Aos meus pais, pelo carinho e apoio constantes, pelas conversas de longas horas a debater o tema, pela coragem e força que sempre me passaram, pelas palavras de força que muitas vezes faziam a diferença, pela amizade e incentivos constantes e por toda a ajuda, quer no trabalho escrito quer no trabalho de campo.

À minha avó e ao meu tio, pelos inúmeros debates sobre o tema, pelo apoio constante e pelas palavras de força e coragem que tantas vezes ajudaram.

Ao meu amigo Rui Filipe Gil (estudante de Arqueologia), pela disponibilidade de demonstrou desde o primeiro momento, pelo apoio constante, pela ajuda em debates de várias horas sobre os diversos temas abordados ao longo deste trabalho de projecto, pela bibliografia fornecida e pela amizade e incentivos permanentes.

Ao Doutor Mariano Calado, pela ajuda bibliográfica.

Ao Doutor Joaquim Boiça pela disponibilidade e bibliografia.

À Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian pelas referências bibliográficas.

À Biblioteca Municipal de Oeiras por todo o apoio bibliográfico.

Ao Arquivo Histórico-Militar e à Biblioteca Geral do Exército pelas plantas das Fortificações.

À Camara Municipal de Sintra pela ajuda e informações fornecidas.

Roteiro das Fortificações Marítimas de Lisboa a Peniche

An Itinerary of the Coastal Fortifications from Lisbon to Peniche (15th-18th centuries)

Marisa Sofia de Macedo Vieira

RESUMO

O objectivo deste trabalho de projecto prende-se com a criação de um roteiro entre Lisboa e Peniche que permita um conhecimento mais aprofundado sobre a arquitectura militar entre estas duas cidades. A defesa da capital sempre foi motivo de preocupação ao longo dos diversos reinados da História de Portugal, no entanto, o espaço temporal abordado está entre os séculos XV e XVIII. Durante estes séculos, a arquitectura militar evoluiu juntamente com a arte da guerra sendo desta forma necessário reforçar as defesas da barra do Tejo. O roteiro será composto: por um contexto geográfico dos diversos concelhos abordados; por uma conjuntura histórica da fortificação em Portugal; bem como pelo roteiro propriamente dito, onde se conjuga a informação sobre cada uma das estruturas fortificadas, respectivas coordenadas geográficas e ilustrações.

ABSTRACT

The purpose of this project work is to create a guidebook setting up the itinerary between Lisbon and Peniche that will allow a deeper understanding of the military architecture between these two cities. The defense of the capital city has always been a cause of concern throughout the various dynasties of the History of Portugal, however, the time span covered by this project is between the fifteenth and eighteenth centuries. During these centuries the development of military architecture and the art of war increased the necessity to strengthen the defenses of the Tagus estuary. This guide is composed of the geographic context of the various regions, the history context of fortifications in Portugal, and the itinerary itself. The itinerary is endowed with information about each of the fortifications, their coordinates and illustrations.

PALAVRAS-CHAVE: Fortificação Marítima; Barra do Tejo; Região de Lisboa; Roteiro.

KEYWORDS: Coastal Fortifications; Tagus Estuary; Lisbon Area; Itinerary.

Índice

I -	Introdução	1
II -	Localização e contexto histórico-geográfico	2
Lisboa		2
Oeiras		4
Cascais		5
Sintra.....		6
Ericeira.....		7
Peniche.....		8
III -	Contextualização Histórica na arquitectura militar	10
Os primeiros avanços no reinado de D. João II		12
D. Manuel e o período de experimentação		12
D. João III		14
Domínio Filipino		15
Reinado de D. João IV		16
IV -	Roteiro das Fortificações	19
Objetivo		20
LISBOA		21
Designação.....		21
Tipo.....		21
Acessibilidade.....		21
Torre de São Vicente de Belém.....		22
Forte do Bom Sucesso		28
OEIRAS		31
Forte de São Bruno de Caxias		33
Forte da Giribita – Nossa Senhora de Porto Salvo		36

Forte de São João das Maias	39
Forte de Santo Amaro.....	41
Forte de Nossa Senhora das Mercês de Catalazete	43
Fortaleza de São Julião da Barra	45
Forte de São Lourenço da Cabeça Seca – Bugio.....	48
Cascais	51
Forte de Santo António da Barra	53
Forte de São João da Cadaveira	56
Forte Velho.....	59
Fortaleza de Nossa Senhora da Luz	61
Forte de Santa Marta	65
Forte de Nossa Senhora da Guia	68
Forte dos Oitavos.....	70
Forte do Guincho/ Abano	73
Sintra.....	75
Forte do Magoito	76
Ericeira.....	78
Forte de Nossa Senhora da Natividade.....	79
Forte do Milreu.....	81
Peniche.....	83
Forte do Paimogo	84
Forte De Nossa Senhora da Consolação.....	86
Fortaleza de São Francisco de Peniche	88
Forte De São João Baptista – Berlengas	92
Vestígios	95
Oeiras.....	95
Forte de Nossa Senhora da Conceição – Algés.....	95
São José de Ribamar.....	97
Forte de Santa Catarina	99

Forte de Nossa Senhora da Boa Viagem	100
Forte de Nossa Senhora do Vale	101
Forte de São Pedro de Paço de Arcos.....	102
Forte do Junqueiro.....	103
Forte de Santo António da Cruz	106
Forte de Santo António do Estoril.....	107
Forte de São Roque	109
Forte de Nossa Senhora da Conceição	111
Forte de Santa Catarina	113
Forte de São Brás de Sanxete	114
Baterias da Crismina, Alta e Galé	116
Sintra.....	118
Forte da Roca.....	118
Forte da Vigia.....	119
Peniche.....	121
Forte de Nossa Senhora da Luz.....	121
V - Proposta de Itinerários	122
Plano 1	122
Plano 2	126
Plano 3	129
VI - Conclusão	133
VII - Bibliografia	140
Recursos electrónicos:	143

I - Introdução

Este trabalho de projecto insere-se no âmbito do Mestrado em História da Arte, na área de especialização em Arte Moderna e da Expansão.

O seu principal objectivo relaciona-se com a elaboração de um roteiro que permita ao visitante ou turista conhecer o património arquitectónico militar. Visa também desenvolver um percurso militar entre Lisboa e Peniche, permitindo não só aprofundar os conhecimentos sobre a arquitectura militar, mas destacar a importância destes edifícios na defesa do litoral português entre os séculos XV a XVIII.

A ideia principal deste trabalho prende-se com a abordagem dos diversos ciclos construtivos da arquitectura militar, iniciando-se com uma breve introdução e passando posteriormente aos diversos reinados, começando pelo reinado de D. João II, reinado de D. Manuel I e o período do domínio Filipino, bem como o reinado de D. João IV e o período da Restauração, criando um fio condutor que permita introduzir o roteiro.

Relativamente à metodologia utilizada, a mesma começou com uma delimitação do espaço geográfico, optando-se por focar o espaço costeiro compreendido entre Lisboa e Peniche/ Peniche e Lisboa, de modo a acompanhar a entrada na barra do Tejo. Seguiu-se uma exaustiva pesquisa de informação sobre noções base da arquitectura militar da época moderna, bem como da sua história e ciclos identificáveis neste espaço geográfico. Passou-se posteriormente para uma contextualização mais detalhada sobre esta temática, fundamental para a introdução às fortificações na linha costeira entre Lisboa e Peniche. Segue-se depois o roteiro organizado geograficamente, incluindo coordenadas geográficas, mapas de localização, texto descritivo, plantas e fotografias tiradas pelo pai da autora.

O destaque irá para as principais fortificações, nomeadamente a Torre de São Vicente de Belém, Forte/Farol do Bugio, Forte de São Julião da Barra, Fortaleza de Nossa Senhora da Luz (Cascais) e Fortaleza de Peniche, sendo abordados também os demais fortes e baterias no espaço delimitado, de modo a que estes funcionem como fios condutores para a compreensão das principais fortificações que estruturam a rota. É importante mencionar que uma parte dos fortes abordados ao longo deste roteiro se encontram em estado de ruína e em alguns casos apenas se identificam vestígios, pelo que se optou por um tratamento separado.

II - Localização e contexto histórico-geográfico

Para iniciar este trabalho de projecto é necessário fazer uma descrição geográfica como uma pequena introdução histórica sobre Lisboa, Oeiras, Cascais, Sintra, Ericeira e Peniche, principais concelhos abordados, contextualizando a arquitectura militar nos séculos XV a XVIII.

Localizados na faixa litoral de Portugal continental, entre o rio Tejo e o oceano Atlântico, os concelhos abordados usufruem de uma posição estratégica favorável, essencial para a defesa da capital.

Lisboa, banhada pelo Tejo, importante entreposto comercial e capital do reino, estava constantemente sob ameaça de ataques inimigos, sendo importante a construção de uma linha de defesa e de apoio, de forma a evitar a tomada e o saque da cidade. A vila de Cascais, localizada na embocadura do rio Tejo, bastante cobiçada e atacada por piratas e corsários (sobretudo franceses) foi desde sempre a principal porta de entrada marítima para a capital.

Oeiras, Cascais, Sintra, Ericeira e Peniche eram vistas como algumas das linhas de entrada em Lisboa, sendo desta forma importantes pontos de ataque de defesa e de vigia antevendo possíveis ataques.

Lisboa

Localizada na margem direita do rio Tejo (tendo como referência a sua foz) foi, desde sempre alvo de interesse por parte de diferentes povos. Os fenícios, que usaram esta cidade como um “entreposto comercial” deram-lhe o nome de *Alisubbo* pelas suas defesas naturais.¹

Com a ocupação romana, este lugar transformou-se em *Olisipo* e posteriormente em *Felicitas Julia Olisipo*. Com esta ocupação, uma das partes mais importantes para a defesa de Lisboa foi a construção da depois chamada Cerca Velha. Em 711, os muçulmanos ocuparam Lisboa e transformaram-na num importante posto comercial.²

¹ ADRAGÃO, José Victor, PINTO, Natália, RASQUILHO, Rui (1986). *Lisboa*, Lisboa: Editorial Presença, pp:9-29.

² Op. Cit.

Em 1147, D. Afonso Henriques conquistou a cidade e a mesquita construída anteriormente pelos muçulmanos foi adaptada a catedral. Em 1179 o primeiro rei de Portugal atribuiu a Lisboa o seu primeiro foral e nos anos que se seguiram assistiu-se a uma reestruturação e organização da urbe. Nos reinados seguintes é importante destacar os seguintes aspectos: D. Afonso III fixou a capital do Reino nesta cidade, D. Dinis fundou a Universidade de Lisboa em 1288, posteriormente transferida para Coimbra e D. Fernando I (1345-1383) mandou ampliar a sua área muralhada, construindo a chamada Cerca Fernandina.³

Com o avançar do tempo, a importância de Lisboa como capital do Reino foi crescendo⁴ principalmente no reinado de D. Manuel I, com a dinâmica dos Descobrimentos Portugueses.

Relativamente à defesa da cidade de Lisboa, esta sempre foi muito cobiçada por piratas e corsários. Para evitar esses ataques foram construídos diversos fortes e fortins que auxiliavam a defesa da cidade. No reinado de D. Manuel, teve início a construção do Forte de São João (ou Baluarte do Terreiro do Paço), projectado pelo mestre Diogo de Arruda em 1508 e que integrava o Paço Real de D. Manuel.⁵ Mais tarde, no período da Restauração, também a área do actual Cais do Sodré estava adaptada com fortes e/ou baterias que auxiliavam a defesa da barra do Tejo. Exemplo disso era o Forte de São Paulo. Situado na Praça D. Luís, tinha planta rectângular e foi edificado em data desconhecida; sabe-se, no entanto, que este forte existiria antes do terramoto de 1755 e que no ano de 1758 era uma torre que funcionava como cais de embarque para artilharia e que em 1759 foi ali fundada a Companhia Geral do Comércio de Pernambuco e Paraíba.⁶

Existiam ainda os Fortes de Alcântara (do Livramento e do Sacramento) dos quais não existe datação precisa, no entanto sabe-se que em 1650 faziam parte de uma cintura amuralhada que protegia esta área da cidade de Lisboa, sendo que os baluartes estavam situados junto às portas abertas na muralha. O baluarte do Livramento (que estaria situado entre o Paço das Necessidades e a Porta de Alcântara) foi aglutinado à massa urbana e o baluarte de Sacramento (ou Forte de Alfaroqueira, estaria localizado junto ao Convento do Sacramento) foi destruído aquando da construção da Avenida 24 de Julho. Haveria ainda o Forte de São João da Junqueira (que se sabe que era datado do período pré-terramoto e que tinha planta quadrangular), o Forte de Porto Franco (próximo do actual edifício da Cordoaria Nacional) e o Forte da Estrela (também do período anterior a 1755, na zona da Rua da

³ AAVV. (1994). *Dicionário da história de Lisboa*, Lisboa: [s.n.], pp. 449-530.

⁴FRANÇA, José Augusto. (2005). *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, pp. 7-45.

⁵ FARIA, Miguel Figueira de (2014). *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio - História de um Espaço Urbano*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, pp. 13-37

⁶ FERREIRA, Sara Isabel da Cruz. (2015). *O sítio do forte de São Paulo: estudo arqueológico da Ribeira Ocidental de Lisboa na época moderna*. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas- Universidade Nova de Lisboa. [online] disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/16161>, acedido a 15 de Agosto de 2017.

Junqueira). Estes fortes costeiros seriam ajudados pelos fortes de: São Sebastião de Caparica (de fins do século XV, do reinado de D. João II, ampliado no reinado de D. Sebastião), do Torrão (que cruzaria fogo com o Forte de São Lourenço da Cabeça Seca) e da Trafaria (datado de 1683)⁷.

Mais tarde, uma das datas mais emblemáticas para Lisboa foi o terramoto de 1 de Novembro de 1755, que provocou posteriormente incêndios e um marmoto que destruíram grande parte da cidade tornando necessária a sua reconstrução. O ministro do rei D. José I, Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), depois marquês de Pombal, liderou e aliou esforços para que a chamada “Baixa pombalina” fosse reconstruída havendo modificações urbanísticas não só para uma melhor organização da cidade mas também como forma de prevenção de catástrofes naturais. Depois da sua reconstrução, Lisboa foi palco de vários acontecimentos importantes, nomeadamente do Regicídio (em 1908) e a implantação da República (em 1910).

Actualmente, Lisboa é uma cidade cosmopolita que é ocupada diariamente por turistas maioritariamente atraídos pelo seu passado, assim como pelas marcas deixadas pelos diferentes capítulos da História de Portugal e que se refletem na arquitectura e na própria luz desta cidade.

Oeiras

Relativamente à sua localização geográfica, este concelho situa-se entre Lisboa, Sintra e Cascais, também na embocadura do Tejo.

Com o seu território ocupado desde a pré-história, foi a partir do século XV que Oeiras adquiriu importância, tornando-se um polo agrícola da capital, sendo conhecida pelas “eiras” (que, segundo a lenda, foi o que deu o nome a esta vila). Mais tarde, acompanhando a evolução dos tempos, torna-se bastante importante na produção de pólvora com a construção da Fábrica da Pólvora Negra em Barcarena, no ano de 1791⁸.

Foi também no final do século XV que a coroa decidiu investir na defesa da costa criando uma linha defensiva que ia de Belém até Cascais⁹. Já no século XVI, a fortaleza de São Julião da Barra passou a funcionar como núcleo central, que comandava todos os fortes da zona envolvente. Para além deste e do forte de São Lourenço da Cabeça-Seca, todos os outros que constituem a linha de defesa de Oeiras datam já do período pós-restauração¹⁰. O Forte de Catalazete (actualmente

⁷ SANTOS, Cristina (2014). *Fortificações da foz do Tejo*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura e Artes – Universidade Lusíada de Lisboa. Pp.86-105 [online], disponível em: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/888/1/ma_cristina_santos_dissertacao.pdf, acedido a 20 de Julho de 2017.

⁸ ROCHA, Filomena Isabel L.C Serrão (1996). *Oeiras – O Património – A História*, Câmara Municipal de Oeiras: Oeiras

⁹ Actualmente há quem considere que o limite do Concelho de Oeiras é precisamente no Forte de São Julião da Barra.

¹⁰ CALLISTO, Carlos Pereira (1998). *Fortificações Marítimas do concelho de Oeiras*, Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, pp: 12-13.

Pousada da Juventude) e a bateria da Feitoria são os únicos estabelecimentos militares que datam do século XVIII.

O concelho só foi criado em 1759 (pós-terramoto) por carta de foral de D. José I, tendo sido doado ao primeiro conde de Oeiras, Sebastião José de Carvalho e Melo.

No século XX, com o desenvolvimento industrial, a ligação entre Lisboa e Cascais ficou mais facilitada com a construção da linha férrea, o que permitiu um desenvolvimento económico, social e cultural bastante elevado. Também fábricas como a Lusalite e a Fundição de Oeiras contribuíram para o desenvolvimento concelhio, tornando-o actualmente um importante centro empresarial.

Cascais

Localizado no início da embocadura do Tejo, a geografia de Cascais sempre foi um factor favorável à fixação de diversos povos. Os romanos ocuparam esta região e criaram aqui uma densa rede de povoamento nas quais se inseriam as “villae” (centros produtores de alimentos) que iriam abastecer *Olisipo* (à semelhança do que aconteceu em Oeiras).

Em 1364 este povoado é elevado a vila por D. Pedro I. Actualmente apenas se encontram vestígios do que foi outrora um castelo medieval, construído no ano de 1377, que protegia assim a aldeia piscatória¹¹. Cerca de seis anos depois da elevação a vila, D. Fernando limita a área do concelho e entrega a terra a Gomes Loureço de Avelar¹².

No século XV, após a percepção da alta densidade populacional do castelo surgiu a necessidade de uma outra estrutura defensiva para as “villae”. Deste modo, o rei D. João II em 1488 manda construir a Torre de Santo António de Cascais, que seria uma transição entre o castelo medieval e a fortaleza abaluartada, tendo uma planta quadrangular adaptada ao uso de artilharia de fogo. Esta torre (que mais tarde foi envolvida pela Fortaleza de Nossa Senhora da Luz) foi construída em Cascais tendo em conta não só a sua posição estratégica, mas também o facto de os navios terem de aguardar nesta entrada condições atmosféricas favoráveis para entrarem na barra do Tejo. Já no século XVI, D. Manuel I concede a segunda carta foral de Cascais¹³.

Em 1580, o exército do Duque de Alba desembarca perto do Cabo Raso, e toma de assalto a Torre de Santo António. Em 1589 o rei Filipe I mandou construir uma fortaleza de Nossa Senhora da

¹¹ SILVA, Raquel Henriques da (1988). *Cascais*, Lisboa: Presença, pp. 7-72

¹² BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais*. Lisboa: Quetzal - Câmara Municipal de Cascais, pp-13-25.

¹³ BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de, RAMALHO, Margarida Magalhães. (2001), pp.13-25.

Luz, de planta triangular, para reforçar a defesa da baía. O início da construção da cidadela data já de 1640, prosseguindo as honras sob o comando de Simão Mateus, Philippe Guiteau, António Luís de Meneses (conde de Cantanhede), João Cosmader e Nicolau de Langres¹⁴.

O terramoto de 1755 afectou também Cascais, tendo os seus edifícios ficado danificados, mas foram prontamente reconstruídos. Em 1870, motivado por problemas de saúde, o rei D. Luís mandou adaptar a casa do antigo governador militar a palácio e fixou-se na cidadela de Cascais, onde viria a falecer. Esta vila foi atraindo cada vez mais membros da nobreza e a corte, que começam a criar várias casas apalaçadas nesta área¹⁵.

Também no Palácio da Cidadela de Cascais se veio a inaugurar a iluminação elétrica em 1878. Com a construção da linha férrea (1889) e mais tarde em meados do século XX com a construção da Avenida Marginal, Cascais transforma-se num importante lugar de comércio e turismo.

Sintra

Localizada a cerca de 30 km de Lisboa, esta vila é caracterizada por um micro-clima muito particular, ameno e com variações de temperatura, tendo verões secos e invernos húmidos.

Na época islâmica, quando ainda conhecida por “Suntria”, era um importante mercado abastecedor da cidade de Lisboa e terá sido iniciada a primeira construção do Paço da Vila de Sintra. A história deste paço começa quando os alcaides lisboetas decidiram construir nesta serra, dois castelos – um no alto da serra, de modo a servir de vigia e de ataque em caso de uma invasão inimiga, ao qual se deu o nome de Castelo dos Mouros, com a atribuição das funções militares dignas de uma fortaleza e depois um poético castelo, na vila de Sintra, destinado posteriormente a paço de veraneio da realeza/corte. Esta teoria é contrariada por alguns autores¹⁶. Construído sobre um outeiro rochoso, o actual Palácio Nacional da Vila de Sintra oferece condições de defesa naturais. Mas existem vestígios de uma antiga muralha e de uma torre alta, mostrando que este espaço palaciano, foi efectivamente usado como um espaço militar muçulmano.

Durante o período da Reconquista Cristã, a vila e o castelo foram diversas vezes assolados pelos exércitos cristãos e o rei de Leão (Afonso VI, tomou posse do castelo de Sintra, de Lisboa e Santarém em 1093. Em 1109, o conde D. Henrique reconquista o Castelo, mas volta a perdê-lo pouco tempo depois, sendo estes definitivamente conquistados em 1147 por D. Afonso Henriques. Sintra entregou-se sem oferecer qualquer tipo de resistência, começando assim o domínio cristão e com ele

¹⁴ SILVA, Raquel Henriques da (1988), pp. 7-72.

¹⁵ Op. Cit.

¹⁶ Como afirmam CARDOSO, Nuno Catarino e ALVÃO, Domingos. (1930). *Cintra: Notícia Histórico-Arqueológica e Artística Do Paço Da Vila, Do Palácio da Pena e do Castelo dos Mouros*, Porto: Litografia Nacional, pp: 9-18.

a transformação do até então castelo num paço real. Os desenhos de Duarte de Armas, mostram um paço árabe, com a legenda Meca, que é mais uma das provas em como aquele espaço pertenceu ao período muçulmano¹⁷.

Em 1154, D. Afonso Henriques fundou o município de Sintra e três anos mais tarde entregou-o ao Mestre da Ordem do Templo¹⁸.

Em 1189, D. Sancho I efectuou a confirmação do foral de Sintra. No início do reinado de D. Dinis, a vila foi doada à rainha D. Isabel de Aragão. No século XIV Sintra é assolada pela peste negra. Com a crise de 1383-85 a vila foi entregue a D. João I. Em 1385, D. João I doou a vila de Colares a D. Nuno Álvares Pereira e este empreendeu então uma vasta campanha de obras no Palácio da Vila, transformando assim o paço régio numa das principais residências de veraneio da corte portuguesa até ao final do século XVII. No final do século XVIII e durante o século XIX, Sintra mantém o estatuto de estância de veraneio da corte portuguesa, mas também local de eleição de viajantes estrangeiros¹⁹.

Ericeira

Localizada numa área de transição, entre os planaltos a norte do rio Tejo e apenas a 30 metros do nível médio das águas do mar, Ericeira é das zonas costeiras mais iodadas de Portugal continental, que se mantém até aos dias de hoje como uma vila piscatória²⁰.

Segundo a tradição e devido à sua posição geográfica, é conhecida desde os tempos mais longínquos como terra de ouriços, animal que enchia as praias e os campos. O primeiro foral desta vila de pescadores foi outorgado por D. Peres Fernão Monteiro em 1229. Já no século XVI a vila foi doada por D. Manuel I ao infante D. Luís (pai de D. António, Prior do Crato) e a carta de foral da até então vila da Ericeira foi renovada (1513). Durante o domínio filipino, Ericeira passa para o domínio da coroa, tendo sido depois entregue a D. Luís de Azevedo que passou este senhorio para D. Diogo de Meneses, vice- rei da Índia.

Nos séculos seguintes a defesa da vila foi reforçada com a construção do Forte de Nossa Senhora da Natividade (em 1706) e no século XIX Ericeira passou a pertencer ao concelho de Mafra,

¹⁷ SILVA, José Custódio Vieira da (2002). *O Palácio Nacional de Sintra*, Lisboa: IPPAR, pp.13-35.

¹⁸ Op. Cit.

¹⁹ Op. Cit.

²⁰ SILVA, J. D'Oliveira Lobo e (1998). *Anais da vila da Ericeira*. Mafra: ELO, pp: 25-120.

destacando-se pelo seu papel como alfândega. Foi também palco da partida para o exílio da família real portuguesa no século XX²¹.

Peniche

Em termos geográficos, Peniche é um caso particular do litoral português: “Antiga ilha está ligada ao continente por uma língua de terra, chamada geograficamente de istmo”²².

Desde os tempos mais longínquos que esta localidade atraiu os mais diversos povos. Durante a ocupação romana, teve início a exploração das terras férteis e dos recursos marinhos. Neste tempo Peniche era uma ilha que começou a destacar-se pela produção de conservas de peixe. Foi desenvolvida ainda a manufatura de olaria, com a criação de uma fabrica de olaria de grandes dimensões. Um dos grandes estudiosos da região de Peniche, Mariano Calado, afirma que, como o Cabo Carvoeiro provavelmente estaria mais avançado para oeste nos séculos antes de Cristo seria quase natural que qualquer embarcação que nestes mares navegasse, aportasse por aqui ou nas Berlengas, anteriormente povoadas por outros povos. Sabe-se, no entanto, que os romanos aproveitaram as suas defesas naturais. O seu nome tem diversas origens. Mariano Calado afirma que este pode ter origens francesas, sendo que a palavra Peniche pode referir-se a uma antiga embarcação e que a ilha poderia assemelhar-se ao nome da embarcação, ou ainda, poderia ser uma derivação latina da palavra península (“quase ilha” em latim)²³. A sua importância no campo militar prendia-se com os constantes ataques de piratas e corsários.

Em 1544, D. Afonso de Ataíde informa D. João III sobre a necessidade de fortificar a ilha de Peniche. Cerca de 13 anos depois o baluarte de Peniche começou a ser construído. Até ao século XVI formou-se o istmo que liga a ilha ao continente e começou-se a construção do conjunto defensivo iniciado por D. Luís de Ataíde (conde de Atouguia e vice-rei da Índia entre 1568-71), sobretudo para evitar o ataque da pirataria muçulmana a esta povoação. Em 1589, desembarcou nesta ilha o exército de D. António, Prior do Crato, com o objectivo de tomar Lisboa ao governo espanhol.

No século XVII reforçou-se ainda mais a defesa desta península, nomeadamente depois da Restauração, com a criação do Conselho de Guerra²⁴. Este sistema defensivo possui várias fortificações sobre o mar, protegendo a entrada da vila de Peniche, destacando-se em especial a construção da fortaleza e de uma frente abaluartada. Com o terramoto de 1755, a ilha ficou

²¹ Op. Cit.

²² CALADO, Mariano. (1991). *Peniche na História e na Lenda, Peniche*: edição de autor, pp: 39-324.

²³ Op. Cit.

²⁴ MOREIRA, Rafael (1986). *Portugal no mundo: história das fortificações portuguesas no mundo*, Lisboa: Alfa, pp-210-212.

parcialmente destruída. Mais tarde começaram a surgir indústrias ligadas à construção naval e ao cultivo da vinha na ilha de Peniche. No século XVIII o forte foi concluído e no século XX tornou-se uma prisão do Estado Novo e actualmente integra o museu e arquivo histórico de Peniche ²⁵.

²⁵ Op. Cit.

III - Contextualização histórica na arquitectura militar

Portugal desde sempre teve uma posição geográfica estratégica. Ao longo da história, vários planos de defesa do reino foram elaborados, sobretudo para evitar ataques de tropas inimigas, levando assim a reforçar os principais pontos de entrada na cidade de Lisboa.

Com o avançar da “arte da guerra” e com a evolução da pirobalística nos séculos XV a XVI, as próprias estruturas fortificadas foram necessariamente adaptadas. As torres quadradas eram alternadas com as torres circulares com vários níveis de fogo. A importância destas torres advém do facto de serem as primeiras construções a ser adaptadas à artilharia de fogo. É ainda relevante mencionar que o litoral português foi durante muitos anos esquecido, tendo em conta que a maior ameaça viria de Espanha, ou seja, pelo lado de terra. No entanto, com os ataques, sobretudo de corsários franceses, sentiu-se necessidade de reforçar a orla marítima, principalmente a entrada do Tejo²⁶. A grande evolução da arquitectura militar portuguesa deu-se na sequência do processo dos Descobrimentos Portugueses, tal como o desenvolvimento do armamento e da cartografia.

No entanto, foram as experiências italianas que resultaram na maturação do sistema abaluartado, também conhecido como “escola italiana de arquitectura militar”²⁷. Desde o século XV Portugal conviveu com o processo de adaptação das fortificações medievais ao poder de fogo da artilharia. Importante também é referir a invenção do baluarte. Rafael Moreira afirma que o termo poderá derivar de *bolwerk* (alemão), *boloart* (francês), *baluard* (catalão) e ainda *bastion* (francês). Este termo era usado na linguagem popular francesa principalmente por metalúrgicos e artilheiros. Característica de um baluarte, é a possibilidade de uma trajectória de tiro flanqueado, que permite o fogo cruzado quando se edifica uma frente abaluartada²⁸.

Relativamente ao aparecimento das armas de fogo, é importante mencionar que apareceram em 1340, sendo o uso da pólvora na Península Ibérica introduzido pela primeira vez na batalha de Algeciras usada pelas forças muçulmanas. No entanto, as armas de fogo primitivas representavam

²⁶ MOREIRA, Rafael (1986). *Portugal no mundo: história das fortificações portuguesas no mundo*, Lisboa: Alfa, pp. 91-101.

²⁷ *Op. Cit.*

²⁸ MOREIRA, Rafael (1981). *A arquitectura militar do renascimento em Portugal*, Coimbra : Epatur, pp. 281-284.

bastantes perigos, particularmente para os artilheiros e para a própria arquitectura. Em Portugal o seu uso está documentado na crise de 1380-1383²⁹.

A evolução da artilharia teve como impacto uma adaptação da arquitectura militar, desde logo com a abertura de troneiras cruzetadas, recruzetadas e canhoneiras. Ao longo dos séculos, a evolução das armas de fogo é observável também em diversas representações da nobreza e até da família real³⁰.

Outra adaptação é o reforço do uso das torres barbacãs salientes e das barbacãs junto às portas. Abandonaram-se as ameias, sendo estas substituídas por um parapeito com canhoneiras. Algo característico também foi a evolução das bombardas, arma poderosa que provocava um estrago tão grande que podia levar à destruição parcial da estrutura defensiva³¹.

Um dos casos mais distintos da arquitectura militar portuguesa, é sem dúvida, o Castelo de Ourém. D. Afonso de Bragança (conde de Ourém e marquês de Valença) foi dos primeiros portugueses a estar em território italiano e a aplicar as técnicas italianas em Portugal³². E é esta influência que é visível neste castelo, sendo o único exemplar de uma fortaleza roqueira que Rafael Moreira pensa poder ser uma cópia da *Rocca Sismonda*³³. Este castelo possui características góticas-tardias e a sua característica mais evidente são as duas torres poligonais que tombam sobre as arribas³⁴.

A barra do Tejo desde cedo constituiu um ponto fulcral na defesa da cidade de Lisboa. Com a capital do reino em ascensão era urgente delinear um plano que permitisse a defesa da cidade aquando de uma investida inimiga. Esta barra foi por diversas vezes testemunha de diversos ciclos construtivos, nomeadamente entre 1486 e 1520 (construção do triângulo defensivo: Torre de Santo António de Cascais, Torre de São Vicente de Belém e Torre de São Sebastião de Caparica), 1553 a 1580 e posteriormente de 1640 até ao final do século XVIII, com a construção do Forte de São Julião da Barra, Santa Catarina e dos pequenos fortes, fortins e baterias construídos ao longo da costa.³⁵

²⁹ MOREIRA, Rafael. (1986). *Portugal no mundo: história das fortificações portuguesas no mundo*, Lisboa: Alfa, pp. 91-101.

³⁰ BARROCA, Mário Jorge. (2003), «Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)», *Portvgalia*. Porto, 2ª série, vol. XXIV, pp. 95-118.

³¹ *Op. Cit.*

³² Rafael Moreira refere que: *Il fut sans doute la première personne au Portugal à prendre conscience du nouveau monde qui naissait à Florence et à en tirer de conséquences pratiques*. MOREIRA, Rafael (2014). *De la Méditerranée à l'Atlantique – Le succès* In FAUCHERRE, Nicolas, MARTENS, Pieter, PAUCOT, Hugues, ed. (2014). *La genèse du système bastionné en Europe (1500-1550)*. Université d'Aix: Marseille, pp. 203-219.

³³ *Op. Cit.*

³⁴ *Op. Cit.*

³⁵ BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira (1989). “A Fortaleza da Luz e a defesa da barra” in *Oceanos* (1989), Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, n. 2, pp. 68-73.

Os primeiros avanços no reinado de D. João II

O Rei D. João II (1455-1495) traçou um plano de defesa da barra do Tejo e é neste plano que a Torre de Santo António em Cascais, mais tarde incluída na Fortaleza de Nossa Senhora da Luz se enquadra. Concebida num período de paz, a torre serviu também para reforçar o poder político do rei em Cascais. A defesa da cidade de Lisboa restringia-se então a uma cerca amuralhada³⁶.

É ainda no reinado de D. João II, que Pedro Cid refere como “O príncipe perfeito, italianizante por paixão do que por interesse” (~~“italianizado por paixão, mais do que por interesse”~~), se regista o acesso aos livros de Giovanni Fontana, afirmando o rei admirar um certo Martinos que se pensa ser Francesco di Giorgio Martini. O facto é que em 1492 este rei convida Paolo Savetti para vir a Portugal, convite que foi recusado³⁷.

D. Manuel e o período de experimentação

Durante o reinado de D. Manuel (1495-1521) a arte das fortificações portuguesas foi expandida para o Norte de África. O período de experimentação na arquitectura militar coincide com o tardo-gótico, segundo Rafael Moreira³⁸. Este mesmo autor refere ainda que as principais mudanças do tardo-gótico aplicado à arquitectura militar estão nas alterações das formas geométricas (sobretudo visíveis nas torres) e no uso excessivo dos volumes. E é nesta época que chega a Portugal Boitaca, que se destacou principalmente no Mosteiro dos Jerónimos e que trouxe para a preferência pelas torres circulares. Foi D. Manuel quem mandou Duarte de Armas percorrer a fronteira do reino, elaborando desenhos ou debuxos, coligidos no “Livro das Fortalezas” onde, segundo Barroca, cerca de 54 % dos castelos já possuem troneiras e outras aberturas para bocas de fogo³⁹, mostrando assim uma evolução das estruturas militares e uma adaptação das mesmas à pirobalística. No “Livro das Fortalezas” é possível tirar várias conclusões, nomeadamente que, nas fortificações com a adaptação à pirobalística mais arcaica, o impacto psicológico das armas de fogo acabava por ser maior do que os estragos físicos que estas poderiam causar⁴⁰. É ainda fundamental mencionar que na primeira fase as fortificações além-mar acompanharam a evolução das fortificações em território nacional, adaptando-se ao uso da pirobalística.

³⁶ *Op.Cit.*

³⁷ CID, Pedro de Aboim Inglez (2007). *A Torre de S. Sebastião de Caparica e a arquitectura militar do tempo de D. João II*, Lisboa: Ed. Colibri/Instituto de História da Arte-FCSH/UNL, pp. 27-70.

³⁸ MOREIRA, Rafael. (1986). *Portugal no mundo: história das fortificações portuguesas no mundo*, Lisboa: Alfa, pp. 91-157.

³⁹ BARROCA, Mário Jorge. (2003), «Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)»..., pp. 95-118.

⁴⁰ FAUCHERRE, Nicolas, MARTENS, Pieter, PAUCOT, Hugues, ed. (2014). *La genèse du système bastionné en Europe (1500-1550)*. Université d'Aix: Marseille, pp: 203-219

Na barra de Lisboa, a construção da Torre de São Vicente de Belém foi um marco fundamental na evolução das fortificações⁴¹. De planta poligonal, é considerada a “primeira defesa pirobalística de uma cidade a partir do mar”⁴² e foi edificada por Francisco de Arruda, fazendo parte do triângulo defensivo: Caparica⁴³, Belém e Cascais, apoiados posteriormente pelo Forte da Cabeça Seca, mais conhecido como Forte/Farol do Bugio e pelas diversas embarcações, fortes, fortins e baterias que serviriam de apoio em caso de ataque inimigo. As duas principais preocupações eram sobretudo a defesa da linha do tejo e a cidade de Lisboa. Ainda no reinado de D. Manuel, enquanto o progresso nos territórios ultramarinos era bastante rápido e evolutivo, em Portugal acontecia exactamente o contrário, lento e demorado, principalmente pela paz que se fazia sentir, sem previsão de ataques inimigos⁴⁴. Rafael Moreira refere que as tácticas de guerra no período manuelino provieram dos modelos italianos e otomanos, que gradualmente foram sendo introduzidos em Portugal, sobretudo desde o reinado de D. João II ⁴⁵.

A segunda metade do reinado de D. Manuel foi marcada pelo aparecimento de grandes baluartes/bastiões equipados com canhoneiras para tiro flanqueado, abandonam-se as troneiras e opta-se pelo uso de canhoneiras, mas os mecanismos de ventilação ainda estavam bastante atrasados, ficando as áreas de tiro a descoberto⁴⁶. Desde a conquista de Ceuta (1415) os territórios conquistados no Norte de África pelos portugueses beneficiaram Portugal a nível comercial. Os portugueses rapidamente se apoderaram de várias cidades, construindo fortalezas importantes. Um dos elementos principais das fortalezas além-mar era o uso das couraças que partiam em direcção ao mar e que terminavam num baluarte.

Em Ceuta, aproveitando a estrutura medieval e apoiada por um sistema de vigias no interior desta cidade, a fortaleza foi também adaptada à pirobalística. Em Arzila algumas modificações e em 1508 a própria vila passa para o interior dos muros do castelo. Com a ajuda do mestre Boitaca foi feito um

⁴¹ CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da (2015), “A fortificação moderna e a linha da circunvalação (notas sobre os limites urbanos de Lisboa)”, In *Rossio*, Lisboa: Gabinete de Estudos Olisiponenses, pp. 179-197.

⁴² MOREIRA, Rafael e SOROMENHO, Miguel (1999). «Engenheiros Militares Italianos em Portugal (séculos XV-XVI)», *Architetti e Ingegneri Militari Italiani all'estero dal XV al XVIII secolo. Dall'Atlantico al Baltico*, ed. Marino Viganò. Roma - Livorno: Istituto Italiano dei Castelli - Sillabe, vol. II, pp. 109-131.

⁴³ Ainda no reinado de D. João II, mais precisamente em 1481, um outro exemplo é, o que outrora foi a Torre de São Sebastião de Caparica. Também esta fortificação foi construída sobre uma rocha a cerca de apenas 30 metros acima do nível médio das águas do mar com a frente voltada a mar, reforçada com canhoneiras. Pensa-se que será da autoria do mestre Diogo de Arruda. CID, Pedro de Aboim Inglês (1998/2007). *A Torre de S. Sebastião de Caparica e a arquitectura militar no tempo de D. João II*. Lisboa: Edições Colibri / Instituto de Historia da Arte da FCSH – UNL, Pp: 27-195.

⁴⁴ Op.Cit.

⁴⁵ MOREIRA, Rafael (2014). *De la Méditerranée à l'Atlantique – Le succès* In FAUCHERRE, Nicolas, MARTENS, Pieter, PAUCOT, Hugues, ed. (2014). *La genèse du système bastionné en Europe (1500-1550)*. Université d'Aix: Marseille, Pp: 203-219

⁴⁶ BARROCA, Mário Jorge (2003), «Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)»..., pp. 95-118.

plano de intervenção, nomeadamente no reforço da cerca e na consolidação urbana. Com uma planta em “L” e já adaptada à pirobalística, o baluarte do Tambalalão permitia já o tiro flanqueado.

Após a conquista de Ceuta (1415) e com as conquistas de Alcácer Ceguer (1458) e de Arzila (1471), a coroa portuguesa considerou urgente a conquista da cidade de Tanger por se localizar num ponto estratégico, o Estreito de Gibraltar.. A entrada dos portugueses nesta cidade aconteceu no reinado de D. Afonso V, sendo mandada construir uma muralha, à semelhança do acontecido em Ceuta e Arzila. Devido à localização da fortaleza foram construídas diversas atalaias para precaver qualquer hipótese de ataque⁴⁷.

O caso de Mazagão é um dos casos mais relevantes da arquitectura militar portuguesa além-mar. Com a conquista de Azamor, houve necessidade de fortificar as terras de Mazagão. Desta forma, partem para esta cidade Diogo e Francisco de Arruda com o objectivo de construir um baluarte. D. Manuel opta pela construção de um castelo em torno do qual edificou uma vila. Este castelo tinha uma planta quadrada com quatro bastiões cilíndricos que rematavam as cortinas. É importante ainda mencionar o uso de dois níveis de fogo.⁴⁸

D. João III

Este reinado foi marcado pela viagem de estudo do artista Francisco da Holanda, que percorreu Espanha, Sul de França e principalmente Itália, entre 1538 e 1541. Em Roma, tornou-se discípulo de Miguel Ângelo. Regressando a Portugal distinguiu-se pelo *Álbum dos Desenhos das Antigualhas*, incluindo desenhos de numerosas fortalezas estrangeiras, sobretudo italianas. Em 1571 escreveu *Da Fábrica que falece à cidade de Lisboa*, com projectos para uma renovação da cidade de Lisboa e suas defesas⁴⁹. Possivelmente a sua viagem estará também relacionada com a decisão, em 1541, de construir uma nova fortaleza em Mazagão, processo que marcou o reinado de D. João III (1521-1557).

Com planta quadrangular, quatro baluartes pentagonais e cortinas dobradas, Mazagão constitui a primeira fortificação abaluartada construída de raiz nos territórios sob domínio português. A sua construção deve-se a uma equipa que englobava o engenheiro italiano Benedetto da Ravenna e os arquitectos/mestres portugueses Miguel de Arruda, Diogo de Torralva e João de Castilho. A construção começou com a frente voltada a terra e só depois foram construídos os dois baluartes que

⁴⁷ *Op. Cit.*

⁴⁸ CORREIA, Jorge (2007). “Mazagão: A última praça Portuguesa no Norte de África”, in *Revista de História da Arte* Nº 4 - *Cidades Portuguesas Património da Humanidade*, [online] disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/12584/1/ART_7_Correia.pdf, acedido a 8 de Dezembro de 2016.

⁴⁹ LOUSA, Maria Teresa Viana (2013). *Francisco de Holanda e a Ascensão do Pintor*. [online], disponível em: repositorio.ul.pt/bitstream/10451/.../1/ulsd066695_td_Maria_Lousa.pdf, consultado a 7 de Dezembro de 2016.

proporcionavam a defesa da frente voltada a mar. O conjunto integra um fosso que circundava a fortificação, os ângulos mortos foram excluídos e desenvolveram-se linhas de fogo a partir dos seus duplos níveis de canhoneiras situadas nos orelhões dos baluartes⁵⁰.

Na mesma ocasião, em 1541, Benedetto da Ravena visitou também Ceuta, juntamente com Miguel de Arruda e traçou o plano de defesa, reforçando a frente terra e a frente mediterrânica⁵¹. Alguns anos mais tarde, em 1549, Miguel de Arruda foi a Tânger e elaborou projectos com alterações para a fortificação, nomeadamente a construção de uma cidadela e a construção de um alambor.

Ainda no reinado de D. João III, em 1553 a Fortaleza de São Julião da Barra foi iniciada, permitindo reforçar a defesa da entrada do Tejo. A principal razão da sua construção advém da percepção dos prováveis e futuros ataques inimigos, sendo por isso urgente a localização de uma fortificação abaluartada neste espaço para ajudar na protecção da entrada do Tejo. A sua autoria deve-se ao arquitecto/engenheiro Miguel de Arruda.

As fortificações abaluartadas do Renascimento são caracterizadas como fortificações com linhas de defesa extremamente complexa, sólidas e proporcionais⁵².

Domínio Filipino

O desembarque das tropas do duque de Alba no Cabo Raso e consequentemente a tomada de Cascais expuseram ao futuro rei D. Filipe I (Filipe II de Espanha) a fragilidade das fortalezas e fortes até então construídos na barra do Tejo. Desta forma, foram chegando engenheiros italianos, nomeadamente Terzi, Fratino, Spannocchi, Casale e Turriano para elaborarem um plano de defesa da linha do Tejo.

Após a tomada de Cascais pelo Duque de Alba seguiram-se o cerco do forte de São Julião da Barra (durante 5 dias) e a batalha de Alcântara, penetrando assim na cidade de Lisboa. No ciclo filipino, destacou-se a construção da fortificação de Nossa Senhora da Luz, do forte de Santo António da Barra e do Forte de São Lourenço da Cabeça Seca (ambos da autoria de Casale). Também nesta época a Fortaleza de São Julião da Barra sofreu obras de ampliação⁵³.

⁵⁰ MOREIRA, Rafael (2002). 2002). *A construção de Mazagão. Cartas inéditas 1451-1542*. Lisboa: IPPAR. Esta fortificação inclui ao centro o antigo castelo construído no reinado de D. Manuel. Em 1769 esta praça foi evacuada por ordens de Sebastião José de Carvalho e Melo

⁵¹ MOREIRA, Rafael (1986). *Portugal no mundo: história das fortificações portuguesas no mundo...* pp.143-144. Acabou por ficar integrada em território espanhol após 1640.

⁵² MOREIRA, Rafael (1986). *Portugal no mundo: história das fortificações portuguesas no mundo...* pp.143-144.

⁵³ MOREIRA, Rafael (1981). *A arquitectura militar do renascimento em Portugal*, Coimbra : Epat, pp: 281-302.

Durante o domínio filipino foram construídos fortes e baterias marítimas de apoio, que asseguravam a defesa da barra. Estes fortes e baterias eram relativamente frágeis em artilharia e guarnição⁵⁴.

Dos diversos nomes que passaram por Portugal podem ser destacados⁵⁵:

- Terzi: contratado pelo rei português em 1577 pelo seu conhecimento ao nível da ciência militar. Participa nas obras das fortificações da barra do Tejo.
- Casale: chegou a Portugal em 1589 para se dedicar às fortificações da barra, nomeadamente no Forte de São Lourenço da Cabeça Seca; fez também diversas plantas de Cascais.
- Turriano: veio para Portugal tendo em conta a necessidade dos trabalhos na barra do Tejo; fixou-se em Portugal após o falecimento de Terzi. Nos trabalhos na barra do Tejo procurou assegurar a defesa de Lisboa, planear a defesa das fortificações adjacentes, bem como da resolução dos problemas de assoreamento. Concluiu o Forte de São Lourenço da Cabeça Seca e ainda fez as obras de ampliação no Forte de Peniche⁵⁶.
- Massai: sobrinho de Casale, veio com o seu tio para Portugal e casou-se com a filha de Nicolau de Frias. Destacou-se pelo trabalho nas fortificações do Sul do País. Com a morte deste e de Leonardo Turriano, o ciclo dos engenheiros italianos em Portugal é fechado⁵⁷.

Reinado de D. João IV

Com a proclamação de 1640, houve uma grande aposta na arte/arquitectura militar bem como na reestruturação de alguns fortes/fortins de modo a prevenir ataques inimigos. Depois da proclamação da independência, D. João IV estava ciente do risco de ataque que o reino enfrentava. Desta forma, o reforço das linhas defensivas tornou-se um assunto urgente e prioritário. Começou por se fazer um levantamento dos locais estratégicos mais importantes para a defesa nacional e foram recrutados engenheiros estrangeiros, nomeadamente Nicolau de Langres.

⁵⁴ Op. Cit.

⁵⁵ MOREIRA, Rafael e SOROMENHO, Miguel (1999). «Engenheiros Militares Italianos em Portugal (séculos XV-XVI)», *Architetti e Ingegneri Militari Italiani all'estero dal XV al XVIII secolo. Dall'Atlantico al Baltico*, ed. Marino Viganò. Roma - Livorno: Istituto Italiano dei Castelli - Sillabe, vol. II, pp. 109-131.

⁵⁶ MOREIRA, Rafael e SOROMENHO, Miguel (1999). «Engenheiros Militares Italianos em Portugal (séculos XV-XVI)», *Architetti e Ingegneri Militari Italiani all'estero dal XV al XVIII secolo. Dall'Atlantico al Baltico*, ed. Marino Viganò. Roma - Livorno: Istituto Italiano dei Castelli - Sillabe, vol. II, pp. 109-131.

⁵⁷ Op. Cit.

Figura de extrema importância, D. António Luís de Meneses (1603-1675), Conde da Ericeira, Conde de Cantanhede e Marquês de Marialva, homem muito activo aquando das Guerras de 1640. Distinto Coronel, durante o reinado de D. João IV foi encarregue de organizar o exército português bem como de reforçar as defesas da barra de entrada de Lisboa. A constante ameaça de Espanha, levou à urgência em criar um plano de defesa da Barra do Tejo. D. João IV encarregou D. António Luís de Meneses deste plano assim como da defesa da Praça de Elvas. Em 1640 foi criado o Conselho de Guerra, que tinha como objectivo principal a defesa das fronteiras, a gestão dos recursos financeiros relacionados com a guerra e também era composto por um tribunal militar.⁵⁸ Participou em diversas batalhas, como, na batalha das Linhas de Elvas (1659) e no último combate da Guerra da Restauração, na Batalha de Montes Claros (1665). Após a Aclamação da Independência foi nomeado Inspector das Fortalezas e Praças de Guerra. Em 1645 foi nomeado Vedor da Fazenda, cargo caracterizado pela administração do Património Real e da Fazenda Pública

Deste período é a conclusão do forte de São Lourenço da Cabeça Seca. Ainda durante o ano de 1640 assistiu-se a uma reestruturação da barra do tejo, sendo que diversos fortes foram restaurados, acrescentados ou renovados. O forte da Berlenga foi construído em 1642.⁵⁹ Durante este ciclo foram ainda construídos numerosos fortins entre Belém e Sintra (Cabo da Roca).

É importante ainda mencionar a influência de duas grandes escolas nas fortificações Portuguesas, a Escola Holandesa e a Escola Francesa.

Sobre a influência da escola holandesa, destaca-se Jan Ciermans sobretudo no trabalho das fortificações do Alentejo. Em Portugal este homem ficou conhecido como João Paschasio Cosmander, jesuíta, teve formação religiosa, filosófica, teológica e matemática. E é precisamente pela matemática que Cosmander entrou em Portugal em 1641⁶⁰. Desembarcou em Portugal para depois embarcar para a China, no entanto enquanto esperou pelo embarque, alojou-se no colégio jesuíta em Lisboa onde lecionou matemática. Foi apresentado à corte e rapidamente foi convidado por D. João IV para inspecionar as fortificações do reino. Trabalhou sobretudo em Elvas, mas também teve intervenções em Lisboa e Setúbal. Em 1647 foi capturado pelos espanhóis e foi feito

⁵⁸ VARANDA, Lúcia de Melo.(2013). *D. António Luís de Meneses, 1º Marquês de Marialva - O Militar e o Político*, Coimbra: Faculdade de Letras, [online], Pp: 41-65, disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/35986/1/D%20Antonio%20Luis%20de%20Meneses.pdf>, consultado a 25 de Maio de 2017.

⁵⁹ Op. Cit.

⁶⁰ PAAR, Edwin (1988). «As Fortificações Seiscentistas de Elvas e o Primeiro Sistema Holandês de Fortificação», Sep. *A Cidade*, Revista Cultural de Portalegre. Portalegre, nova série, nº 12, pp. 128-170.

prisioneiro. Cerca de 6 meses depois de estar preso, Cosmader passou para o lado espanhol e no ataque a Olivença foi morto por um soldado português⁶¹.

Relativamente à arquitectura holandesa esta tinha alguns princípios que podemos observar em diversas fortificações, especialmente em Elvas. Como a Holanda é marcada pelos seus canais, a água é uma marca presente nas fortificações holandesas. Assim sendo, o fosso é uma presença fundamental na arquitectura militar holandesa.⁶² A Holanda não tem extração de pedra, logo as fortificações tinham como principal material construtivo a terra, verificando-se que as balas tinham menos impacto nestas fortificações; só mais tarde é que as fortificações passaram a ser construídas em alvenaria de pedra. Assistiu-se ainda ao desenvolvimento das técnicas de ataque, nomeadamente com o uso de trincheiras labirínticas ligadas entre si através de baterias e cavaleiros⁶³. Como adaptação ao terreno, era muitas vezes necessário construir-se uma falsa braga, algo que em Portugal raramente se nota. Nas fortificações modernas Holandesas havia sempre uma muralha medieval, algo que em Elvas também acontece⁶⁴. Os hornaveques e as obras coroas são tipicamente holandesas, bem como os revelins pequenos. Existe tanto nas fortificações holandesas como nas fortificações portuguesas o uso da proporção e o ângulo saliente do baluarte era sempre de 90°.

Mas quando uma fortificação era construída, tinha de haver um ajustamento da malha urbana, por vezes com o reaproveitamento de antigas estruturas defensivas.⁶⁵ Contudo, dado o grande número de engenheiros franceses que foi contratado na sequência da Restauração, pode-se afirmar que a escola francesa, tendo absorvido no seu próprio desenvolvimento características da escola holandesa, foi responsável pelo desenho de grande número de fortificações portuguesas.

É ainda importante referir que, desde 1647 que Luís Serrão Pimentel ensinava arquitectura militar na Aula da Fortificação em Lisboa, a fim de formar engenheiros portugueses que pudessem assegurar a continuação dos trabalhos começados. Foi nomeado engenheiro-mor do reino depois de 1671.

⁶¹ Op. Cit.

⁶² Op.Cit.

⁶³ BUCHO, Domingos (2010). *Métodos e escolas de fortificação abaluartada em Elvas. Systems and schools of bulwarked fortification adopted in Elvas*. Lisboa: Edições Colibri.

⁶⁴ Op.Cit.

⁶⁵ Op. Cit.

IV - Roteiro das Fortificações



Figura 1 - Mapa geral

Legenda:

1 - Torre de São Vicente de Belém; 2 - Forte do Bom Sucesso; 3 - Forte de Nossa Senhora da Conceição (Algés); 4 - Forte de São José de Ribamar; 5 - Forte de Nossa Senhora da Boa Viagem; 6 - Forte de Santa Catarina; 7 - Forte de Nossa Senhora do Vale; 8 - Forte de São Bruno; 9 - Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo; 10 - Forte de Paço de Arcos; 11 - Forte das Maias; 12 - Forte de Santo Amaro; 13 - Forte de Nossa Senhora das Mercês; 14 - Forte de São Julião da Barra; 15 - Forte/Farol do Bugio; 16 - Forte do Junqueiro; 17 - Forte de Santo António da Barra; 18 - Forte de São João da Cadaveira; 19 - Forte Velho; 20 - Forte de Santo António da Cruz; 21 - Forte de São Roque; 22 - Forte de Nossa Senhora da Conceição (Cascais); 23 - Forte de Santa Catarina (Cascais); 24 - Fortaleza de Nossa Senhora da Luz; 25 - Forte/Farol de Santa Marta; 26 - Forte de Nossa Senhora da Guia; 27 - Forte dos Oitavos; 28 - Forte de São Brás de Sanxete; 29 - Bateria Galé; 30 - Bateria Alta; 31 - Bateria Crismina; 32 - Forte do Guincho; 33 - Forte da Roca; 34 - Forte da Vigia; 35 - Forte do Magoito; 36 - Forte de Nossa Senhora da Natividade; 37 - Forte do Milreu; 38 - Forte do Paimogo; 39 - Forte de Nossa Senhora da Consolação; 40 - Muralhas da Cidade de Peniche; 41 - Forte de Cabanas; 42 - Forte de São Francisco de Peniche; 43 - Forte da Luz (Peniche); 44 - Forte de São Francisco das Berlengas.

Fonte: *Google Earth*

Objetivo

O principal objectivo deste roteiro é mostrar ao visitante as potencialidades culturais, patrimoniais, militares e turísticas do espaço em estudo. O espaço costeiro da Península de Lisboa foi muito cobiçado ao longo dos séculos, sendo desde o reinado de D. João II alvo de preocupações com a sua defesa.

O acesso à cidade régia, e comercial foi alvo preferencial de corsários e piratas (maioritariamente franceses e norte-africanos). Desta forma, a partir do século XV, a preocupação com a defesa foi um assunto prioritário. Assim, as fortalezas, fortes e baterias presentes neste roteiro irão ser abordados do ponto de vista da História da Arte, Conservação e Restauro e da História Militar, justificando a importância dada aos mesmos ao longo do tempo.

No final do roteiro serão mencionados alguns vestígios e ruínas encontrados no espaço delimitado. É de notar que os mesmos são vestígios importantes para a História da Arte e sobretudo para a História Militar (tendo em conta que ajudaram na defesa da barra do Tejo, criando um cordão fortificado que impedia ou minimizava qualquer hipótese de um adversário atacar a capital). Contudo, do ponto de vista turístico, não têm qualquer relevância.

LISBOA

Designação	Tipo	Acessibilidade
Torre de Belém	Baluarte/Torre	<p>Visitável: Baluarte adaptado a pessoas com mobilidade reduzida. Torre com escadaria em caracol sem adaptação para pessoas com mobilidade condicionada.</p> <p>Horário:</p> <p>Época Baixa (de Outubro a Abril): 10h – 17h30 (ultima entrada às 17h)</p> <p>Época Alta (de Maio a Setembro): 10h-18h30 (última entrada às 17h)</p> <p>Encerra: Todas as segundas-feiras; Dia 1 de Janeiro; Domingo de Páscoa; 13 de Junho (dia de Santo António e feriado de Lisboa) e 25 de Dezembro (Natal).</p> <p>Preçário:</p> <p>Bilhete Individual: 6 € / Bilhete de Grupo - É obrigatória a marcação prévia para grupos superiores a 50 pessoas; pode ser adquirido com a antecedência de um ano; não há devolução de bilhetes: Entrada livre: Domingos e Feriados das 10.00h às 14.00h - cidadãos residentes em território nacional (comprovação documental). Dimensão máxima do grupo: 100 pessoas</p>
Forte do Bom Sucesso	Forte	<p>Visitável. Espaço adaptado a pessoas com mobilidade condicionada.</p> <p>Horário: Todos os dias das 10h00 às 17h00</p> <p>Preçário: Público em Geral: 4 € / 3€ (estudantes, +65 anos, militares e grupos para mínimo de 15 pessoas) e grátis (para sócios da Liga dos Combatentes e crianças até aos 6 anos).</p>

Torre de São Vicente de Belém



Figura 2 - Torre de Belém (exterior)

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°41'29.32"N

9°12'57.40"W

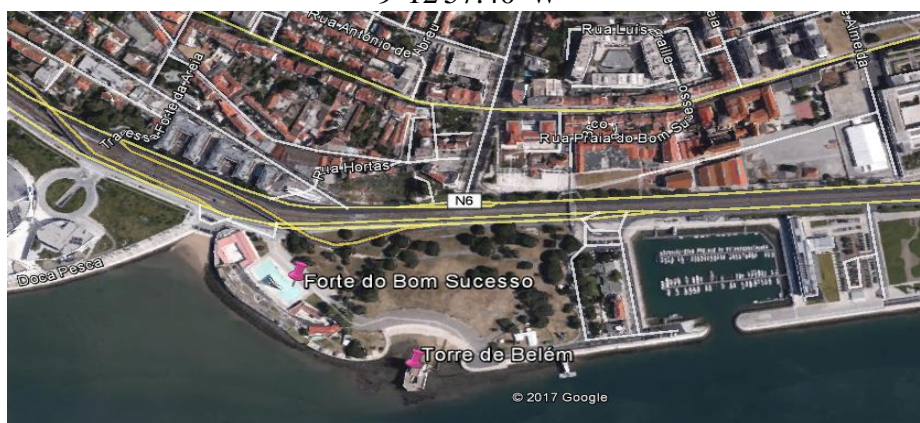


Figura 3 - Mapa de enquadramento - Torre de Belém

Fonte: *Google Earth*

*Poucos monumentos em Portugal serão tão conhecidos, e ao mesmo tempo tão desconhecidos, quanto a Torre de Belém.*⁶⁶

Torre datada de 1514, da responsabilidade de Francisco de Arruda (falecido em 1547), nomeado mestre de obras deste baluarte lisboeta. Estava localizada no meio do rio Tejo impedindo os piratas e corsários de desembarcarem e saquearem a cidade de Lisboa e cruzava fogo com o forte de São Sebastião de Caparica. Em finais do século XV foi criado um triângulo estratégico entre Cascais (Torre de Santo António), Porto Brandão/Caparica (Torre de S. Sebastião de Caparica) e Restelo/Belém (Torre de São Vicente de Belém). Deste triângulo defensivo, a Torre de Belém foi a última a ser construída, substituindo a nau que se encontrava a meio do rio Tejo, que cruzaria fogo com a Torre de São Sebastião de Caparica. Desta forma, o rei D. Manuel I contratou o mestre Francisco de Arruda (que possuía já um enorme conhecimento sobre estruturas defensivas) para assegurar a defesa desta entrada. Em 1580 começou um novo ciclo para esta torre. Sob o domínio espanhol transformou-se numa prisão de estado. É importante mencionar que neste período existia no terraço, uma construção que foi mais tarde destruída. Após 1640, esta fortaleza recuperou as funções de defesa que tinha antes da proclamação da independência. No século XVIII o Forte do Bom Sucesso foi construído, o que veio ajudar à defesa da cidade. Durante as invasões francesas foram feitas alterações pontuais no forte. No século XX passou para a tutela do estado português.⁶⁷

Relativamente à sua estrutura arquitectónica, a Torre de Belém pode ser dividida em duas partes:

- ➔ O Baluarte – pentagonal, equipado com 17 bocas de fogo e com uma pequena barbacã. A sua bateria é em forma de “U” e as troneiras como estavam localizadas a poucos metros da água permitiam ainda o tiro rasante. Já com sistema de ventilação, no ultimo piso localizava-se o paiol que depois chegou a ser usado como prisão política. No terraço, em 1589 foi instalado um quartel (e assim permaneceu até ao século XIX). Outro elemento arquitectónico de destaque são as guaritas, implementadas estrategicamente nos vértices desta fortaleza de inspiração magrebina.

⁶⁶MOREIRA, Rafael (1994), “A Torre de Belém” in MOITA, Irisalva (1994). *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte.

⁶⁷ Torre de Belém (2011), in *Sistema de informação do Património Arquitectónico* (2001 - 2017) [online], disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultado a 13 de Março de 2017.

A Torre – encontra-se dividida em quatro pisos, remetendo para um paralelismo entre a arquitectura militar e a arquitectura palaciana. De planta quadrangular e da autoria de Francisco de Arruda, é importante destacar a decoração exótica (de inspiração ultramarina) presente desde as cúpulas das guaritas aos capitéis com os nós e até ao curioso rinoceronte presente no exterior da torre. Os elementos militares predominam, como é o caso do uso de pontas de lança e pelouros. De invocação ao santo patrono de Lisboa (São Vicente), esta torre veio substituir a Nau que estaria localizada a meio da embocadura do Tejo para assegurar a defesa da mesma.⁶⁸

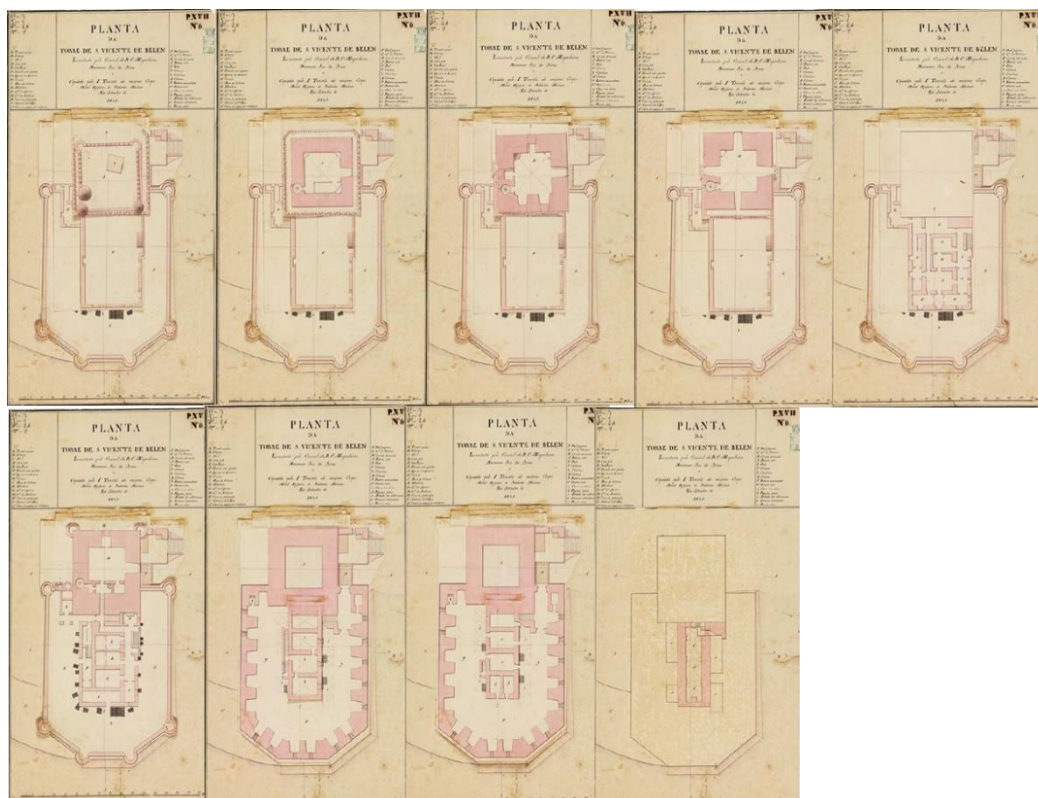


Figura 4 - Conjunto de plantas da Torre de Belém

Autores: Maximiano José da Silva Serra – 1825

Fonte: Biblioteca Geral do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1503V18A28F24.4601&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!278608~!1&ri=5&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Torre+de+Bel%C3%A9m&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=5&limitbox_6=LOC01+=+BDE)

⁶⁸ PEREIRA, Paulo (2006). *Portugal – Património Cultural*. Madrid: Pandora, Imagem e Comunicação, Lda.

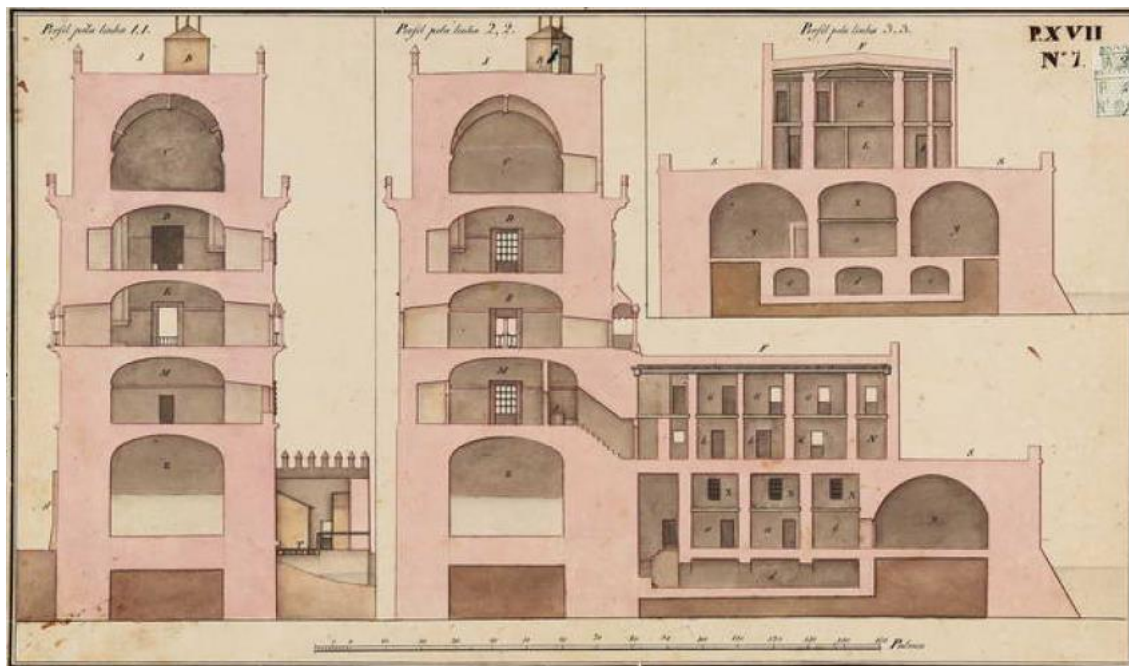


Figura 5 - Perfis da Torre de Belém

Autores: Maximiano José da Serra – Sem data

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1503V18A28F24.4601&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!278609~!2&ri=9&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Torre+de+Bel%C3%A9m&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=9&limitbox_6=LOC01+=+BDE)

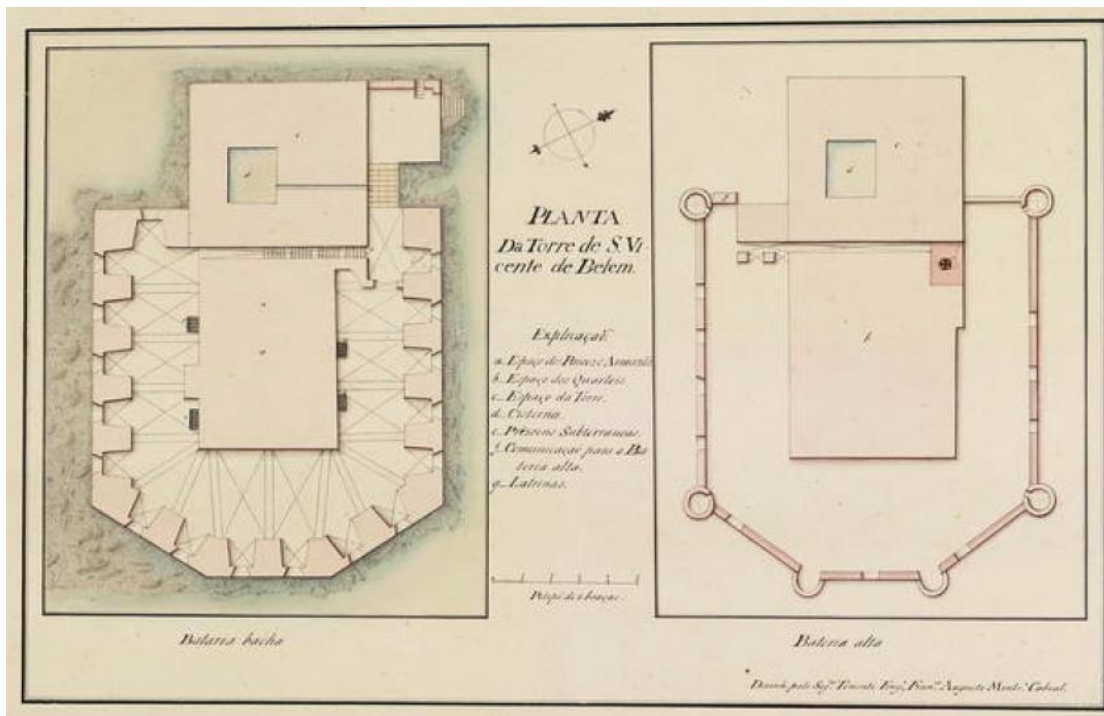


Figura 6 - Planta da Torre de Belém

Autores: Francisco Augusto Monteiro Cabral – Sem Data

Fonte: Biblioteca Geral do Exército

(<http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1503V18A28F24.4601&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!278613~!5&ri=11&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp>)



Figura 7 - Interior do Baluarte

Fotografia tirada por: Luis Vieira



Figura 8 - Exterior da Torre e enquadramento da Torre de Belém com o Forte de São Sebastião de Caparica

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte do Bom Sucesso



Figura 9 - Forte do Bom Sucesso

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

$38^{\circ}41'32.63''\text{N}$

$9^{\circ}13'5.22''\text{W}$

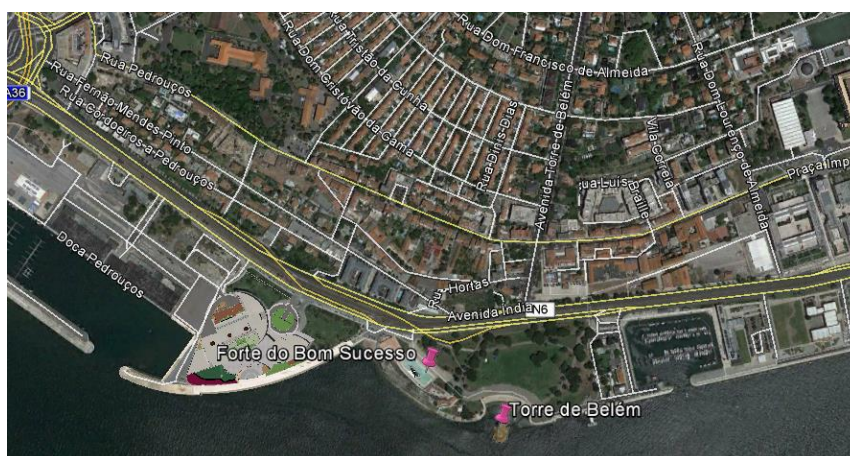


Figura 10 - Mapa de enquadramento - Forte do Bom Sucesso

Fotografia: *Google Earth*

Construído já no século XVIII, este forte assegurou a defesa da cidade de Lisboa quando a Torre de Belém perdeu o seu valor estratégico, em parte devido ao avanço da artilharia naval.

Devido a sua proximidade do mar, este forte teve de ser restaurado diversas vezes e ao longo dos anos foi perdendo também a sua importância militar.

De planta pentagonal e definido por oito corpos retangulares, observa-se uma clara adaptação ao terreno. Equipado com casamatas e com a artilharia mais recente, é ainda de destacar o ano de 1808 quando o Marechal Junot determina que o forte seja ligado à Torre de Belém através de uma bateria corrida.⁶⁹

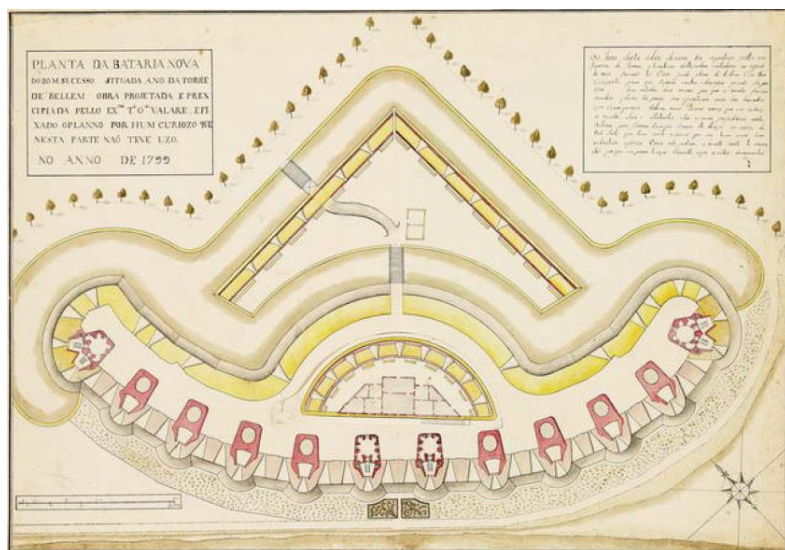
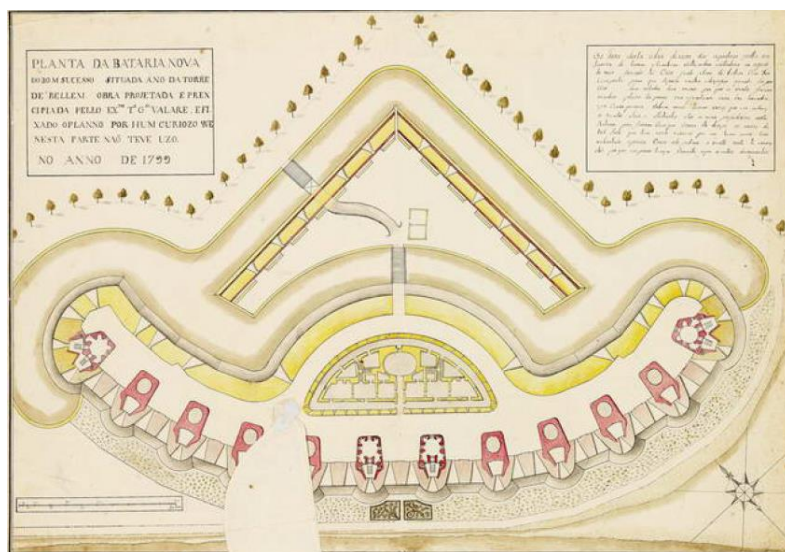


Figura 11 - Plantas do Forte do Bom Sucesso

Autor: Guilherme António Luis de Valleré

Fonte: Biblioteca Geral do Exército



(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=15134A3W26337.4611&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!278736~!9&ri=1&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=bom+sucesso&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=1&limitbox_6=LOC01+=+BDE)

⁶⁹ Forte do Bom Sucesso (2011), in *Sistema de informação do Património Arquitectónico* (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultado a 14 de Março de 2017.



Figura 12 - Interior do Forte do Bom Sucesso

Fotografia tirada por: Luís Vieira



Figura 13 - Forte do Bom Sucesso visto de cima

Fotografia tirada por: Luís Vieira

OEIRAS

Nome	Designação	Acessibilidade
Forte de Nossa Senhora da Conceição	Vestígio	Visitável, apenas um troço da muralha está acessível.
Forte de São José de Ribamar	Vestígio	É acessível, mas não é visitável (propriedade privada).
Forte de Nossa Senhora da Boa Viagem	Vestígio	É acessível, mas não é visitável.
Forte de Nossa Senhora do Vale	Vestígio	É acessível.
Forte de São Bruno	Forte	É acessível, no piso térreo está adaptado a pessoas com mobilidade condicionada. Horário: Todos os dias das 9h as 13h e das 14h as 17h. Preço: gratuito
Forte da Giribita	Forte	É acessível, mas não é visitável (encerrado ao público).
Forte de Paço de Arcos	Vestígio	É acessível, no entanto só a porta de armas está preservada.
Forte das Maias	Forte	É acessível apenas ao exterior.
Forte de Santo Amaro	Forte	É acessível apenas ao exterior.

Forte de Nossa Senhora das Mercês	Forte/Pousada da Juventude de Oeiras	É acessível, no entanto, do forte apenas resta o exterior e a Bateria da Feitoria (que se encontra atrás do mesmo).
Fortaleza de São Julião da Barra	Fortificação	Para visitar a Fortificação: enviar um email para o Chefe do Gabinete de Sua Excelência o Ministro da Defesa Nacional Ministério da Defesa Nacional a indicar: o dia, a hora, o numero de pessoas por visita (sendo o máximo de 25 pessoas), o nome do requerente e o contacto.
Forte do Bugio	Forte	Acessível apenas em duas alturas no ano (geralmente na ultima semana de Julho e na primeira semana de Agosto), sendo que as visitas são realizadas pelo Dr. Joaquim Boiça em grupos de 60 pessoas. Os interessados devem enviar um email para o endereço da Associação Espaço e Memória a informarem o dia, os contactos e o número de pessoas. A visita tem duração de 1h e um custo de 25€ por pessoa e a viagem tem a duração de 3/5 minutos em barcos “lanchas semi-rígidas”. São aceites crianças com mais de 6 anos.

Forte de São Bruno de Caxias



Figura 14 - Exterior do Forte de São Bruno

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°41'52.21"N

9°16'29.36"W



Figura 15 - Mapa de enquadramento - Forte de São Bruno

Fonte: *Google Earth*

Datado do século XVI no contexto da restauração, este forte costeiro caracteriza-se pela sua planta poligonal simétrica composta por meios baluartes na frente-mar, sendo o seu corpo central de planta quadrada.⁷⁰ Com um portal simples, este é encimado pelas armas de Portugal com uma lapide que assinala a data de construção bem como o mandatário deste forte.

Foi construído de modo a cruzar fogo com o forte de Nossa Senhora do Vale e com o Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo. Apesar de pequenas dimensões, este forte possuía um grande poder de fogo. O interior dá acesso à praça de armas que orienta o militar até ao paiol de armas e de pólvora e aos corpos da guarda. No final do século XVIII, em 1777, não estava a funcionar sendo habitado por familiares de militares. Foi ocupado pelas tropas de D. Miguel (1831-1832) e no século XX passa para a tutela do estado.⁷¹

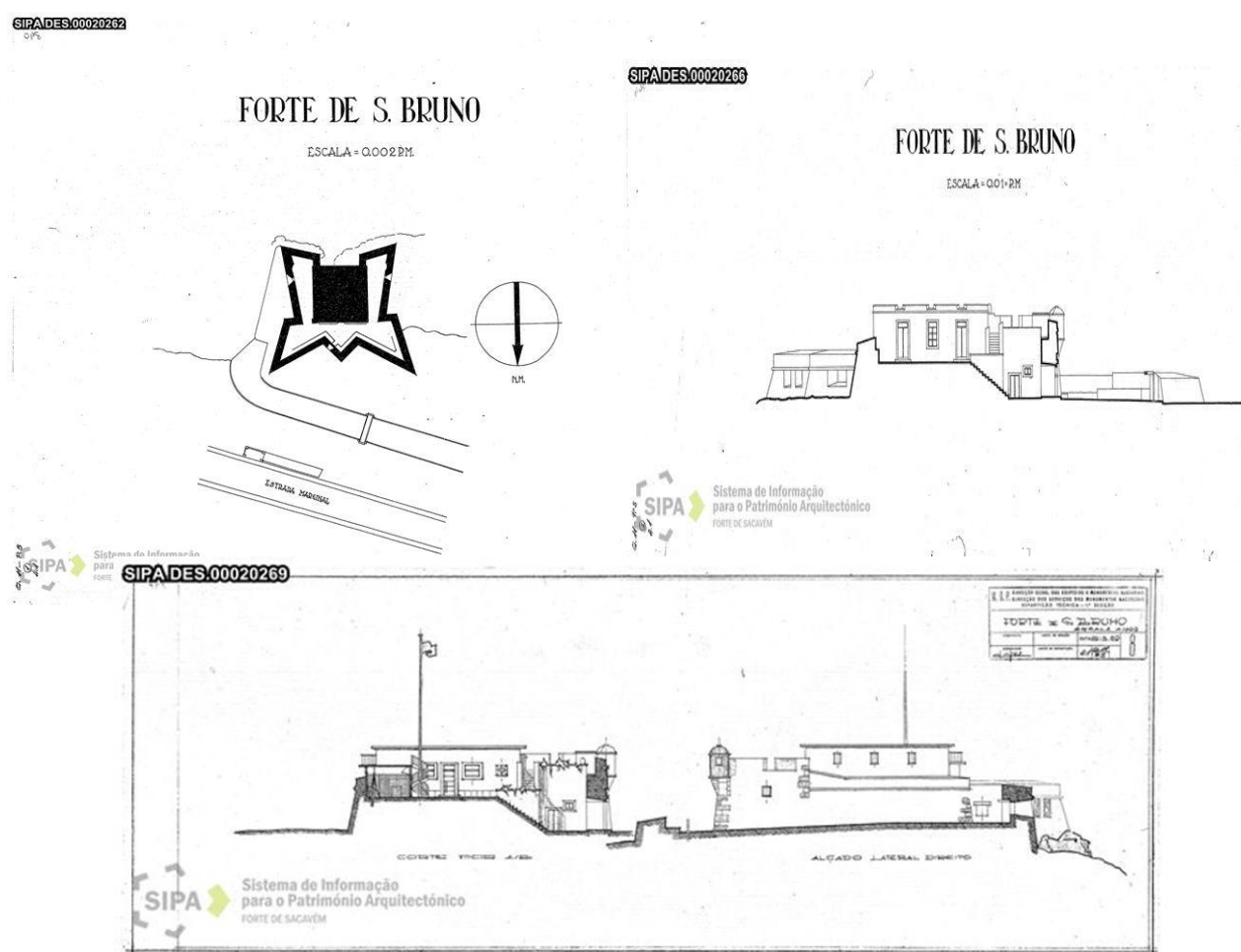


Figura 16 - Plantas do Forte de São Bruno

Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6080

⁷⁰ Op. Cit.

⁷¹ Forte de São Bruno (2011) [online], disponível em:

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6080, in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultados a 20 de Março de 2017.



Figura 17 - Interior do Forte de São Bruno

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte da Giribita – Nossa Senhora de Porto Salvo



Figura 18 - Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo/Giribita

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°41'50.38"N

9°16'56.98"W



Figura 19 - Mapa de Enquadramento - Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo / Giribita

Fonte: *Google Earth*

Bateria do Guincho, Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo ou Forte da Giribita, de planta pentagonal irregular, este forte possui um corpo retangular que levava a guarnição a um pátio onde era feita a distribuição interna. Com um portal caracterizado pela sua simplicidade, bem como a predominância de linhas rectas. Encontra-se ainda uma lapide com a data de construção bem como o rei que comandou a construção desta fortificação. Em 1649 a Giribita sofreu obras de reconstrução, por iniciativa de D. António Luís de Menezes, membro do Conselho de Estado e do Conselho de Guerra, no reinado de D. João IV.⁷² Durante vários séculos foi guarnecido e em 1832 (aquando da Guerra Civil) foi novamente guarnecido. Em 1877 foi entregue à Comissão de Defesa de Lisboa e do seu Porto. Em 1942, este forte é entregue ao Ministério das Finanças e para a Junta Autónoma das Estradas. Em 1974 foi entregue à Marinha de Guerra. Não é visitável, sendo apenas visível o seu exterior.⁷³

⁷² Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo/Forte da Giribita (2011) [online], disponível em: http://www.monumentos.pt/site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6803, in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultados a 22 de Março de 2017.

⁷³ CALISTO, Carlos Pereira (1986). *Fortificações Marítimas e fluviais do Concelho de Oeiras*, Oeiras: Câmara Municipal.

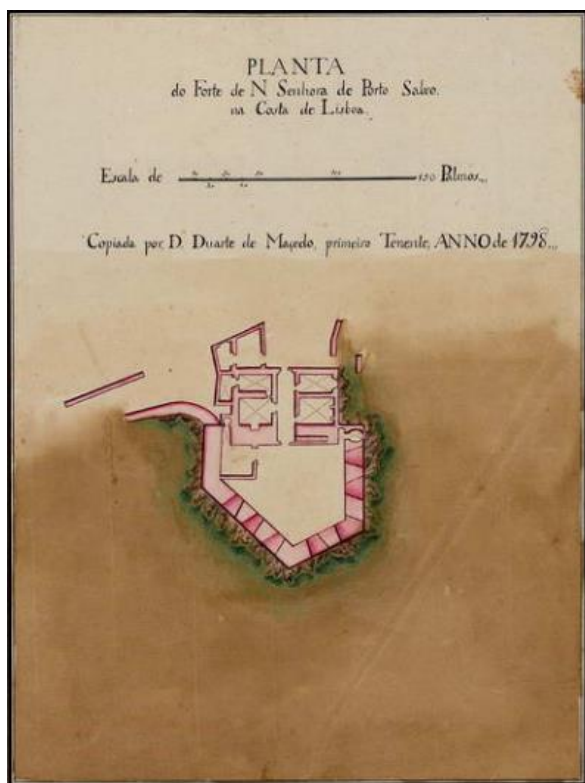


Figura 20 - Planta do Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo/Giribita

Autores: Duarte de Macedo – 1798

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=S_B03T92050865.4743&profile=bde&uri=full=3100024~!281696~!1&source=~!dglb&ri=3&aspect=subtab260&menu=search&&ipp=20&spp=20&term=Forte+nossa+Senhora+de+Porto+Salvo&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=3&limitbox6=LOC01+=+BDE)



Figura 21 - Exterior do Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte de São João das Maias



Figura 22 - Forte de São João das Maias

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

$38^{\circ}41'7.42''\text{N}$

$9^{\circ}18'16.75''\text{W}$



Figura 23- Mapa de enquadramento - Forte das Maias

Fonte: *Google Earth*

De planta pentagonal irregular trapezoidal, com guaritas cilíndricas e paralelepipedais, o seu interior é caracterizado por um corredor transversal que liga as diferentes partes do forte. Em 1644 começou a sua construção por Álvaro de Sousa, e ficou concluído em 1653 (informações que constam na lápide da Porta de Armas). Com o terramoto de 1755, este forte foi bastante atingido, sendo a capela a parte mais afetada deste forte. Anos mais tarde (já em 1769) foi acrescentado com um maior poder de fogo.⁷⁴

Ao longo dos anos foi perdendo o seu valor militar até, no século XX onde serviu como colónia de férias e mais tarde acabou por cair ao abandono.

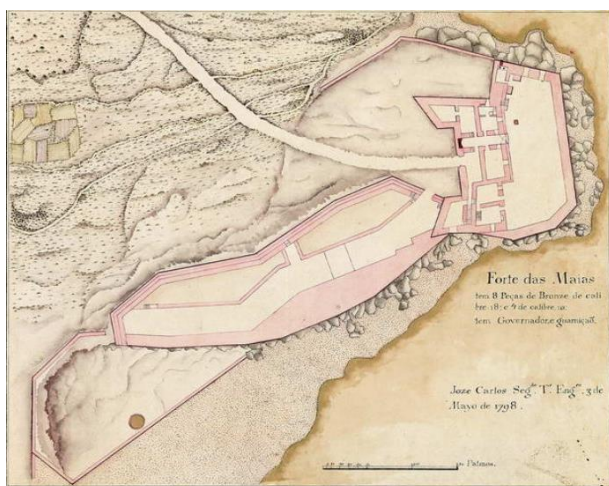


Figura 24- Planta do Forte das Maias

Autores: José Carlos de Figueiredo – 1798

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=EW035H6090414.4812&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!286162~!22&ri=1&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Forte+das+maias&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=1&limitbox_6=LOC01+=+BDE)

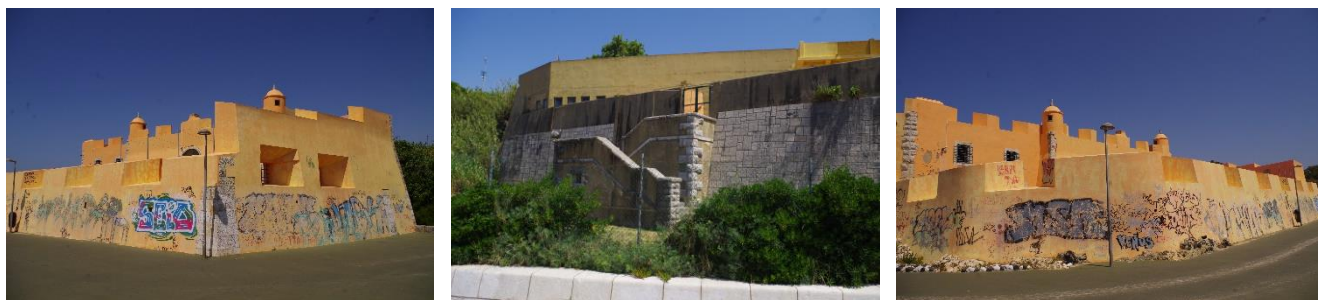


Figura 25 - Forte de São João das Maias

Fotografia tirada por: Luis Vieira

Forte de Santo Amaro



Figura 26 - Forte de Santo Amaro

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°40'52.42"N

9°18'53.27"W

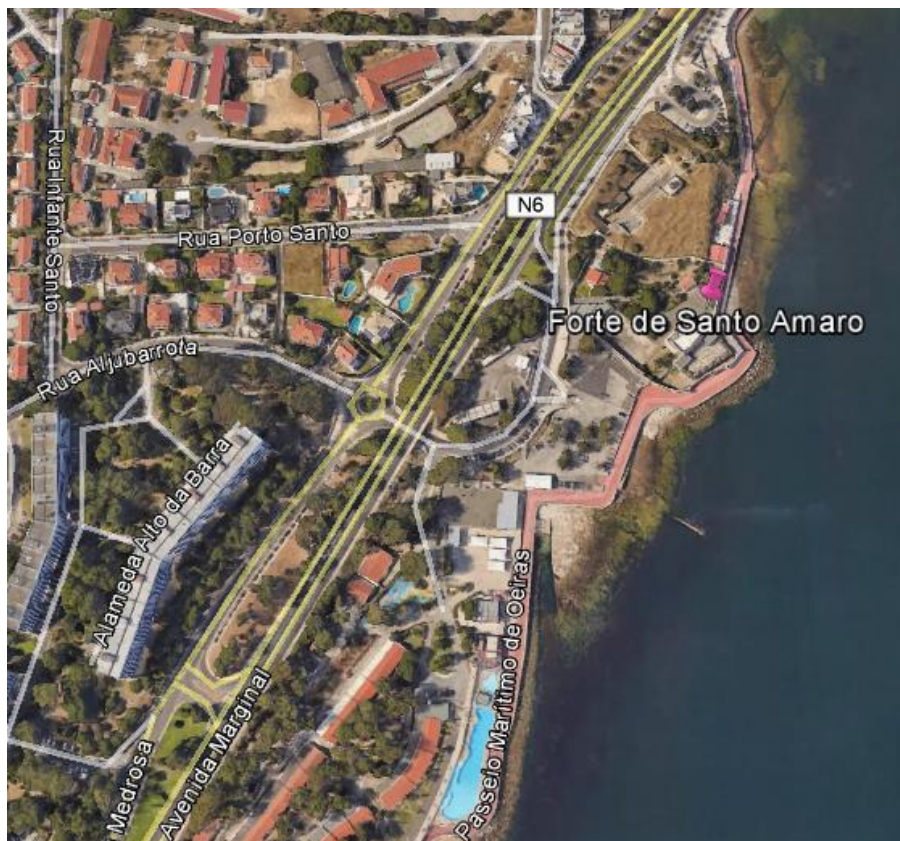


Figura 27 - Mapa de enquadramento - Forte de Santo Amaro

Fonte: *Google Earth*

Também chamado como forte do Areeiro, este forte foi erguido em 1647 sobre a orientação de D. António Luís de Meneses e as obras de construção terminaram já no reinado de D. Afonso VI. Era reforçado com uma linha entrincheirada que conduzia até ao forte das Maias. Sabe-se que em 1763 com o forte encontrava-se artilhado e guarnecido.⁷⁵

Com o tempo foi caindo ao abandono e desta forma começou a degradar-se sendo recuperado já no século XIX.

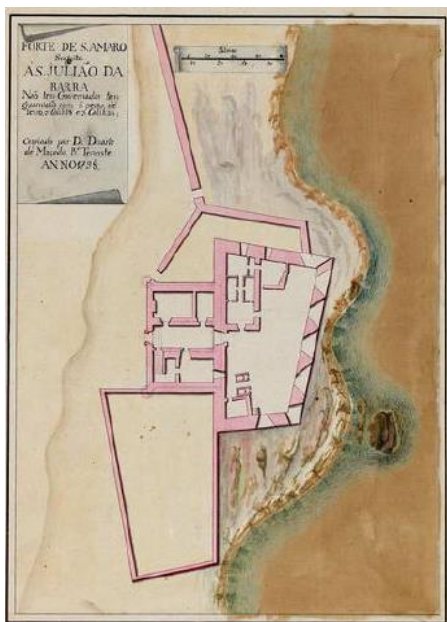


Figura 28 - Planta do Forte de Santo Amaro

Autores: José Carlos de Figueiredo – 1798

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=BL035138P7772.4824&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!282524~!0&ri=2&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Forte+de++Santo+Amaro&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=2&limitbox_6=LOC01++BDE)



Figura 29 - Forte de Santo Amaro

Fotografia tirada por: Luis Vieira

⁷⁵ Op. Cit.

Forte de Nossa Senhora das Mercês de Catalazete



Figura 30 - Forte de Nossa Senhora das Mercês de Catalazete

Foto tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°40'39.85"N

9°19'2.54"W

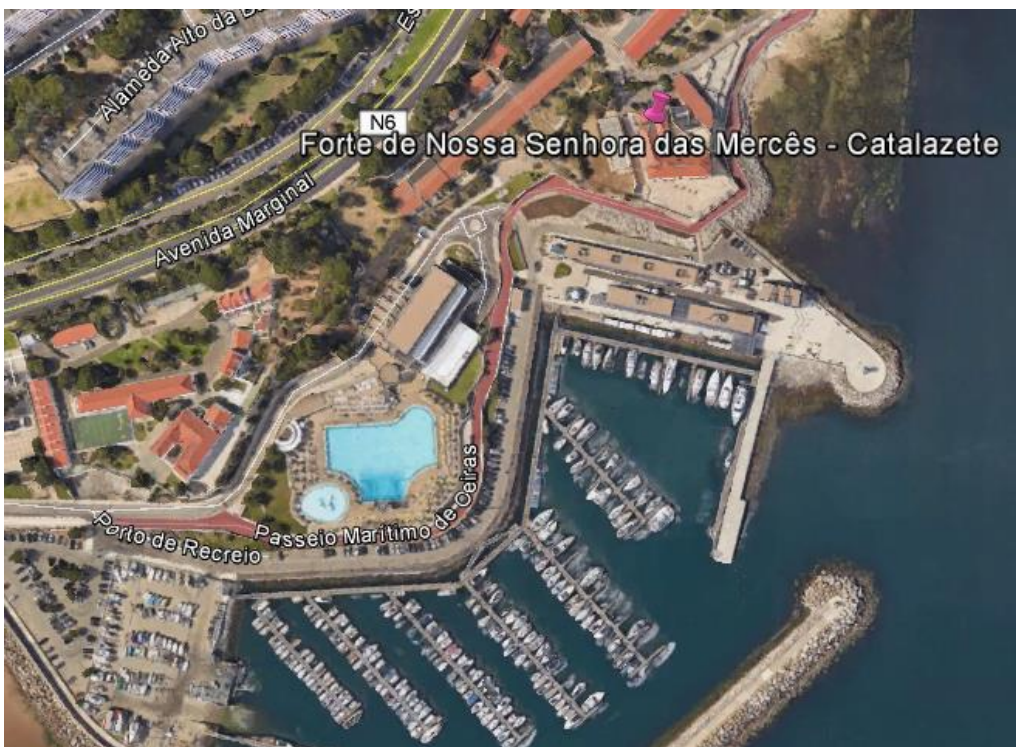


Figura 21 - Mapa de enquadramento do Forte de Nossa Senhora das Mercês de Catalazete

Fonte: *Google Earth*

Datado do século XVIII (1762) com o reino ainda fragilizado pelo terramoto de 1755, Sebastião José de Carvalho e Melo desviou a sua atenção e dedicou-se a reconstruir a cidade de Lisboa não descuidando o reforço a defesa das praias adjacentes entre Catalazete e o Forte de São Julião da Barra. No entanto chamou o conde Schaumbourg- Lippe com o objectivo de reorganizar o exercito português.⁷⁶

Primeiramente foi construída como uma bateria, composta por um parapeito em alvenaria fechado por um pequeno muro envolvente. Foi guarnecido e artilhado aquando da guerra dos Sete Anos (1756 - 1763). Em 1888 é alugado por José Mendonça Cortês e um século mais tarde foi adaptado a Pousada da Juventude. De planta pentagonal irregular, no seu interior observa-se uma planta trapezoidal, com muros guarnecidos por guaritas retangulares. Em 1805 este forte foi artilhado. Com a guerra entre Liberais e Absolutistas este forte foi abandonado. No século seguinte, com a construção da Avenida Marginal o forte foi entregue ao Ministério das Finanças para que

este fosse recuperado.⁷⁷

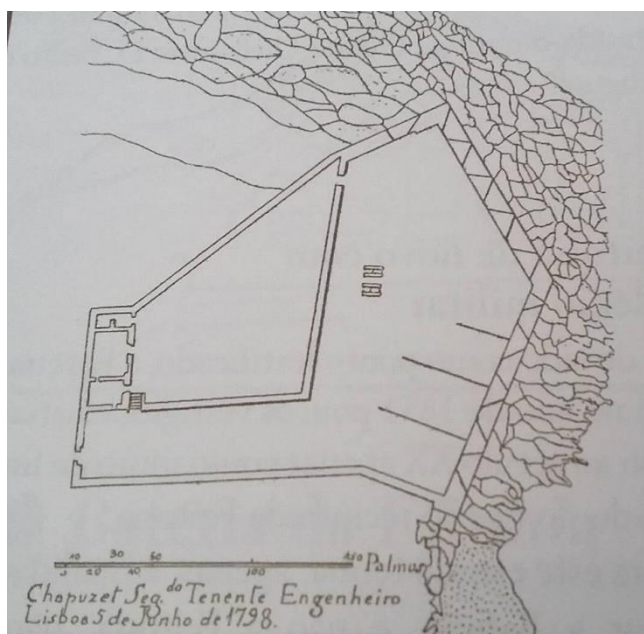


Figura 32 - Planta do Forte de Nossa Senhora das Mercês de Catalazete

Fonte: CALISTO, Carlos Pereira (1986). *Fortificações Marítimas e fluviais do Concelho de Oeiras*, Oeiras: Câmara Municipal, Pp: 22

⁷⁶ Op. Cit

⁷⁷ Forte de Nossa Senhora das Mercês / Forte de Catalazete (2011) [online], disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6814, in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultados a 24 de Março de 2017

Fortaleza de São Julião da Barra



Figura 33 - Forte de São Julião da Barra

Fotografia Tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°40'29.31"N

9°19'31.22"W

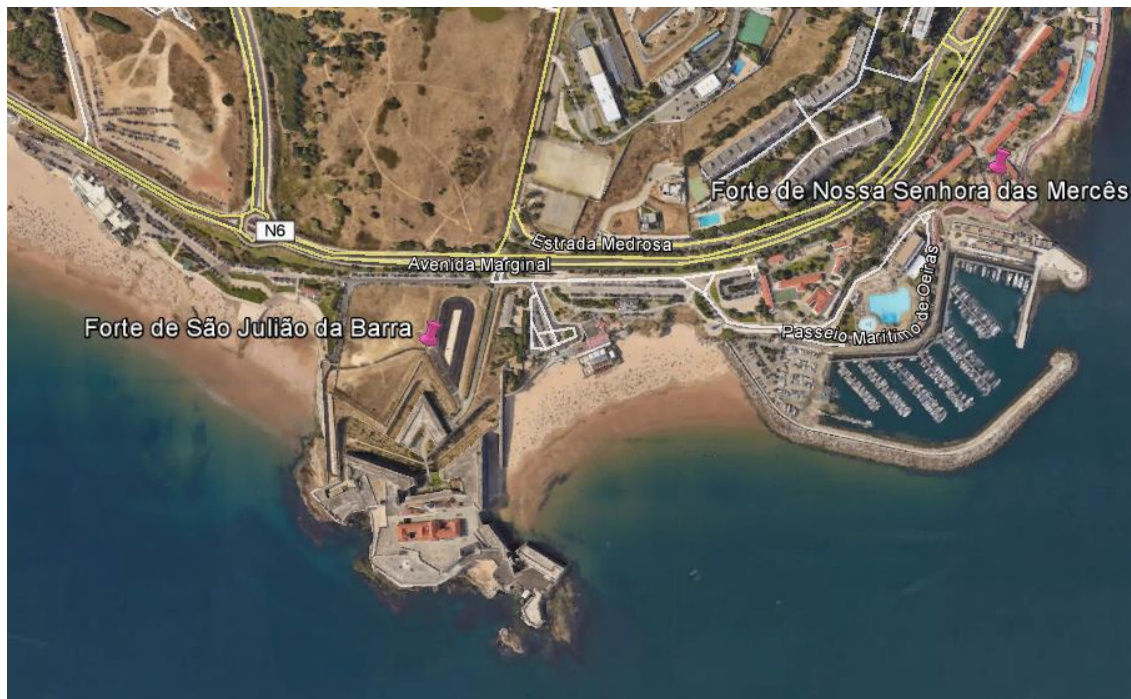


Figura 34 - Mapa de enquadramento - Forte de São Julião da Barra

Fonte: *Google Earth*

Edificado nos últimos anos do reinado de D. João III (1553), no entanto ainda não há certezas quanto a esta data. Perante a constante ameaça de ataques à cidade de Lisboa sobretudo de piratas e corsários Franceses, Ingleses e Turcos, tornou-se urgente fortificar esta possível entrada na Capital.

Um dos nomes mais importantes foi, sem dúvida o Arquitecto Miguel de Arruda (nomeado mestre de obras desta construção), assim como Filipo Terzi, Leonardo Turriano e Capitão Fratino.

Em 1580 o exercito espanhol toma este forte pelo lado terra e em 1640 foi tomado pelo exercito português na aclamação da independência portuguesa.⁷⁸

De planta irregular, pentagonal, com o fosso rematado por muralhas e de uma grande complexidade arquitetónica, um dos pontos que mais se destaca é a cisterna, com três naves diferentes e abóbadas de cruzaria. Com algumas semelhanças com a Fortaleza de Basso em Florença, no entanto com claras adaptações à realidade nacional sobretudo pela simetria e proporções⁷⁹. Em 1573 foi usado como cárcere que cumpriam pena e trabalhavam nas obras da fortificação. Em 1582 Filipe II mandou fazer obras de ampliação acrescentando os Baluartes de S. Pedro e de S. Filipe, sob o comando de Giacomo Pelearo. Em 1597, Leonardo Turriano inicia o período do comando das obras até 1640 onde a fortaleza foi atacada e reconquistada pelos portugueses, na queda do governo espanhol. Após o terramoto de 1755 (cerca de 4 anos depois), Sebastião José de Carvalho e Melo, usou este forte como prisão para 124 jesuítas e ainda foi construída a torre do Farol. Em 1807, foi tomado pelas tropas francesas e dois anos depois, foi incorporado nas Linhas de Torres.⁸⁰

⁷⁸ Forte de São Julião da Barra (2011) [online], disponível em: http://www.monumentos.pt/site/app_pagesuser/SIPA.aspx?id=2343, in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultados a 30 de Março de 2017.

⁷⁹ CARITA, Rui (2007). *O Escudo Do Reino : A Fortaleza De São Julião Da Barra*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.

⁸⁰ Calisto, Carlos Pereira (1980). *Resumo histórico da Torre ou Fortaleza de São Julião da Barra*. Lisboa: Estado-Maior-General das Forças Armadas.

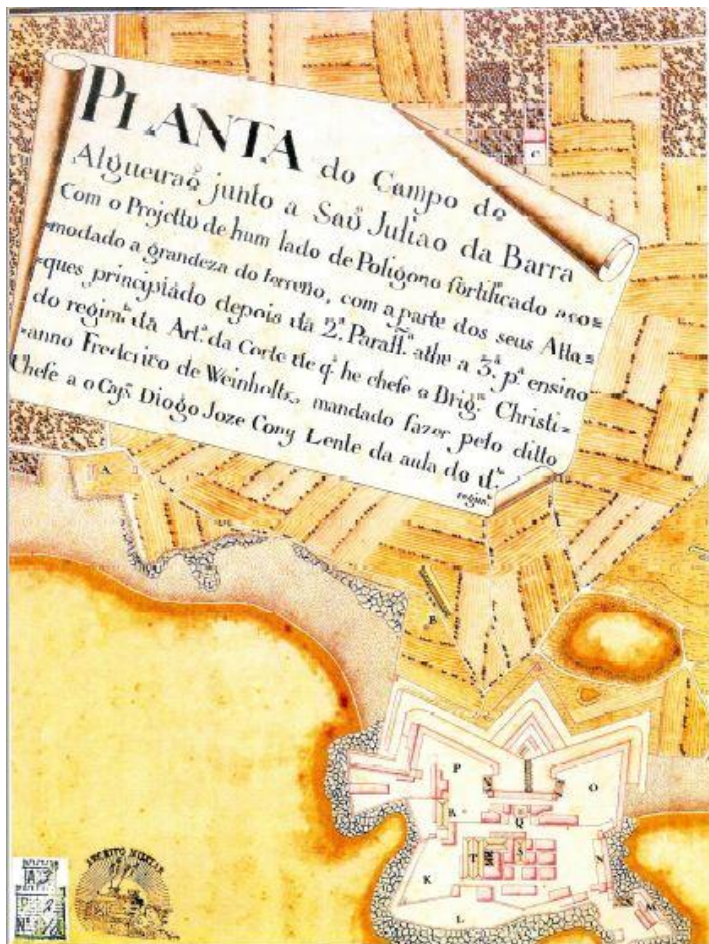


Figura 35 - Plantas do Forte de São Julião da Barra

Fonte: CARITA, Rui (2007). *O Escudo Do Reino : A Fortaleza De São Julião Da Barra*. Lisboa: Ministério da Defesa Nacional.



Figura 36 - Forte de São Julião da Barra

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte de São Lourenço da Cabeça Seca – Bugio



Figura 37 – Bugio

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°39'37.64"N

9°17'56.10"W

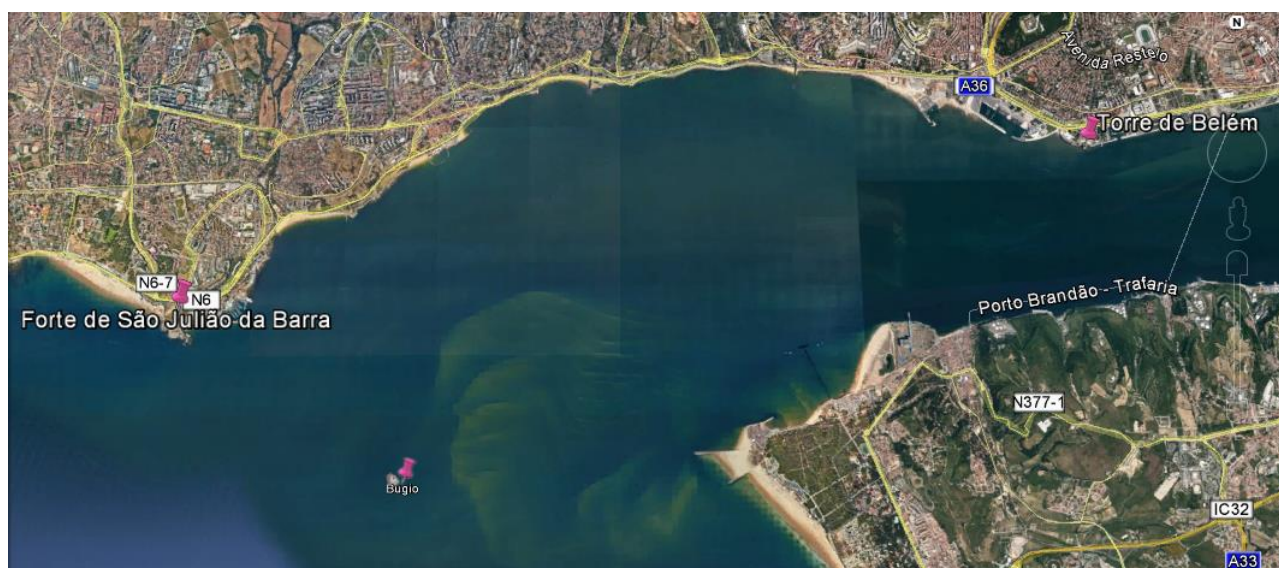


Figura 38 - Mapa de enquadramento - Forte/Farol do Bugio

Fonte: *Google Earth*

Com os problemas de defesa da linha Lisboeta, tornou-se clara a urgência de prolongar a defesa da Capital até Oeiras sobretudo tirando partido das defesas naturais. Devido aos seus perigos, as embarcações só poderiam entrar na barra se estivesse ventos e marés favoráveis e se as mesmas fossem conduzidas por pessoas experientes.

Os constantes ataques da pirataria Turca e Francesa, principalmente em 1552 mostraram que era, efetivamente urgente assegurar a defesa desta entrada para o reino. Com a construção do forte de São Julião da Barra, o interesse no areal que ficava a sua frente, surgiu a ideia da construção que apoiasse o Forte de São Gião e que pudesse até trocar fogo com o mesmo. Esta ideia resultou em Maio de 1580 com uma planta de Filippo Terzi, a ideia de uma nova construção em madeira começou a surgir. No entanto, não passou de apenas uma ideia vista que a mesma nunca chegou a ser construída. Com Casale, uma planta é construída, desta vez, com formato circular lançando já implementando as suas fundações. Em 1571, Francisco de Holanda menciona, na sua obra *Da Fábrica que falece a cidade de Lisboa* que seria importante construir-se uma fortaleza no meio da barra do Tejo. Em 1578 D. Sebastião entrega a construção do forte em madeira a D. António de Almeida. Mais tarde este forte foi destruído pelo mar. Em 1586 D. Filipe II convida Casale a melhorar o sistema defensivo. Ponderou-se a ideia de a construção ser estrelada, no entanto a mesma foi rapidamente abandonada devido as constantes investidas do mar e da dificuldade e tempo de demora da sua construção. De formato circular, separado por dois pisos com a muralha também circular, esta fortaleza constitui um grande exemplo de arquitectura renascentista de planta circular, inspirada no Castel de Sant'Angelo de Roma. Na praça de armas encontra-se o farol.⁸¹ Este segundo forte teve também a intervenção de Leonardo Turriano e após a morte de Casale e em 1640 a fortificação foi tomada aos espanhóis. No século seguinte o forte passou a ser independente do forte de São Julião da Barra. Com as invasões Napoleónicas, este forte foi tomado pelo tropas invasoras.⁸²

⁸¹ Boiça, Joaquim (2000). *A Barra do Tejo. O eixo de São Julião da Barra – Bugio*. Oeiras: Camara Municipal de Oeiras.

⁸² Boiça, Joaquim (2004). *O Forte e Farol do Bugio: São Lourenço da Cabeça Seca*. Oeiras: Fundação Marquês de Pombal.



Figura 39 - Plantas do Forte do Bugio

Autores: Maximiano José da Serra – 1828

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1Q035V2707194.4966&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!277623~!0&ri=1&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Bugio&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=1&limitbox_6=LOC01+=+BDE)

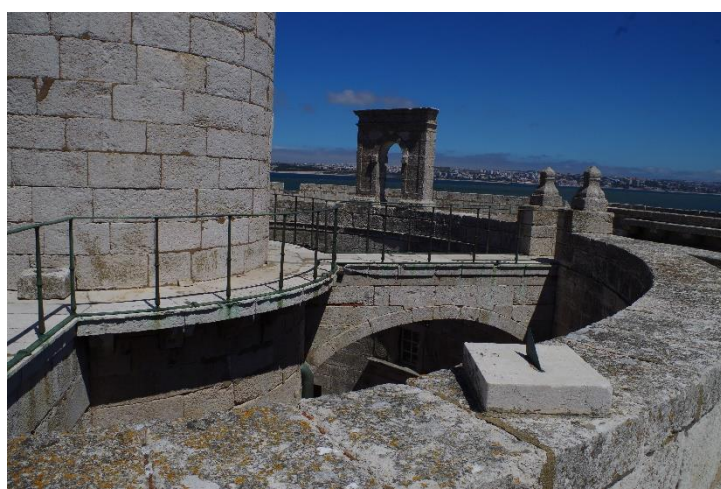
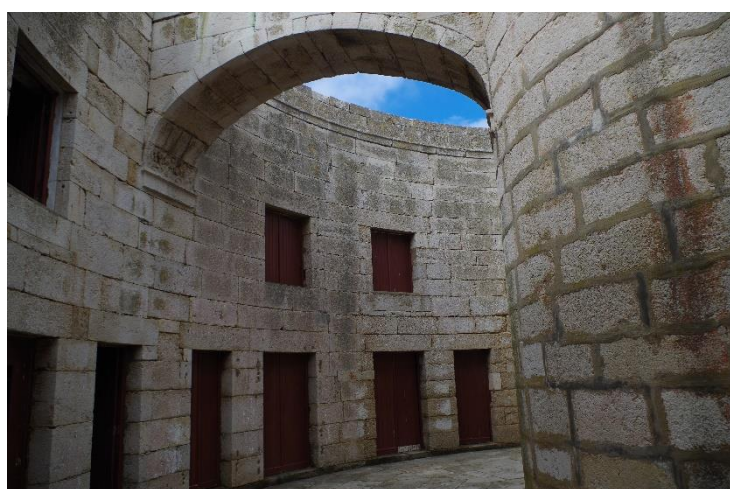


Figura 40 - Forte/Farol do Bugio

Fotografia tirada por: Luís Vieira

CASCAIS

Designação	Tipo	Acessibilidade
Forte do Junqueiro	Vestígio	Acessível, mas não visitável (propriedade privada).
Forte de Santo António da Barra	Forte	Não visitável
Forte de São João da Cadaveira	Forte	Acessível a pessoas com mobilidade reduzida, mas visita ao interior não aconselhável.
Forte Velho	Forte	Acessível a pessoas com mobilidade reduzida, mas visita ao interior não aconselhável.
Forte de Santo António da Cruz	Forte/Hotel	Acessível a pessoas com mobilidade reduzida, mas visita ao interior não aconselhável (a menos que seja hóspede).
Forte de Santo António do Estoril	Forte/Casa de Chá/Bar	Acessível a pessoas com mobilidade reduzida, mas visita ao interior não aconselhável (a menos que seja consumidor do bar).
Forte de São Roque	Forte/Casa particular	Acessível, mas não visitável (propriedade privada).
Forte de Nossa Senhora da Conceição	Vestígio	Acessível, mas não visitável (propriedade privada).

Forte de Santa Catarina	Vestígio	Acessível, mas não visitável (propriedade privada).
Fortaleza de Nossa Senhora da Luz	Fortaleza	Acessível a pessoas com mobilidade reduzida. Gratuito. Horário: de Terça-feira a Domingo, das 10h as 17h. Encerra às 2 ^{as} . Entrada pelo passeio D. Maria Pia
Forte/Farol de Santa Marta	Forte/Farol	Acessível a pessoas com mobilidade condicionada. Horário: de 3 ^a a 6 ^a , das 10h as 17h, Sábado e Domingo: das 10h as 13 e das 14h as 17h. Encerra: 2 ^a Feira. Preço: 3€
Forte de Nossa Senhora da Guia	Forte	Acessível, mas não visitável.
Forte de São Brás de Sanxete	Forte/Farol	Pouco acessível. Não visitável.
Baterias Galé; Alta; Crismina	Vestígios	Galé: acessível, mas não visitável (espaço adaptado a hotel); Alta: acessível, mas não visitável (espaço adaptado a restaurante); Crismina: acessível. Gratuito.
Forte do Guincho/Abano	Forte	Pouco acessível devido ao difícil acesso. Visitável no exterior.

Forte de Santo António da Barra



Figura 41 - Forte de Santo António da Barra

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°41'54.68"N

9°23'2.41"W

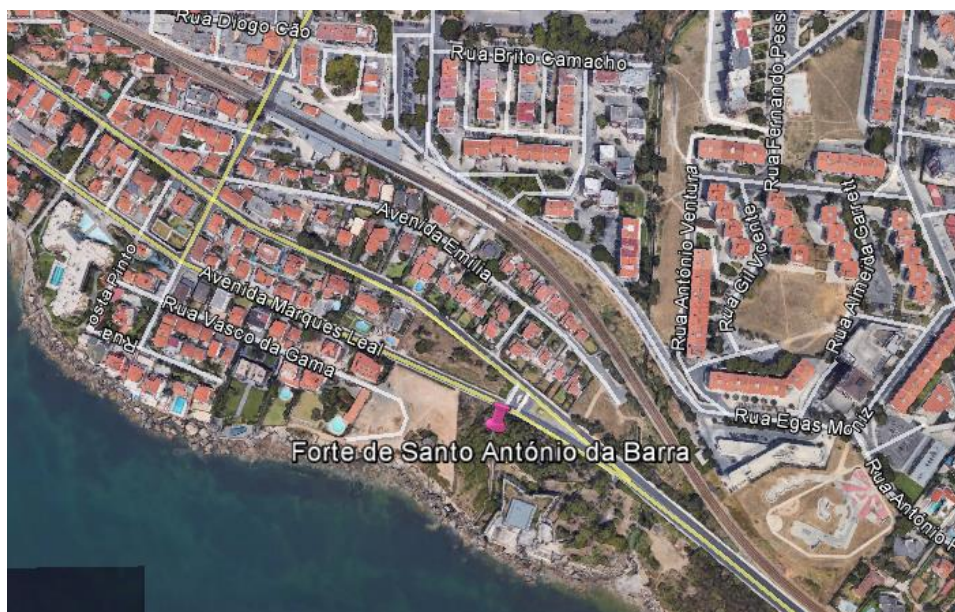


Figura 42 - Mapa de enquadramento - Forte de Santo António da Barra

Fonte: Google Earth

Da autoria do italiano frei Vincenzo Casale (encarregue da ampliação da torre de Belém e da construção do Bugio), que foi incumbido de construir neste lugar uma fortificação que ajudasse a impedir o avanço de embarcações inimigas sobre a costa cascalense e, por conseguinte, impedir a entrada de tropas adversárias sobre a capital do Reino. A estrutura defensiva era composta por uma linha de mosquetearia virada a terra. Este plano não foi posto em prática mesmo após aprovação de Filipe I.

Procedeu-se então à reformulação deste projeto. Casale propôs uma planta quadrangular, com os quatro ângulos abaluartados, sendo a bateria (à semelhança dos fortes que foram e irão ser mencionados) virada para o mar, em conjunto com o corpo da guarda ligando uma ponte levadiça (o que leva a crer a existência de um fosso). No centro existiam os quartéis, armazéns e a capela. Este projecto foi aprovado e desta vez foi implementado, iniciando-se os seus trabalhos em 1591 sendo usado antes mesmo dos acabamentos exteriores estarem concluídos.

Com o passar do tempo, esta fortaleza foi precisando de obras e de pequenas recuperações. Aquando das mesmas aumentou também a capacidade de fogo, construindo-se assim uma torre alta. Já no período da Restauração, o Forte de Santo António estava quase em ruínas, piorando a cada década até inícios do século XVIII quando o interior foi restaurado, sendo incluído na campanha de obras de restauro das fortificações de Cascais de 1762/63. No final do século XIX foi completamente remodelado para adquirir funções administrativas e, a partir de 1915, passou a ser o campo de férias do Instituto de Odivelas. Aquando do Estado Novo foi residência de Verão de António de Oliveira Salazar.⁸³

⁸³ Forte de Santo António da Barra (2011) in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultado a 26 de Março de 2017.

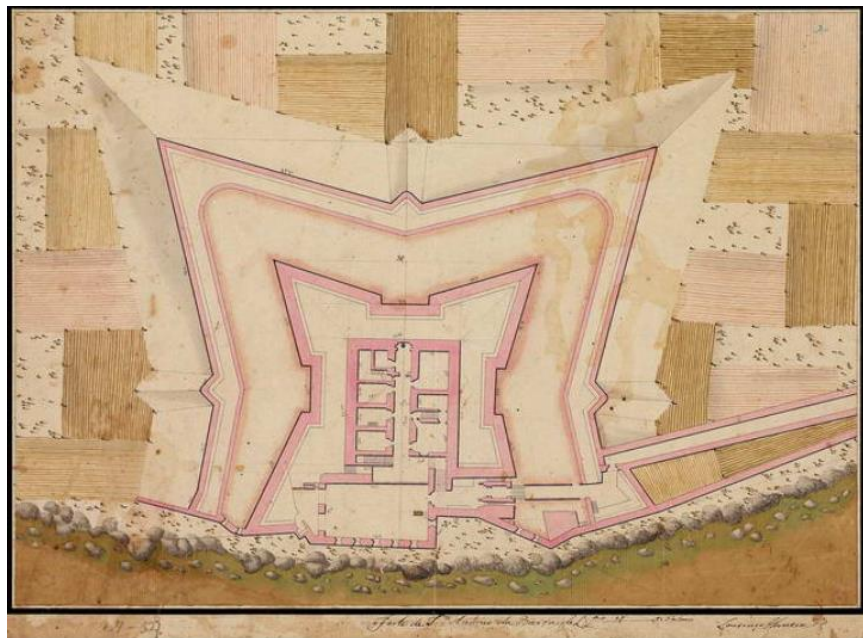
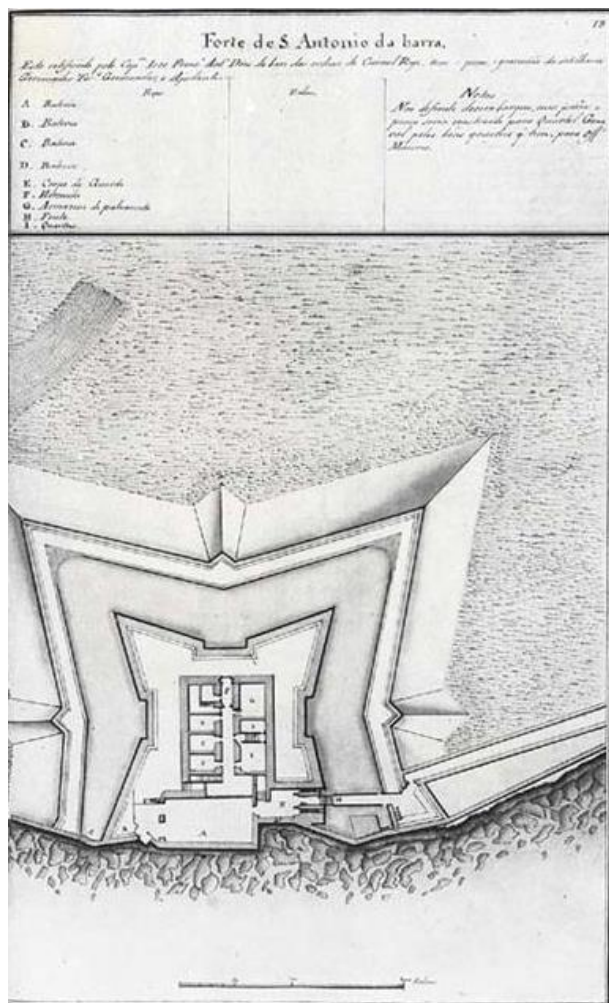


Figura 43 - Plantas do Forte de Santo António da Barra

Planta 1:

Autor: Maximiano Jozé da Serra – 1796

Fonte: Biblioteca Digital do Exército:

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=TW0359X847869.5009&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!277669~!0&ri=5&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=forte+de+Santo+Ant%C3%B3nio+da+Barra&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=5&limitbox_6=LOC01+=+BDE)

Planta 2:

Autor: Lourenço Homem da Cunha de Eça – Sem data

Fonte: Biblioteca Geral do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=TW0359X847869.5009&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!282525~!5&ri=3&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=forte+de+Santo+Ant%C3%B3nio+da+Barra&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=3&limitbox_6=LOC01+=+BDE)

Forte de São João da Cadaveira



Figura 44 - Forte de São João da Cadaveira

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°42'7.00"N

9°23'27.46"W

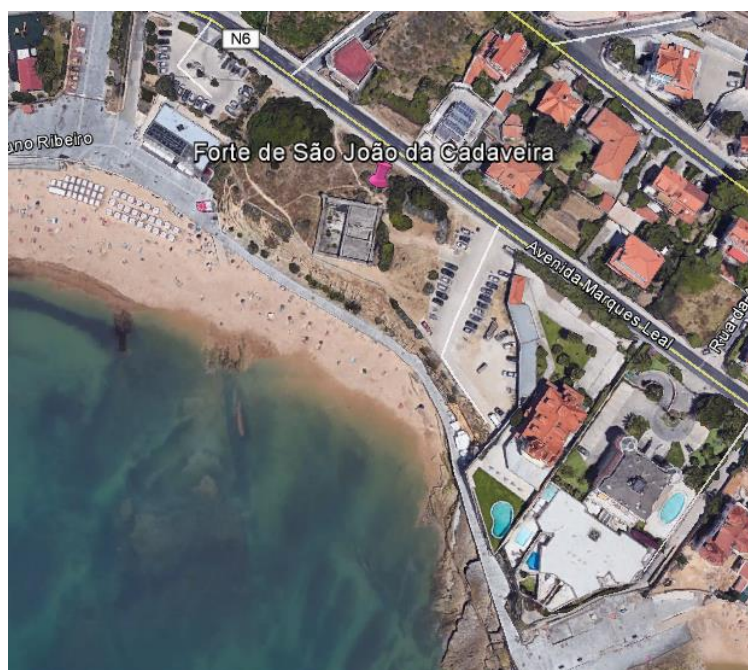


Figura 1 - Mapa de enquadramento - Forte de São João da Cadaveira

Fonte: *Google Earth*

Novamente do período da Restauração o Forte de São João da Cadaveira encontra-se a nascente da zona da chamada Praia da Cadaveira/Poça. Pela inscrição no portal este forte é datado de 1642 sendo concluído apenas um ano depois. De planta quadrada, era dividido em duas partes: a bateria e os alojamentos.

No centro desta fortificação, um pátio central fazia a distribuição para o alojamento, para o paiol e para a bateria, incluindo uma estrutura adaptada ao tiro de fuzil para o lado de terra. A rodear estas fortificações existia ainda uma linha de trincheiras. Em 1693, cerca de 51 anos após a construção do forte, uma cortina e as guaritas (em tijolo, colocadas em lugares estratégicos, a nascente, junto as casernas e na fachada) são construídas permitindo uma maior proteção e como primeira linha de fogo principalmente para a proteção terrestre.⁸⁴

Não se degradou nem caiu em ruínas tão depressa como as mencionadas fortificações, no entanto, faltavam armas e pólvora para que esta ficasse operacional.⁸⁵ Já em meados do século seguinte, este começa a degradar-se e com a falta de obras de restauro acaba por cair em ruínas e como tal é abandonado. Já no século XIX, com as guerras liberais, D. Miguel manda reedificar este forte e, em 1843, é cedido à Santa Casa da Misericórdia de Cascais para ajudar na exploração das águas termais no entanto este forte nunca deixou de ter funções militares, sendo mais tarde (cerca de 20 anos depois) usado como arrecadação de estância de banhos.

Entre 1889 e 1897 este forte foi completamente abandonado servindo de alojamento a pessoas sem-abrigo, passando mais tarde para a Santa Casa da Misericórdia de Cascais novamente, adquirindo as funções anteriormente mencionadas. No início do século XX este forte foi objecto de várias iniciativas de adaptação a miradouro, casa de chá e até clínica. Estes projectos nunca chegaram a ser implementados, servindo apenas como residência de um soldado veterano e sua esposa. Com a construção da Avenida Marginal, grande parte da primeira linha defensiva foi destruída e como tal, o forte deixou de ter qualquer valor militar. Posteriormente foi aqui edificado um posto da Guarda Fiscal e actualmente encontra-se abandonado e é aconselhada a visita apenas ao exterior do forte.

⁸⁴ Forte de São Pedro/ Forte da Poça (2011), in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultados a 27 de Março de 2017.

⁸⁵ BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais*. Lisboa: Quetzal - Câmara Municipal.

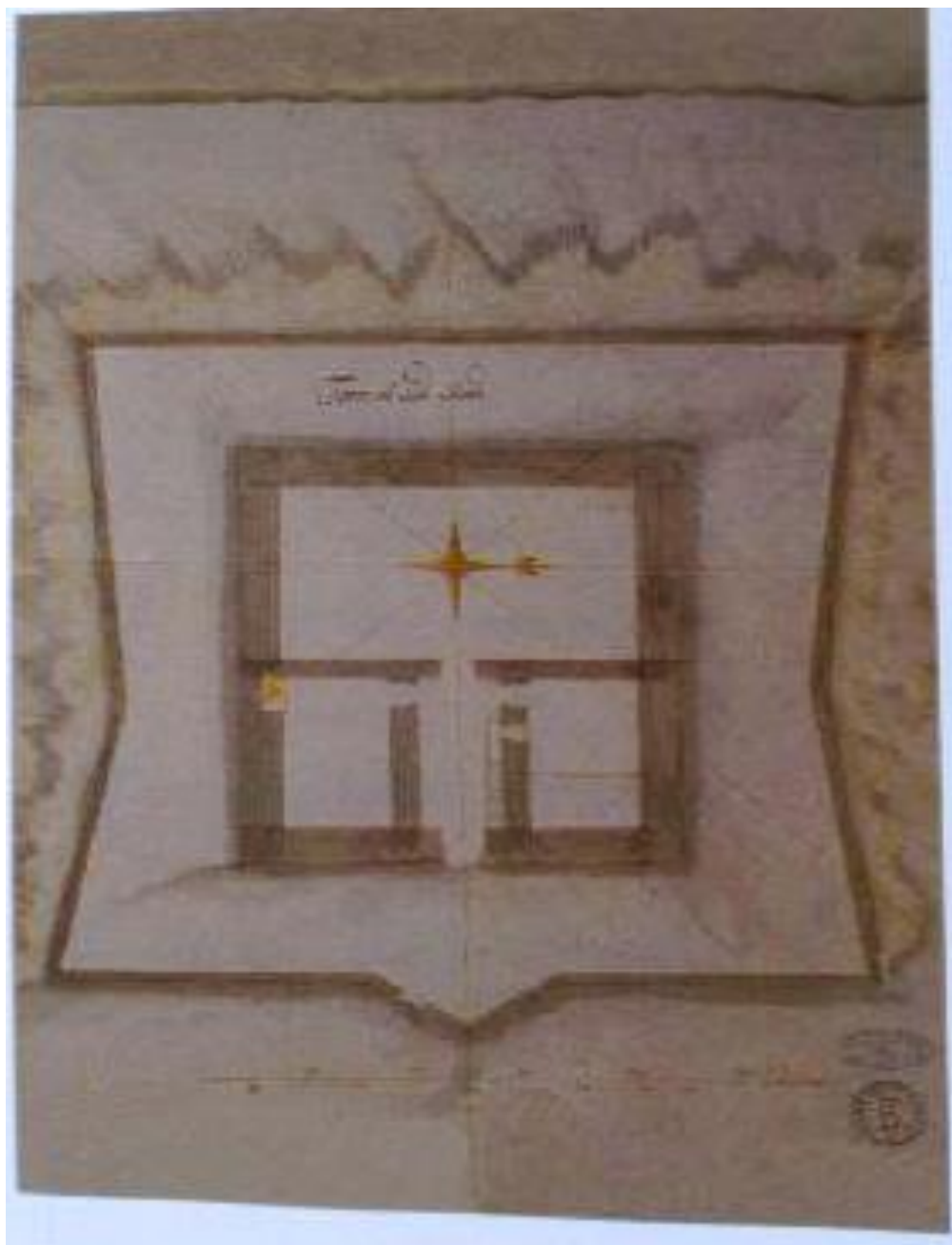


Figura 46 - Planta do Forte de São João da Cadaveira

Autor: Mateus Couto - 1693

Fonte: BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida

Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais*. Lisboa: Quetzal - Câmara Municipal

Forte Velho



Figura 47 - Forte de São Pedro da Cadaveira / Forte Velho

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°42'8.07"N

9°23'35.73"W

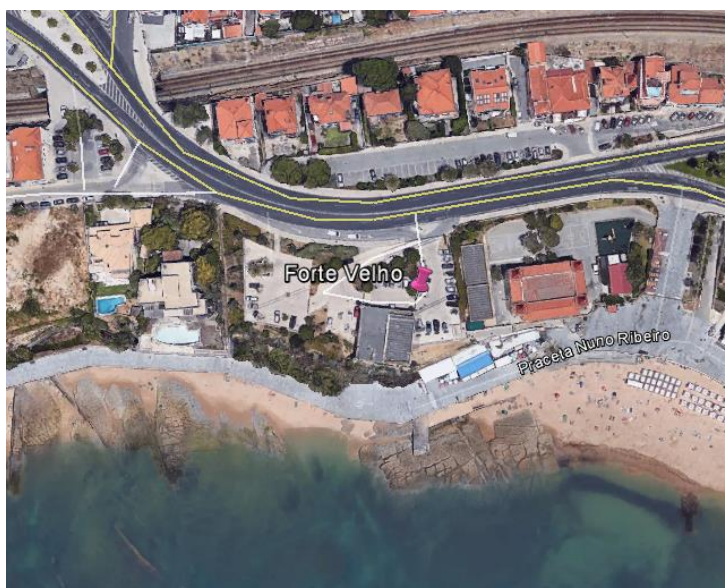


Figura 482 - Mapa de enquadramento
- Forte Velho

Fonte: *Google Earth*

Forte Velho ou forte de São Pedro, também conhecido como forte de São Teodósio da Cadaveira em homenagem ao filho de D. João IV que faleceu, levando D. Pedro II ao trono, mudando o forte de nome e passando para São Pedro da Cadaveira. Da planta original, à fortificação que chegou até nós muitos acontecimentos históricos passaram.

O Arquiteto Mateus do Couto trocou as identificações das plantas com o Forte da Cruz induzindo assim em erro.

Este forte possui os traços característicos das fortificações da linha, a sua bateria era alongada, enquanto os alojamentos possuíam sensivelmente o mesmo tamanho que a bateria. O portal dava acesso ao paiol, casa da guarda e quartel. Este acabou por ser abandonado no século XVIII, sendo reabilitado por D. Miguel, com obras que não foram acabadas.⁸⁶

Perdeu o seu valor militar, sendo cedido à Santa Casa da Misericórdia de Cascais para apoio aos banhos termais. Após esta utilização teve várias propostas, entre as quais para uma casa de chá inaugurada a 1954. Após esta data foi alugado para um bar-restaurante, introduzindo assim inúmeras transformações. Hoje em dia encontra-se abandonado.

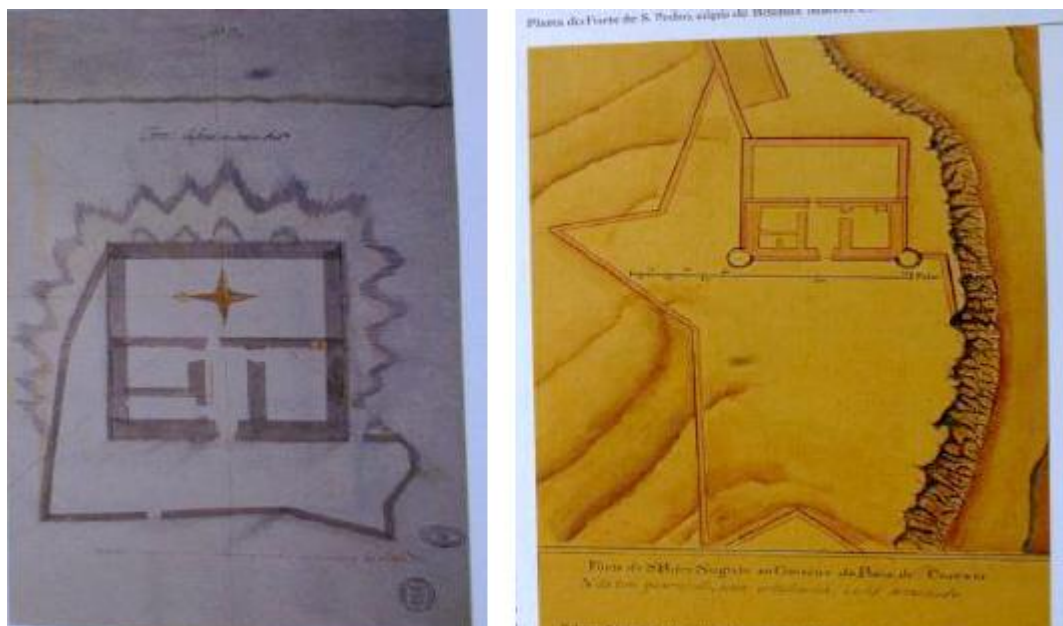


Figura 49 - Plantas do Forte Velho

Planta 1: Mateus do Couto – 1693

Planta 2: Belchior Manoel Semmedo - 1789

Fonte: BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida

Magalhães (2001). As fortificações marítimas da costa de Cascais. Lisboa: Quetzal - Câmara Municipal.

⁸⁶ Op. Cit.

Fortaleza de Nossa Senhora da Luz



Figura 50 - Forte de Nossa Senhora da Luz

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°41'36.68"N

9°25'5.68"W

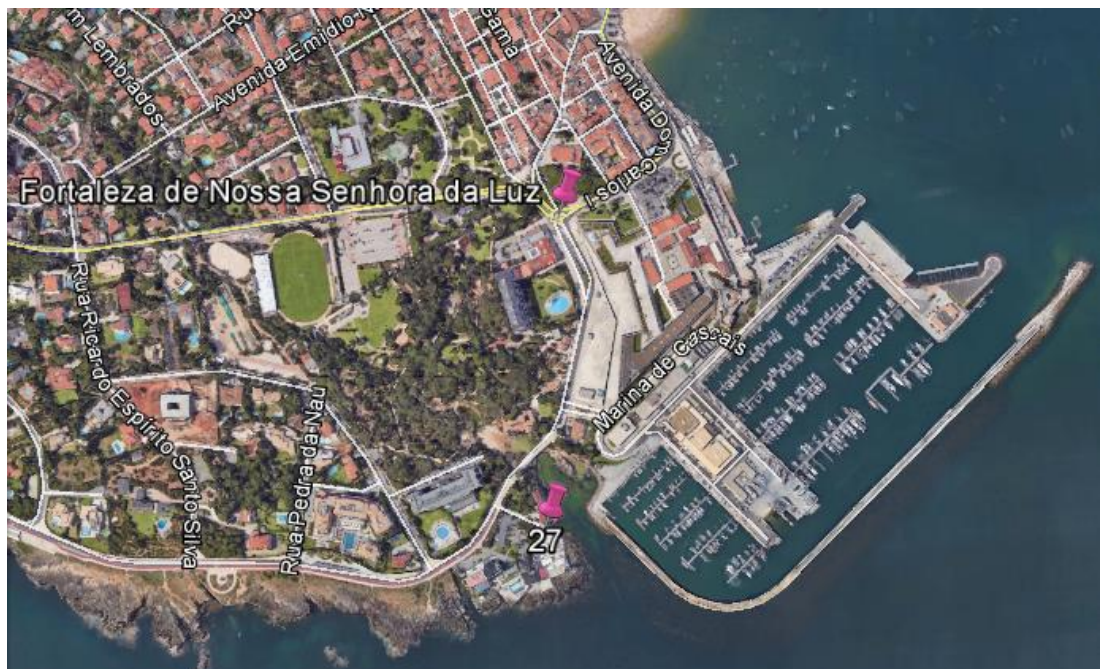


Figura 51 - Mapa de enquadramento - Fortaleza de Nossa Senhora da Luz

Fonte: *Google Earth*

Antes da fortaleza ter sido construída, e pelo facto desta zona ser um importante e estratégico lugar de atracamento de embarcações inimigas, sobretudo vindas do Norte de Africa, D. João II propôs a construção de uma torre junto à entrada do Tejo. Antes da construção da Torre de Santo António, existiam vestígios de um castelo (1370, no reinado de D. Fernando I), o que se revelou insuficiente na medida em que este foi atacado duas vezes.⁸⁷

A construção da torre teve como principal objectivo impedir que João Bretão (corsário francês) continuasse com os seus constantes ataques a Cascais. D. João II mandou construir esta torre de modo a criar um triângulo de fogo (Torre de Santo António, Torre de São Vicente/Torre de Belém, e Torre de São Sebastião da Caparica, e mais tarde, com a construção do Forte de São Lourenço da Cabeça Seca, mais conhecido como o Forte/Farol do Bugio), impedindo a todo o custo o atracamento de tropas inimigas nas praias adjacentes, evitando assim qualquer tentativa de ataque a Lisboa ou aos seus arredores: e também porque entrar na barra era algo desconhecido, não se conhecia a geografia da barra e por isso, era importante esperar que as condições atmosféricas fossem apropriadas. A Torre de Santo António de Cascais foi erguida entre 1488 e 1498 e era constituída por uma torre retangular ameada e um anexo rodeado por uma cerca baixa adaptada ao uso de artilharia. Vários foram os espiões que estiveram nesta região sob as ordens do duque de Alba e de Filipe II, mantendo o reino espanhol em vantagem. Em 1580, cerca de 1500 homens desembarcaram no Cabo Raso, atacando a fortaleza de Nossa Senhora da Luz.⁸⁸

A fortaleza de Nossa Senhora da Luz é construída já durante o domínio filipino (em 1594). De planta triangular e rodeada por um fosso, foram aproveitadas as estruturas pré-existentes da Torre de Santo António, no entanto foram colocadas bocas de fogo em lugares estratégicos de modo a minimizar o número de ângulos mortos evitando assim, qualquer tipo de falha aquando de um ataque inimigo.

Foi Margarida Ramalho (1989) quem descobriu os vestígios desta torre, onde até então funcionava um espaço militar (estação de rádio para ajuda à navegação marítima e à pesca, encerrada a 1992). Descobriu-se a entrada do baluarte sul e que o reforço da muralha se fazia com recurso a contrafortes que mostraram que a antiga torre tinha uma prisão e aberturas que permitiam a renovação de ar. Durante o reinado de D. Miguel esta fortaleza recebeu presos vindos do Forte de São Julião da Barra.

Depois da restauração foi construída a cidadela, envolvendo por sua vez a fortaleza da Luz. Da autoria de Mateus Simões, Charles Lassart, Nicolau de Langres, e Philipe Guitau (sendo este mais tarde, substituído por João Cosmader). Pela duração das obras e pelas diversas mudanças de

⁸⁷ Op. Cit.

⁸⁸ Cidadela de Cascais (2011) [online], disponível em: Forte de São Pedro/ Forte da Poça (2011) in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultados a 27 de Março de 2017.

arquitectos, sabe-se que os planos para a construção da Cidadela remontam ao domínio espanhol, no entanto, os trabalhos apenas começaram já no reinado de D. João IV. Sabe-se ainda que em 1675, a cidadela ainda estava em construção e que com o terramoto de 1755 o seu interior foi severamente afectado. Após a reconstrução, foram reconstruídos diversos edifícios, nomeadamente o edifício de Santo António, São Pedro e Santa Catarina (palácio do governador), bem como a capela e a cisterna.⁸⁹

Em 1870, D. Luis (devido a problemas de saúde), fixa-se no edifício de Santa Catarina, onde acabou por falecer. O rei D. Carlos instala no até então, palácio do governador o seu laboratório de biologia marinha.

Com a Presidência da República, vários foram os presidentes que fixaram residência, nomeadamente o presidente Óscar Carmona.

Actualmente este espaço foi transformado numa pousada pertencente ao grupo Pestana que ocupa edifícios que outrora foram quartéis; a antiga casa do governador agora é um palácio que pertenceu a D. Luís I e que, hoje em dia é usado para receber variados eventos nomeadamente da Presidência da República Portuguesa.⁹⁰

⁸⁹ Cidadela de Cascais (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em: http://monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6052, consultados a 23 de Setembro de 2017.

⁹⁰ BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais..*



Figura 52 - Planta da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz

Fonte: GASPARGASPAR, Diogo (coord). (2012). *Palácio da Cidadela de Cascais*. Cascais: Camara Municipal.

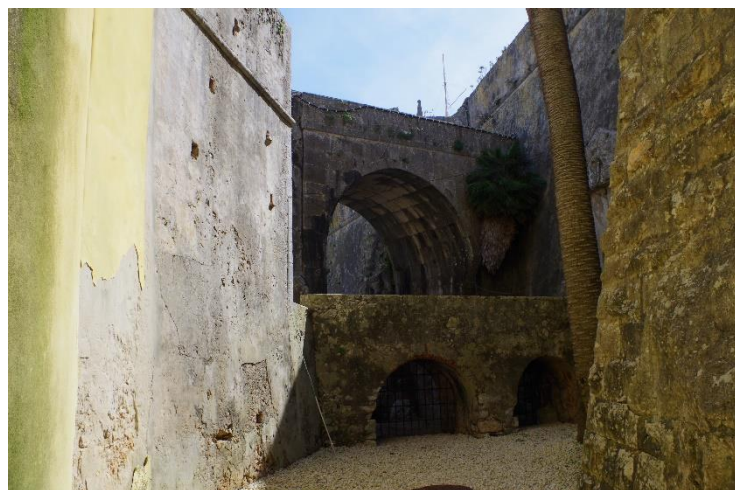


Figura 53 - Forte de Nossa Senhora da Luz

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte de Santa Marta



Figura 54 - Forte/Farol de Santa Marta

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°41'27.05"N

9°25'16.70"W

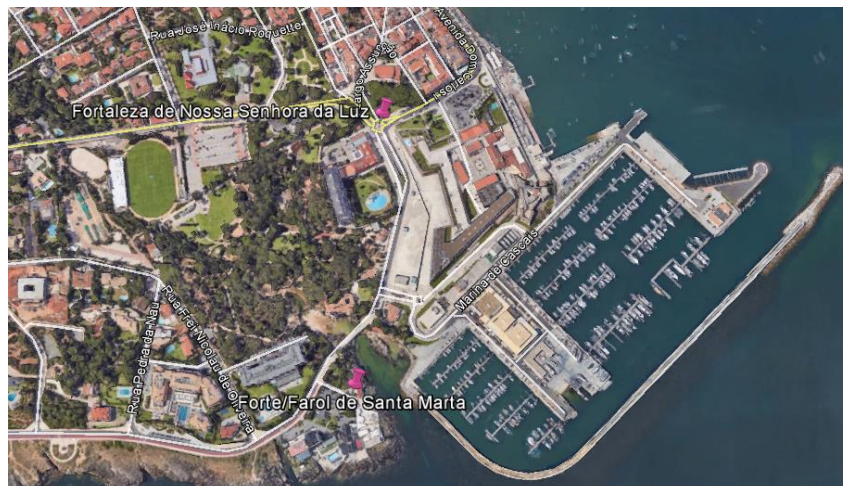


Figura 55 - Mapa de enquadramento - Forte/Farol de Santa Marta

Fonte: *Google Earth*

Este pequeno forte, situado apenas a poucas dezenas de metros da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz e Cidadela de Cascais, aproveitou o avanço rochoso sobre o mar, no lugar da antiga ermida de Santa Marta. Desconhece-se por completo a data de construção, no entanto Margarida Ramalho afirma a possibilidade deste poder ter sido construído na época da Restauração. Dos primeiros registos desta pequena fortificação é uma planta da autoria de Mateus do Couto datada de 1693⁹¹. A estrutura do forte passava pela justaposição de três rectângulos. Como todas as fortificações mencionadas, este edifício no século XVIII estava carente de obras, executadas entre 1762 e 1763, quando foi acrescentado um parapeito que possuía duas plataformas e cinco canhoneiras. Foi alvo de várias obras de restauro, a bateria foi adaptada adquirindo a planta em “L” e sofrendo um aumento canhoneiras colocadas em locais estratégicos para permitir o cruzamento directo com a Fortaleza de Nossa Senhora da Luz. Não se sabe ao certo os estragos causados pelas invasões napoleónicas, no entanto, contrariando a sina das fortificações marítimas deste concelho, aquando das guerras liberais não padecia de nenhum estado de ruínas, sendo alvo de obras de pequenas dimensão. Após a Guerra Civil é desartilhado e inicia-se assim a sua degradação. Perdeu a função militar, mas recebeu um farol por ordem da Inspeção dos Faróis do Reino no ano de 1864 e entregue ao arquitecto Francisco Pereira da Silva. Com esta construção, toda a estrutura militar foi adaptada, servindo as casernas como alojamento dos faroleiros⁹².

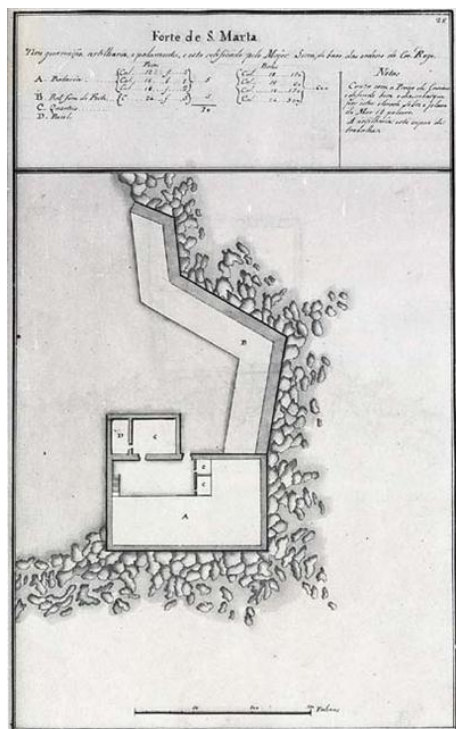


Figura 56 - Planta do Forte de Santa Marta

Autor: Maximiano Jozé da Serra

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1N036652X3T37.5125&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!277678~!0&ri=3&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Forte+de+Santa+Marta&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=3&limitbox_6=LOC01+=+BDE)3.

⁹¹ Forte de Santa Marta (2011) in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultados a 27 de Março de 2017.

⁹² Op. Cit.

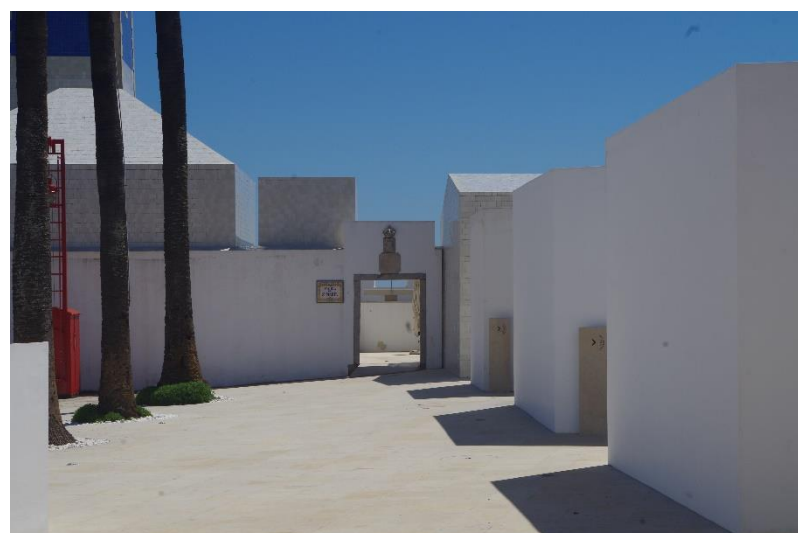


Figura 57 - Forte de Santa Marta

Fotografias tiradas por: Luís Vieira

Forte de Nossa Senhora da Guia



Figura 58 - Forte da Guia

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°41'42.88"N

9°27'8.49"W



Figura 593 - Mapa de enquadramento - Forte da Guia

Fonte: *Google Earth*

Construído no lugar onde se erguia uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Guia, por D. António de Meneses, esta fortificação data do período pós-restauração. Comprovado pela lápide na frente do forte, 1642 é o ano em que este foi edificado. No século XVIII, Maximiniano José Serra (engenheiro do reino) mandou reformular este forte. No entanto com as invasões francesas este caiu novamente em urgentes necessidades de renovação, sendo recuperado com as lutas liberais, mas tendo sido depois abandonado. No século XX este forte foi desmantelado, sendo cedido à Faculdade de Ciências de Lisboa, onde em 1942 foi instalada a Estação Zoológica Marítima da Guia e actualmente é um laboratório classificado como imóvel de interesse público desde 1977.⁹³

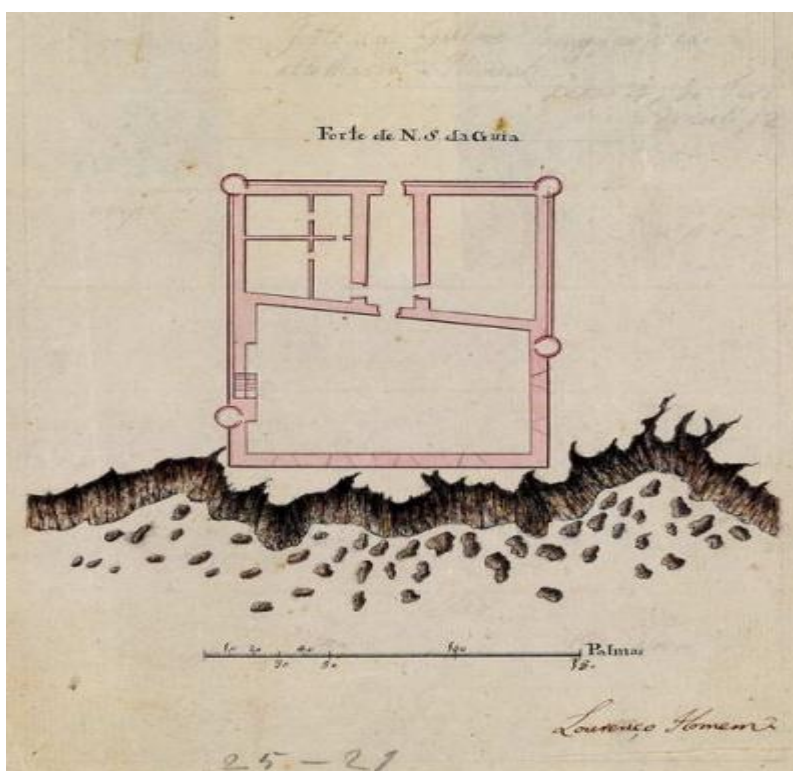


Figura 60 - Planta do Forte de Nossa Senhora da Guia

Autor: Lourenço Homem da Cunha Eça –
Sem Data

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1N036652X3T37.5125&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!282412~!2&ri=8&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Forte+de+Nossa+senhora+da+guia&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=8&limitbox_6=LOC01+=+BDE)

⁹³ BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais...*

Forte dos Oitavos



Figura 61 - Forte de São Jorge dos Oitavos

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°41'58.63"N

9°28'5.18"W

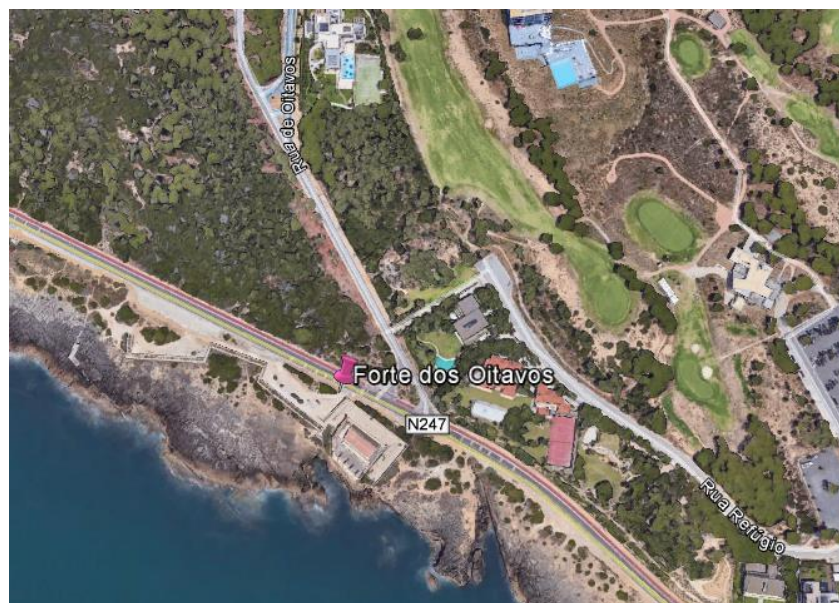


Figura 62 - Mapa de enquadramento - Forte dos Oitavos

Fonte: *Google Earth*

A causa de haver tantas construções em poucos quilómetros pode advir da tipologia do terreno, bastante escarpado e recortado, aproveitando desta forma as defesas naturais. Construído sob a invocação de São Jorge, o forte dos Oitavos foi construído entre 1642 e 1648, durante o período da Aclamação da Independência e tinha como objectivo o aquartelamento de guarnições de artilharia, comandando assim o litoral entre o Guincho e a Guia. Este cruzaria fogo com os fortes de Nossa Senhora da Guia e de São Brás de Sanxete. De planta poligonal irregular, este adapta-se ao próprio terreno. Actualmente é um centro interpretativo.⁹⁴

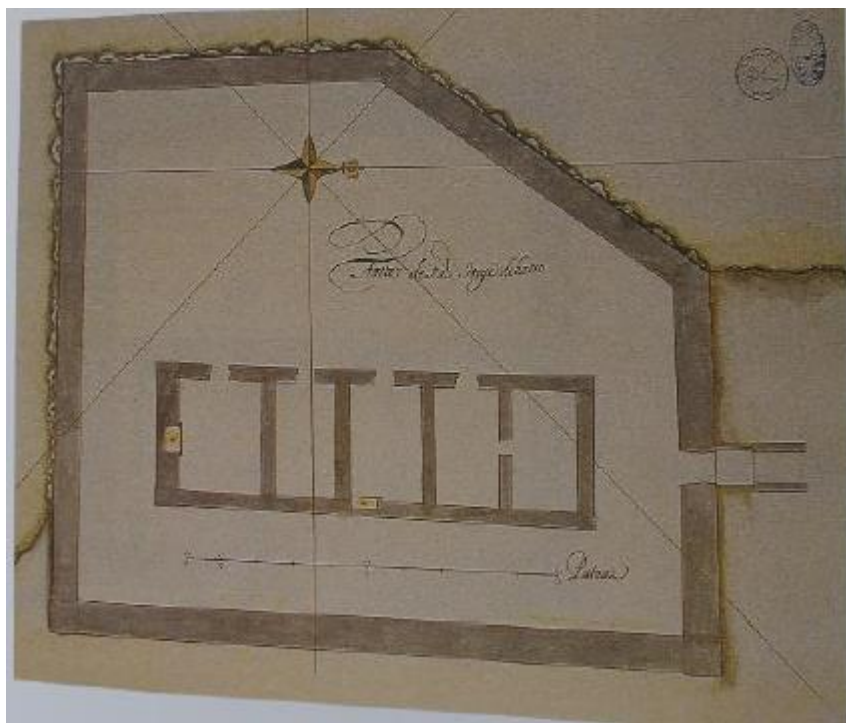


Figura 63 - Planta do Forte dos Oitavos

Autor: Mateus do Couto – 1693

Fonte BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais*. Lisboa: Quetzal - Câmara Municipal.

⁹⁴ Forte dos Oitavos (2011) in *Sistema de informação do Património Arquitectónico* (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultados a 27 de Março de 2017.



Figura 64 - Forte dos Oitavos

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte do Guincho/ Abano



Figura 65 - Forte do Guicho/Abano

Fotografia tirada por: Luis Vieira

Coordenadas GPS:

38°44'23.43"N

9°28'23.24"W

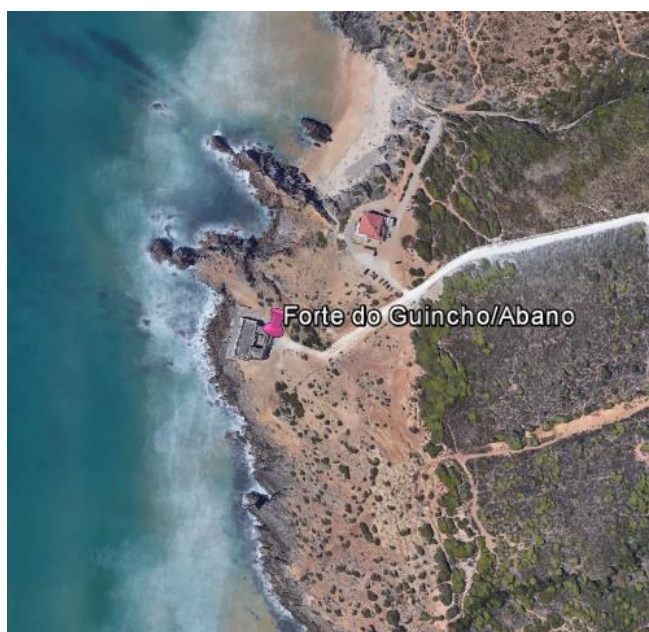


Figura 66 - Mapa de enquadramento - Forte do Guincho/Abano

Fonte: *Google Earth*

Último dos fortes localizado no concelho de Cascais, já na freguesia de Alcabideche, este localiza-se entre a praia do Guincho e a praia do Abano, numa língua rochosa que faz a divisão entre as mesmas praias.

Com uma planta rectangular, a bateria encontra-se frente ao forte da parte mar e a casa forte da parte terra. Remonta ao período da Restauração, erguido sobre as ordens de D. João IV por D. António Luís de Meneses, com o objetivo estratégico de proteger a área das duas referidas praias, bem como para evitar qualquer desembarque naqueles areais. Foi diversas vezes restaurado e até 1832 manteve uma guarnição (desde então desaparecida, a partir do momento em que D. Miguel abandonou a região de Lisboa). Pertenceu ao Clube de Campismo de Lisboa e à Guarda Fiscal com o fim de instalar aqui um posto, posto este que nunca foi construído e o forte acabou por cair em ruínas, tal como o vemos actualmente.⁹⁵

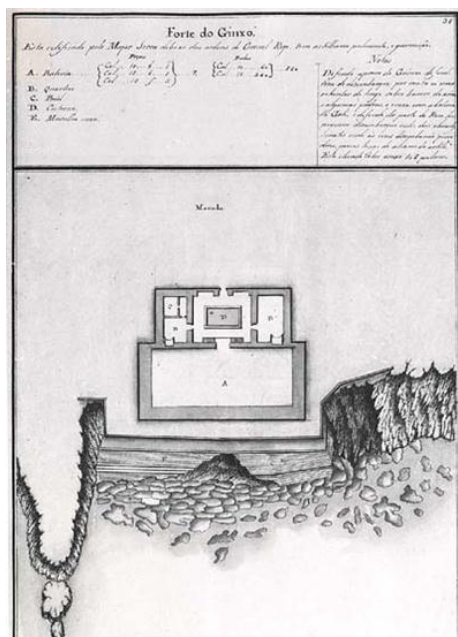


Figura 67 - Planta do Forte do Guincho/Abano

Autor: Maximiano José da Serra – 1796

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=15037Q771C0A2.5225&profile=bde&source=~!dglb&view=subcriptionsummary&uri=full=3100024~!277685~!1&ri=1&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=forte+do+guincho&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=1&limitbox_6=LOC01+=+BDE)



Figura 68 - Forte do Guincho/Abano

Fotografia tirada por: Luís Vieira

⁹⁵ Forte do Abano (2011) [online], disponível em:

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6070, in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultados a 27 de Março de 2017.

Sintra

Designação	Tipo	Acessibilidade
Forte da Roca	Vestígio	Não é aconselhável a visita. Terreno íngreme.
Forte do Magoito	Forte	Visitável, mas não adaptado a pessoas com mobilidade reduzida.

Forte do Magoito



Figura 69 - Forte do Magoito

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°51'55.24"N

9°27'1.77"W

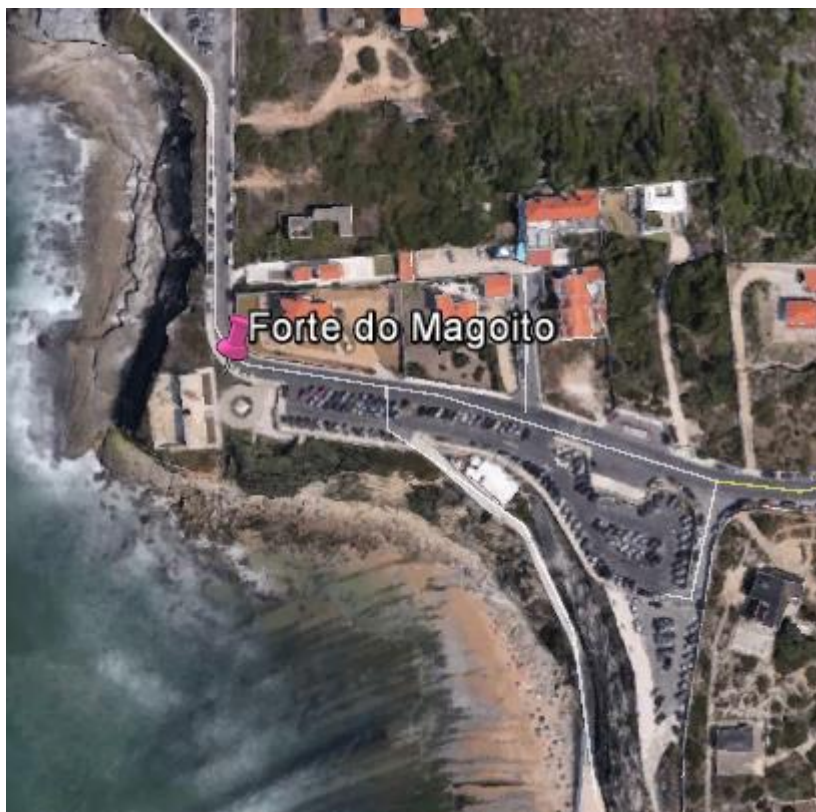


Figura 70 - Mapa de enquadramento do Forte do Magoito

Fonte: *Google Earth*

Localizado a norte da praia do Magoito, o Forte de Santa Maria do Magoito ergue-se numa arribas com a clara intenção de defesa da praia. Não se sabe ao certo quando foi construído, no entanto, pensa-se ter sido nos finais do reinado de D. João IV ou durante a regência de D. Pedro II. Existia dentro deste forte uma bateria e um paiol.

Com o terramoto de 1755, o forte caiu em ruínas e ainda neste século foi recuperado. No entanto, durante o século XIX foi sendo alterado. Mesmo com o avanço da arte da guerra e da artilharia este forte acabou por ser reabilitado e transformado num ponto de vigia e controlo marítimo.⁹⁶

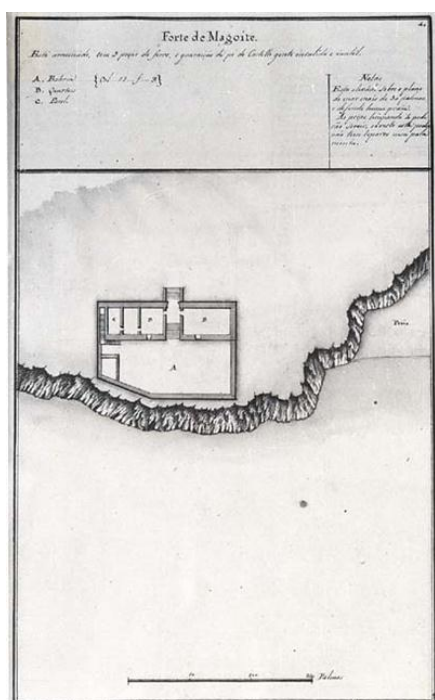


Figura 71 – Planta do Forte do Magoito

Autor: Maximiano José da Serra -1796

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(<http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=P503740C28I74.5228&menu=search&aspect=subtab260&npp=20&ipp=20&spp=20&profile=bde&ri=&term=Forte+do+Magoito&index=.GW&x=0&y=0&aspect=subtab260>)

Figura 72 - Forte do Magoito

Fotografia tirada por: Luís Vieira



⁹⁶ Revista *Tritão* (2014), [online], disponível em: <http://revistatritao.cm-sintra.pt/index.php/patrimonio-1/forte-de-santa-maria-magoito>, acedido a 3 de Junho de 2017.

Ericeira

Designação	Nome	Acessibilidade
Forte de Nossa Senhora da Natividade	Forte	Não é visitável. Posto da Guarda Nacional Republicana.
Forte do Milreu	Forte	Visitável, mas pouco adaptado a pessoas com mobilidade reduzida.

Forte de Nossa Senhora da Natividade



Figura 73 - Forte de Nossa Senhora da Natividade – Ericeira

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°57'55.49"N

9°25'9.26"W



Figura 74 - Mapa de enquadramento - Forte da Natividade

Fonte: *Google Earth*

Datado do início do século XVI, foi mandado construir por Pedro Anes que também efectuou obras de melhorias na muralha. Em 1589 D. António Prior do Crato tenta desembarcar neste forte, mas foi mal sucedido. Com o fim da guerra da Restauração (1640-1668) e as obras concluídas (cerca de 7 anos depois) encontrava-se desartilhado. Mais tarde, com as guerras civis recebeu obras de restauro e foi artilhado. Apresenta planta retangular, com bateria a norte e 5 canhoneiras.⁹⁷

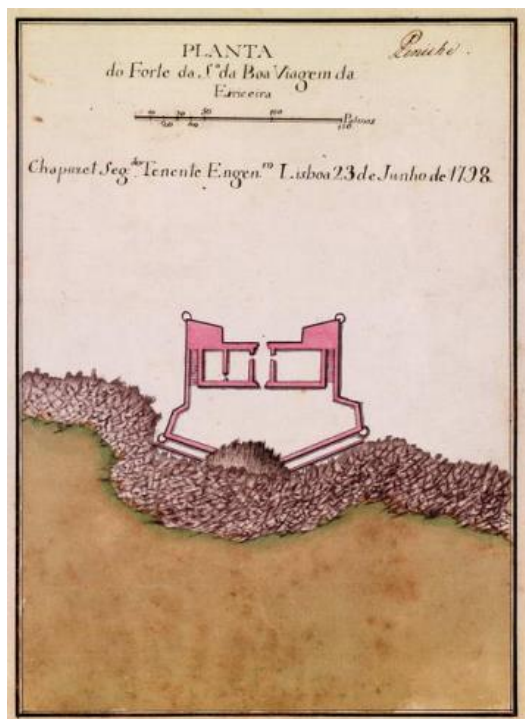


Figura 75 - Planta do Forte da Natividade

Autor: João da Mata Chapuzet - 1798

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=P503740C28174.5228&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!278861~!2&ri=5&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Forte+Ericeira&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=5&limitbox_6=LOC01++BDE)

Figura 76 - Porta de Armas do Forte da Natividade

Fotografia tirada por: Luís Vieira



⁹⁷ Direcção geral do Património Cultural – Forte de Milreu (2012) [online], disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/72846/>, acedido a 25 de Maio de 2017

Forte do Milreu



Figura 77 - Forte de Milreu

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

38°59'1.35"N

9°25'13.82"W



Figura78 – Mapa de enquadramento - Forte de Milreu

Fonte: *Google Earth*

Datado de 1706 sob o reinado de D. Pedro II foi construído para defesa do porto de pescadores e da praia. No entanto, no século seguinte estava abandonado. Este forte é um dos casos de enquadramento urbano sobre a orla marítima. Possui uma planta em “U” irregular, guarnecida por uma bateria protegida por um parapeito de canhoneiras. ⁹⁸

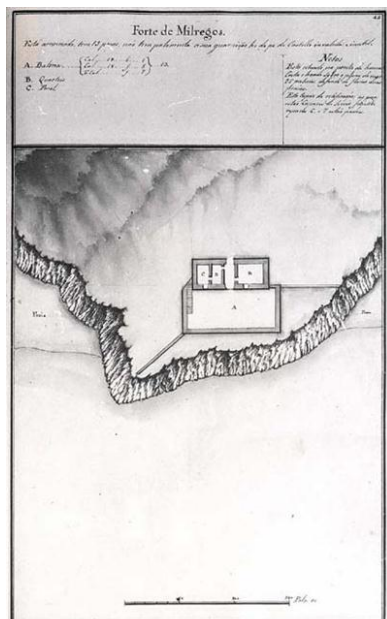


Figura 79 - Planta do Forte de Milreu

Autor:

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=P503740C28I74.5228&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!277691~!0&ri=7&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Forte+milreu&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=7&limitbox_6=LOC01+=+BD)



Figura 80 - Forte de Milreu

Fotografia tirada por: Luís Vieira

⁹⁸ Forte de Nossa Senhora da Natividade (2014). [online], disponível em: http://fortalezas.org/?ct=fortaleza&id_fortaleza=1439&muda_idioma=PT, acedido a 22 de Maio de 2017.

Peniche

Designação	Tipo	Acessibilidade
Forte do Paimogo	Forte	Visitável, mas apenas o piso térreo está acessível a pessoas com mobilidade reduzida.
Forte de Nossa Senhora da Consolação	Forte	Exterior visitável.
Forte de São Francisco de Peniche	Forte	Adaptado a pessoas com mobilidade condicionada. Horário: 9h30 – 17h30. Encerra: Segunda-Feira. Preço: gratuito.
Muralhas da cidade de Peniche	Muralhas	Caminho de ronda não acessível.
Forte da Luz	Vestígios	Acessível a pessoas com mobilidade reduzida.

Forte do Paimogo



Figura 81 - Forte do Paimogo

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

39°17'14.57"N

9°20'26.03"W

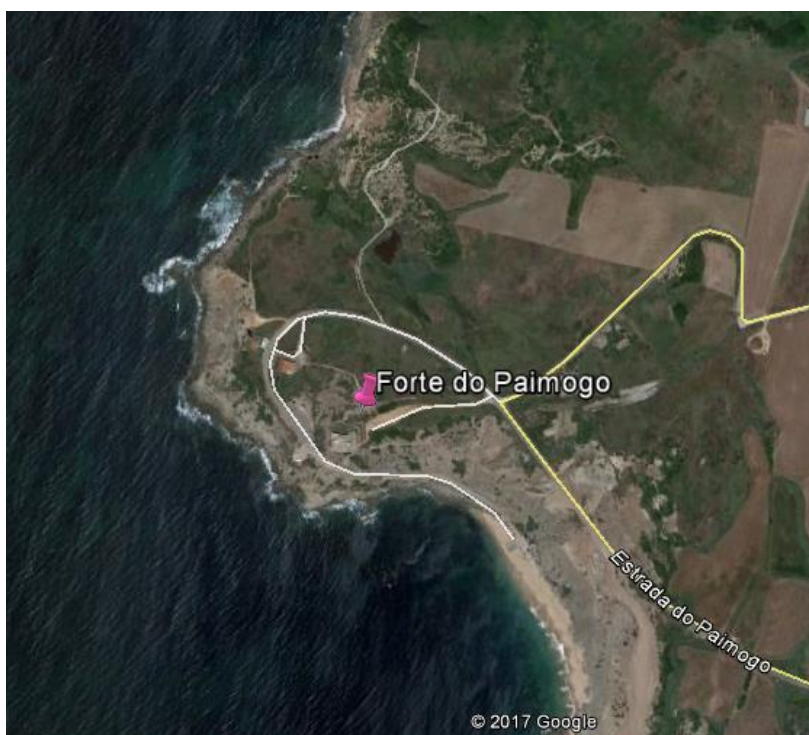


Figura 82 - Mapa de enquadramento - Forte do Paimogo

Fonte: *Google Earth*

Da autoria de D. António Luís de Meneses e com o principal objectivo de impedir a pirataria, este forte dependia directamente da Praça de Cascais. Ao longo dos séculos a guarnição deste forte foi sendo reduzida.

Pouco depois da Guerra Civil portuguesa, este já se encontrava desartilhado, sendo mais tarde recuperado.

Com um enquadramento rural, este forte situa-se num terreno próximo às instalações da antiga Guarda Fiscal. De planta regular, o corpo principal assemelha-se muito ao forte de Milreu na Ericeira (abordado anteriormente).⁹⁹

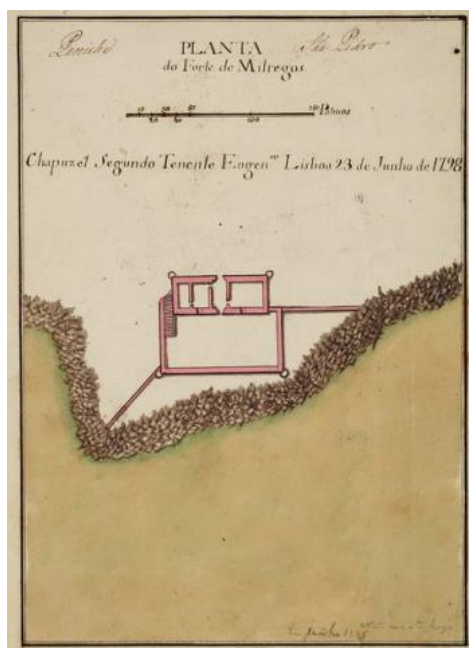


Figura 83 - Planta do Forte do Paimogo

Autor: João da Mata Chapuzet – sem data

Fonte: Biblioteca digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=15037B2674601.5245&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!278097~!1&ri=1&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Paimogo&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=1&limitbox_6=LOC01+=+BDE)



Figura 84 - Forte do Paimogo

Fotografia tirada por: Luís Vieira

⁹⁹Forte do Paimogo (2011), in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultados a 02 de Abril de 2017.

Forte De Nossa Senhora da Consolação



Figura 85 - Forte de Nossa Senhora da Consolação

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

39°19'28.39"N

9°21'39.98"W



Figura 86 - Mapa de enquadramento do Forte de Nossa Senhora da Consolação

Fonte: *Google Earth*

Mandado edificar no ano de 1657 por D. Jerónimo de Ataíde, sobre um promontório dedicado a Nossa Senhora da Consolação, o seu principal objectivo era cruzar fogo com o Forte de Peniche. As obras terminaram em 1645, no entanto, após o terramoto de 1755, a sua bateria ficou parcialmente destruída. No século XIX, recebeu obras de ampliação e de restauro.

De planta estrelada, com quatro baluartes triangulares munidos com canhoneiras. Aquando do terramoto de 1755, a sua estrutura foi severamente afectada, tendo desaparecido a bateria que estava voltada ao mar. A bateria actual data já do século XIX. Devido à sua localização, a estrutura arquitectónica foi diversas vezes ameaçada pelo mar, sendo frequentemente reparada de modo a evitar derrocadas.¹⁰⁰

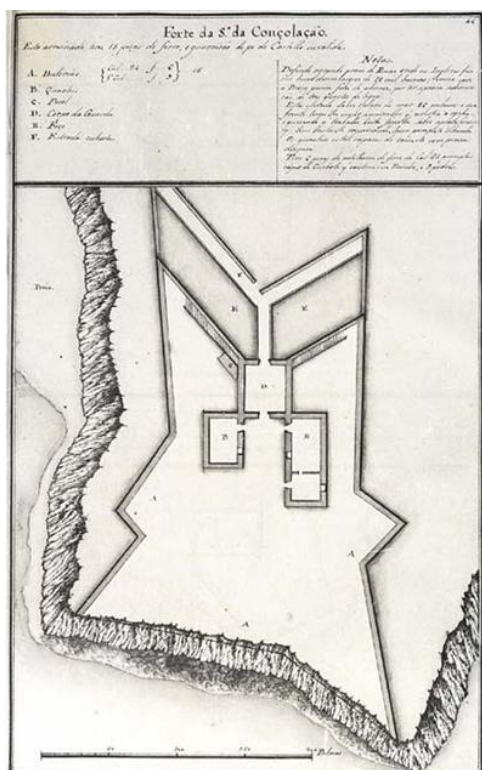


Figura 87 - Planta do Forte de Nossa Senhora da Consolação

Autor: Maximiano José da Serra – 1796

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=F50G759799C16.5250&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!277695~!0&ri=1&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Forte+da+Consola%C3%A7%C3%A3o&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=1&limitbox_6=LOC01++BDE)

Figura 88 - Forte de Nossa Senhora da Consolação

Fotografia tirada por: Luís Vieira



¹⁰⁰ D. Jerónimo, de Ataíde (? - 1655) foi o sexto conde de Atouguia e foi o vigésimo governador-geral do Brasil (1654-1657). Desempenhou outros cargos, nomeadamente Governador das Armas do Alentejo, Presidente da Junta do Comércio e membro dos Conselhos de Estado e de Guerra. [online], disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/cham/eve/content.php?printconceito=668>, acedido a 15 de Junho de 2017

Fortaleza de São Francisco de Peniche



Figura 89 - Fortaleza de Peniche

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

39°21'12.18"N

9°22'52.22"W



Figura 90 - Mapa de Enquadramento - Fortaleza de Peniche

Fonte: Google Earth

Desde o reinado de D. Manuel que se sentiu necessidade de fortificar a, até então, ilha de Peniche. No entanto, apenas em 1642 (com o engenheiro Charles Lassart) e em 1650 (com o engenheiro Nicolau de Langres) foram apresentados dois projectos para a defesa desta região. Ambos os projectos não foram executados, sendo adaptado um projecto posterior atribuído a Simão Mateus.

Este derradeiro projecto passou por ligar os fortes de Cabanas (a sul) e o de Nossa Senhora da Luz (a norte), através de uma cortina de muralhas, reforçando a defesa a terra. A defesa da frente-mar era assegurada pelo Fortim do Baleal e pelo Forte de Nossa Senhora da Consolação. Muitos dos baluartes contruídos foram fortemente atingidos aquando do terramoto de 1755.

A Fortaleza de Peniche sucedeu à função desempenhada pelo antigo castelo de Atouguia da Baleia e era auxiliado pelo Forte da Conceição e pelo Forte de São João da Berlenga.

A partir do século XV, o istmo que liga Peniche ao continente começou a ser formado, o que arruinou o porto ali construído. Sendo um dos principais alvos de corsários ingleses e franceses, D. Manuel I encarregou o conde de Atouguia de tratar da defesa desta parte do litoral português.

Em 1544, D. Afonso de Ataíde começou construção de um baluarte. Assim sendo entre 1557 e 1558 foi construído um fortim circular.¹⁰¹

No reinado de D. Sebastião os trabalhos ficaram suspensos, sendo retomados em 1572 pelo irmão de Diogo de Torralva, Gonçalo de Torralva. Durante o domínio filipino, Filippo Terzi foi chamado para terminar e melhorar o forte. Também Leonardo Turriano fez alterações no forte.

Em 1625, Filipe III apercebeu-se da necessidade de fortificar as Berlengas. Com a guerra da Restauração, começa-se a pensar na fortificação da praia da Consolação, visto que as obras da fortaleza de Peniche estavam ainda bastante atrasadas. Em 1693 Mateus do couto fez o reconhecimento desta fortaleza. Com o terramoto de 1755 foi necessário recuperar a parte degradada da muralha.

Aquando da Guerra Peninsular, a fortaleza revelou-se ineficaz neste contexto. De planta estrelada, o seu perímetro amuralhado abrange cerca de 2 hectares¹⁰²

Baluarte Redondo

¹⁰¹ Calado, Mariano (2000). *Fortificações da Região de Peniche*. Lisboa: Edição de Autor.

¹⁰² Fortaleza de São Francisco e Frente Abaluartada da Praça de Peniche (2011) [online], disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4063, in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultados a 15 de Abril de 2017

Foi a primeira fortificação construída de apoio à vila. De forma circular, com apenas dois pisos, o acesso à bateria é feito lateralmente através de uma rampa de acesso ou pelas escadas. O piso superior era usado como posto de vigia e como bateria, sendo o piso inferior usado como paiol. A torre sineira data do século XVII.

Palácio do Governador

Datado do período pós-aclamação, este espaço era composto por dois pisos. No século XIX sofreu um incêndio provocado por uma explosão no paiol de armas, ficando apenas o portal original.

Capela de Santa Bárbara

Também datada do século XVII, esta capela foi erigida como capela palaciana. É de planta rectangular simples composta por apenas uma nave.

Cisterna Grande

De planta quadrangular simples é coberta por abóbadas de arestas.¹⁰³

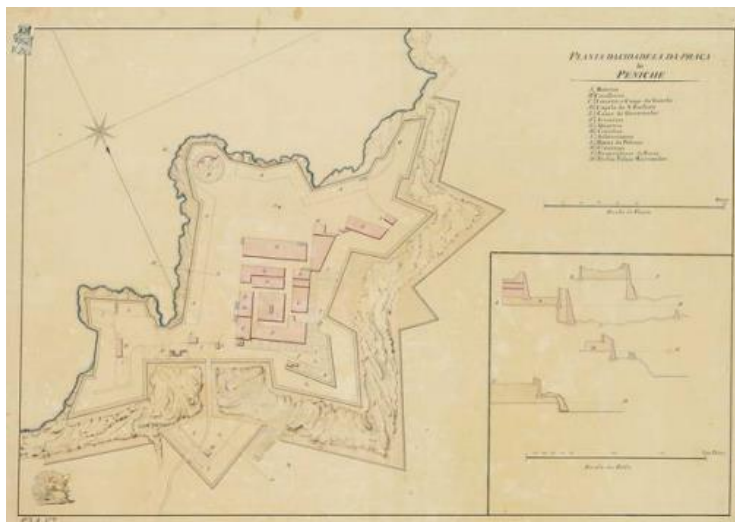


Figura 91 - Planta da Fortaleza de Peniche

Autor: Sem autor e sem data

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=F50G759799C16.5250&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!278061~!34&ri=5&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Peniche&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=5&limitbox_6=LOC01+=+BDE)

¹⁰³ Túlio, Ana (2015). *Sistema defensivo de Peniche – O Forte de São João Baptista na Ilha da Berlenga* [online], disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/17694>, acedido a 15 de Junho de 2017.



Figura 92 - Baluarte circular

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte De São João Baptista – Berlengas



Figura 93 - Forte de São João Baptista das Berlengas

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Coordenadas GPS:

39°24'40.44"N

9°30'36.33"W



Figura 94 - Mapa de enquadramento - Forte das Berlengas

Fonte: *Google Earth*

Em 1625, era visível a necessidade de fortificar esta ilha, tendo havido vários projectos durante o reinado de Filipe I; no entanto, apenas em 1651 uma das diversas propostas apresentadas foi implementada. O Forte de São João Baptista foi erguido com uma ligação à ilha, através de uma ponte pedonal constituída por dois arcos. O forte, de planta octogonal, permitia o cruzamento de fogo com a maioria das fortificações de Peniche. O acesso ao seu interior era feito através de uma ponte levadiça que descia até a ponte e que ficava sobre o fosso.

Apesar de se tratar de um forte militar, este sofreu diversos ataques que acabaram por afectar em grande parte a sua estrutura. Em 1666 a sua muralha foi destruída, sendo reconstruída cerca de 12 anos depois, conforme comprova a inscrição na porta de armas. Anos mais tarde, caiu no abandono e, devido à sua posição geográfica, acabou por ficar em elevado grau de degradação.

Em 1953, o edifício foi recuperado e posteriormente entregue à Associação dos Amigos das Berlengas que o transformaram numa pousada.

O edifício encontrava-se em elevado grau de degradação, quando em 1953, a Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais resolveu intervir e salvaguardá-lo. Apesar de na atualidade não estar ocupada durante um grande período de tempo no ano, a sua utilização como casa de abrigo foi crucial para a sua manutenção até à atualidade.¹⁰⁴

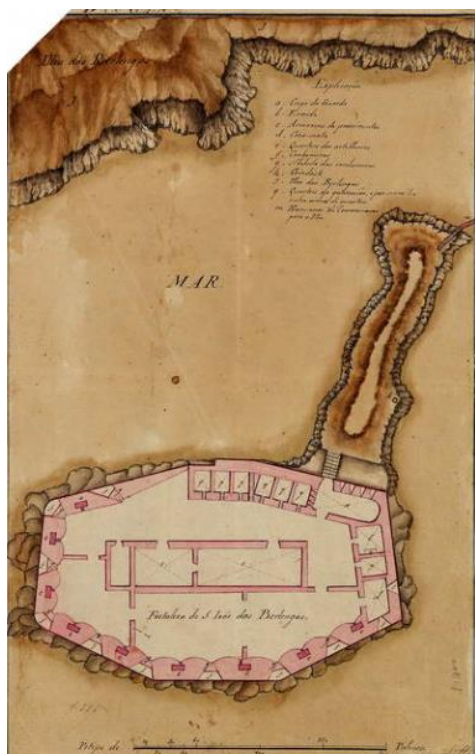


Figura 95 - Planta do Forte das Berlengas

Autor: Lourenço Homem da Cunha de Eça – Sem data

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=15064051221QU.3511&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!283951~!6&ri=1&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=berlengas&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=1&limitbox_6=LOC01+=+BDE)

¹⁰⁴ Túlio, Ana (2015). *Sistema defensivo de Peniche – O Forte de São João Baptista na Ilha da Berlenga* [online], disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/17694>, acedido a 15 de Junho de 2017.



Figura 96 - Exterior do Forte das Berlengas

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Vestígios

Oeiras

Forte de Nossa Senhora da Conceição – Algés

Coordenadas GPS:

38°41'55.17"N

9°13'44.70"W

Datado de inícios do século XVIII, sob a invocação da Padroeira de Portugal e com o objectivo de tornar mais eficaz a defesa da barra do Tejo. De planta trapezoidal, composto por cerca de quinze canhoneiras, reforçando o lado mar/rio. Em 1735 encontrava-se a necessitar de algumas reparações, sendo reparado em 1751. Com a construção do Forte do Bom Sucesso (em 1780), o Forte de Nossa Senhora da Conceição perdeu a sua função de vigia, sendo transformado em habitação particular. Com a construção da marginal o que resta deste forte foi incluído no Palácio da Conceição. No século XXI (2002) o Centro de Estudos Arqueológicos de Oeiras embargou a demolição deste paço, descobrindo dois panos de muralha preservados. Actualmente é possível ver estes vestígios no que agora é designado como “Empreendimento do Forte de Nossa Senhora da Conceição”.¹⁰⁵

¹⁰⁵ CALISTO, Carlos Pereira (1980). *Resumo histórico da Torre ou Fortaleza de São Julião da Barra*. Lisboa: Estado-Maior-General das Forças Armadas, pp. 58-61.

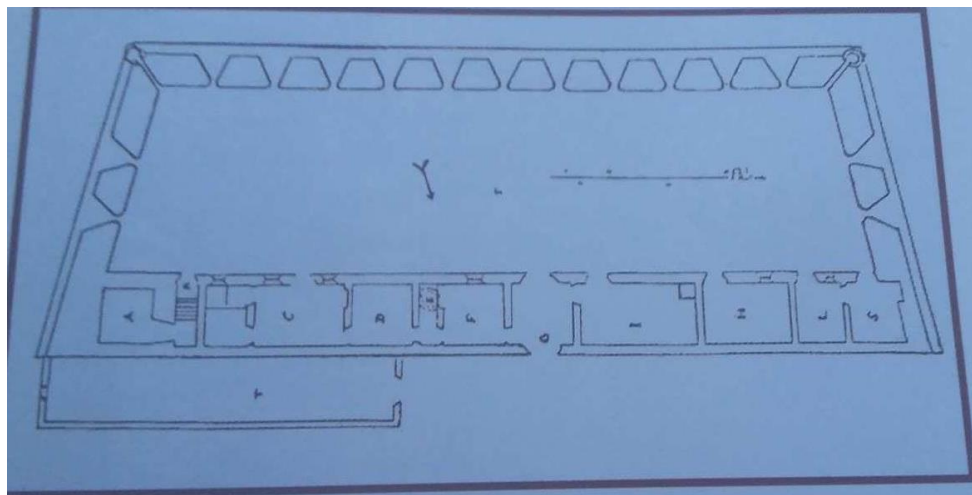


Figura 97 - Planta do Forte de Nossa Senhora da Conceição

Fonte: CALISTO, Carlos Pereira (1986).

Fortificações Marítimas e fluviais do Concelho de Oeiras, Oeiras: Câmara Municipal

Figura 98 - Vestígios do Forte de Nossa Senhora da Conceição

Fotografia tirada por: Luís Vieira



São José de Ribamar

Coordenadas GPS:

38°41'57.34"N

9°14'8.19"W

De planta em forma de V com corpos rectangulares, este forte datado do século XVIII (1727) foi mandado edificar em terrenos do antigo Convento de São José de Ribamar. No século XIX este imóvel foi adquirido pelo Conde de Cabral sendo posteriormente e por herança passado para os Marqueses da Foz.¹⁰⁶

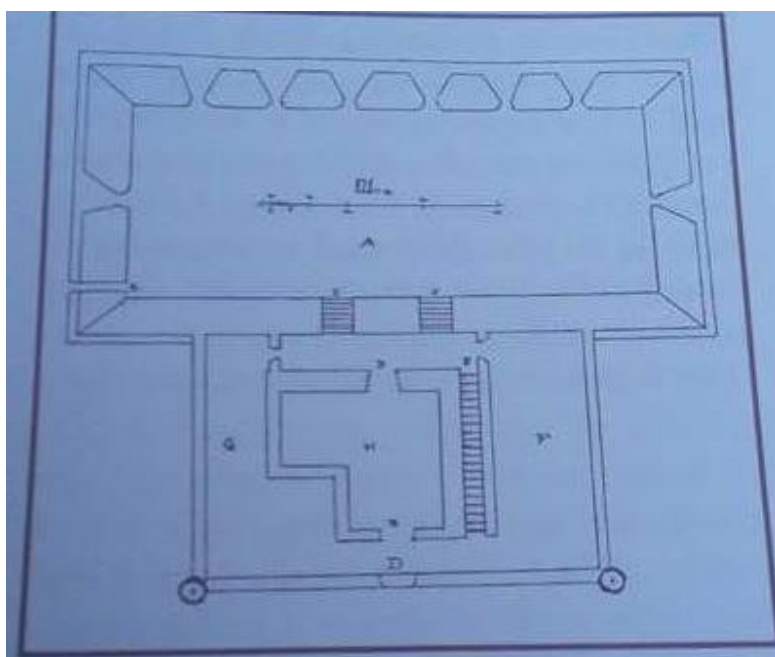


Figura 99 - Planta do Forte de São José de Ribamar

Fonte: CALISTO, Carlos Pereira (1986). Fortificações Marítimas e fluviais do Concelho de Oeiras, Oeiras: Câmara Municipal

¹⁰⁶ CALISTO, Carlos Pereira (1980). *Resumo histórico da Torre ou Fortaleza de São Julião da Barra*. ...pp: 56-60.

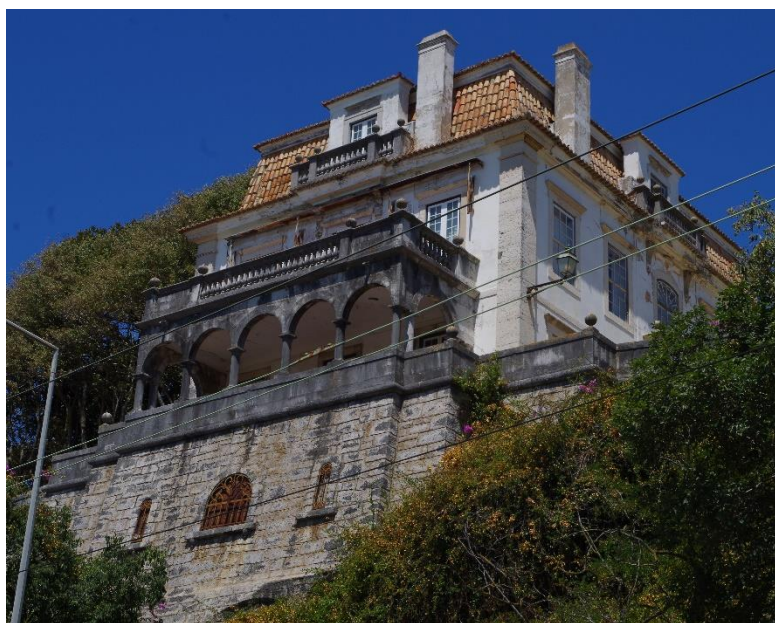


Figura 100 - Forte de São José de Ribamar

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte de Santa Catarina

Coordenadas GPS:

38°42'6.23"N

9°15'7.92"W

Mandado edificar por D. António Luis de Meneses, em 1649, para auxiliar a defesa da barra do Tejo. Ao longo dos anos foi sendo artilhado e guarnecido; contudo, no século XIX foi perdendo o seu valor militar e no século XX, com o avanço na arte da guerra, este forte foi vendido. Ainda neste século foi transformado em palacete e no ano de 1955 encontrava-se alugado ao director da Fábrica de Fermentos Holandeses (engenheiro Adolphe Benoot). Acabou por ser deixado ao abandono e por cair em ruínas, sendo mais tarde destruído.¹⁰⁷



Figura 101 - Planta do Forte de Santa Catarina

Fonte: CALISTO, Carlos Pereira (1986). Fortificações Marítimas e fluviais do Concelho de Oeiras, Oeiras: Câmara Municipal.

¹⁰⁷ CALISTO, Carlos Pereira (1980). *Resumo histórico da Torre ou Fortaleza de São Julião da Barra...* pp: 52-55.

Forte de Nossa Senhora da Boa Viagem

Coordenadas GPS:

38°41'58.88"N

9°15'10.16"W

Edificado aquando das guerras da Proclamação da Independência (entre 1640 e 1668), junto ao antigo Convento de Santa Catarina de Ribamar, foi supervisionado por D. António Luís de Meneses. As obras tiveram início no ano de 1649 (cerca de 9 anos após o início das lutas). Ao longo dos séculos foi sendo restaurado; no entanto, em 1798, este forte estava completamente abandonado e em ruínas e o governo decidiu que não era nem prioritário nem urgente a reparação do mesmo.¹⁰⁸

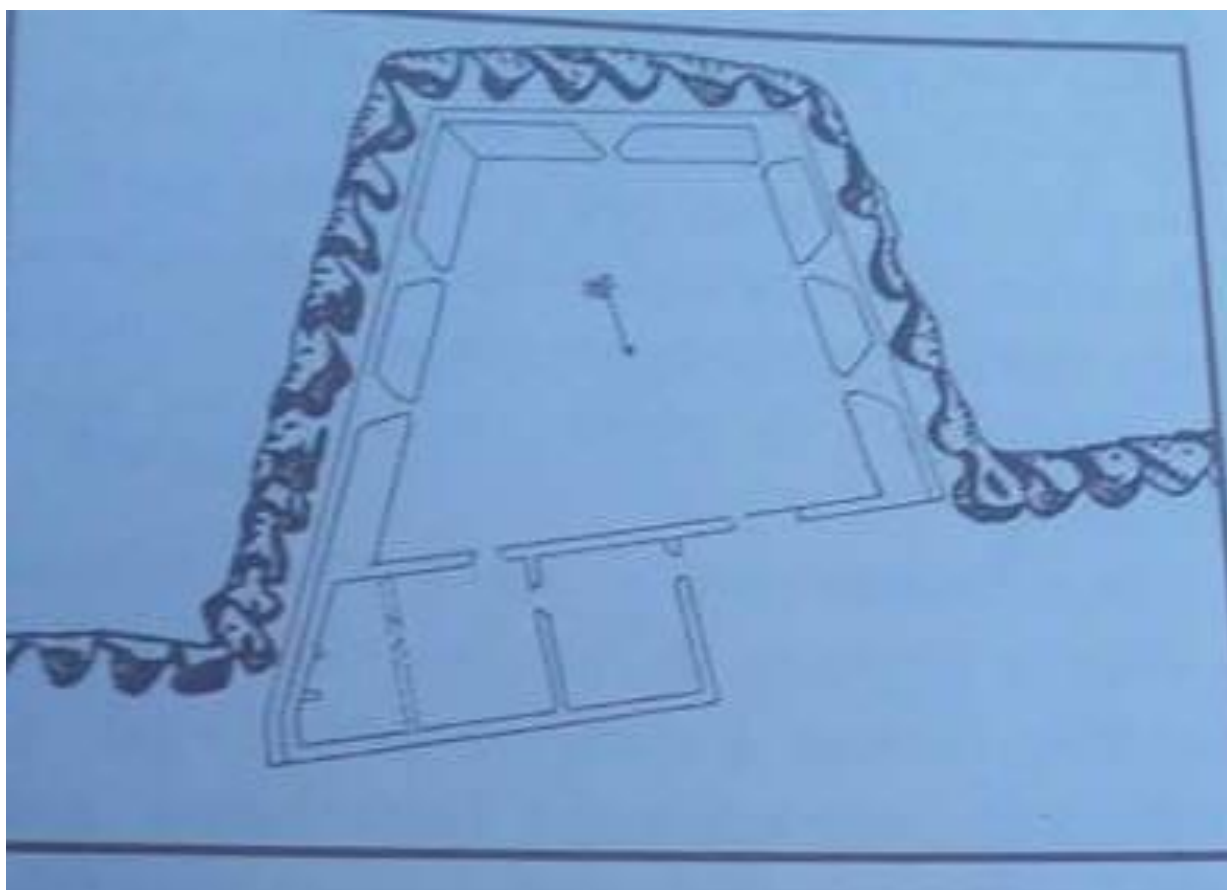


Figura 102 - Planta do Forte de Nossa Senhora da Boa Viagem

Fonte: CALISTO, Carlos Pereira (1986). *Fortificações Marítimas e fluviais do Concelho de Oeiras*, Oeiras: Câmara Municipal.

¹⁰⁸ CALISTO, Carlos Pereira (1980). *Resumo histórico da Torre ou Fortaleza de São Julião da Barra...* pp: 50-51.

Forte de Nossa Senhora do Vale

Coordenadas GPS:

38°41'52.86"N

9°16'15.32"W

Também conhecido como Forte de Caxias, foi edificado com o objectivo de cruzar fogo com o forte de São Bruno. Foi mandado edificar pelo Conselho de Guerra no reinado de D. João IV sob a supervisão de D. António Luís de Meneses.

Ficou concluído em 1653 e foi até ao século XX usado como armazém de depósitos e cais de embarque de produtos chegados da Fábrica da Pólvora de Barcarena.¹⁰⁹

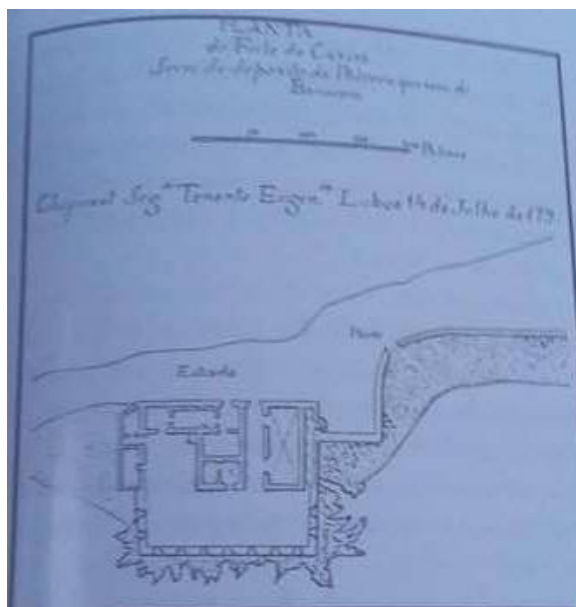
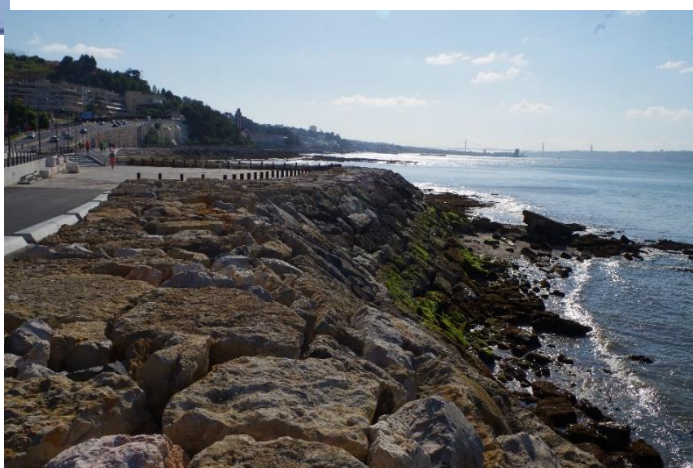


Figura 103 - Planta do Forte de Nossa Senhora do Vale

Fonte: CALISTO, Carlos Pereira (1986). *Fortificações Marítimas e fluviais do Concelho de Oeiras*, Oeiras: Câmara Municipal.

Figura 104 - Vestígios do Forte de Nossa Senhora do Vale

Fotografia tirada por: Luís Vieira



¹⁰⁹ CALISTO, Carlos Pereira (1980). *Resumo histórico da Torre ou Fortaleza de São Julião da Barra...* pp: 50-51.

Forte de São Pedro de Paço de Arcos

Coordenadas GPS:

38°41'35.28"N

9°17'36.08"W

D. José de Meneses encarregou o capitão Álvaro de Sousa da construção deste forte, no chamado “Reduto de Paço de Arcos”, no ano de 1641. Ao longo dos anos foi sendo artilhado e guarnecido. As suas obras ficaram concluídas após o ano de 1647, todavia esta fortificação possuiu uma preocupação de defesa não só do lado mar, mas também do lado terra era reforçada com muralhas. Com o terramoto de 1755, este forte não sofreu muito; no entanto, devido à sua proximidade com o mar teve de ser diversas vezes reedificado, nomeadamente em 1796. Durante a Guerra Civil este forte não foi artilhado nem guarnecido, sendo já no ano de 1845 urgente a sua reconstrução. No final do século XIX foi artilhado e adaptado a escola de torpedos fixos. O que resta desta fortaleza é o portal, cuja lápide menciona a reedificação deste forte, a mando de D. Maria II.¹¹⁰

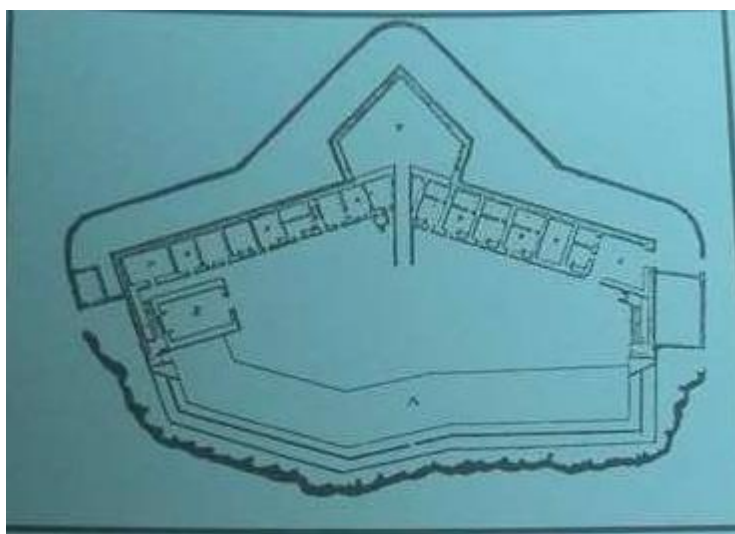


Figura 105 - Planta do Forte de São Pedro de Paço de Arcos

Fonte: CALISTO, Carlos Pereira (1986). Fortificações Marítimas e fluviais do Concelho de Oeiras, Oeiras: Câmara Municipal.

¹¹⁰ CALISTO, Carlos Pereira (1980). *Resumo histórico da Torre ou Fortaleza de São Julião da Barra...* pp: 34-36.



Figura 106 - Vestígios do forte de São Pedro de Paço de Arcos

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte do Junqueiro

Coordenadas GPS:

38°40'55.70"N

9°20'36.09"W

Como a praia de Carcavelos tem grandes dimensões e o forte marítimo mais próximo situa-se já no Estoril, houve necessidade de construir um forte nesta linha, tendo em conta a acção circunscrita do forte de São Julião da Barra, defendendo apenas o lado nascente. Quando o forte foi construído em 1647, por D. António Luís de Meneses, construiu-se também uma trincheira adaptada à pirobalística e uma bateria retangular.

Após a porta de entrada, encontraríamos um pátio de acesso à praça de armas que nos guiaria lateralmente até ao paiol de pólvora e aos armazéns. No entanto, esta estrutura estava longe de ser perfeita. Não tinha guarnição e a sua artilharia não estava operacional. Em 1735 já se considerava que este forte não tinha grande utilidade militar, começando a ser visível o estado de degradação. Com a guerra dos Sete Anos (1756-1763) este piorou, mas sofreu mais tarde obras de reparação. À medida que foi sendo restaurado, o forte foi perdendo os traços originais, no entanto o aspeto actual data de 1793. Com planta em T e maior do que a construção primitiva, os arquitectos e engenheiros aproveitaram as estruturas mais antigas e criaram uma nova, ficando o Junqueiro com duas baterias e mantendo a planta rectangular.¹¹¹ Ao contrário de outras fortificações este não foi abandonado e manteve a sua guarnição até 1894, altura em que perdeu a sua importância devido ao desenvolvimento militar. O edifício foi vendido em hasta pública duas vezes, no entanto os proprietários não chegaram a tomar posse; mais tarde o Dr. José Joaquim de Almeida pediu cedência deste espaço ao Ministério da Guerra para fundar aqui um sanatório para o tratamento da tuberculose. Assim sendo, o forte do Junqueiro foi adaptado a sanatório em inícios do século XX. Consta que o sanatório acolheu cerca de 30 crianças. Actualmente, com a extinção do sanatório, este ficou ao abandono e neste momento assim se encontra.

¹¹¹ BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais*. Lisboa: Quetzal - Câmara Municipal. pp: 139-144.

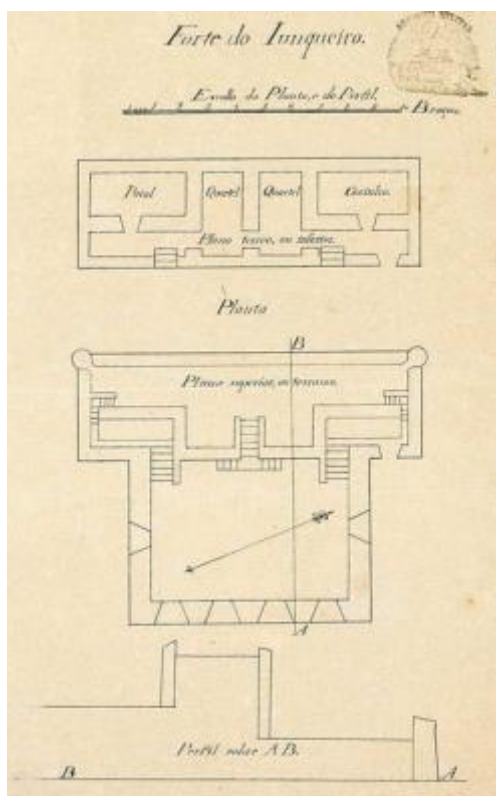


Figura 107 - Planta do Forte do Junqueiro

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1503P9219213S.5210&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!281072~!2&ri=3&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=Fort+e+do+junqueiro&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=3&limitbox_6=LOC01+=+BDE)



Figura 108 - Forte do Junqueiro

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte de Santo António da Cruz

Coordenadas GPS:

38°42'9.42"N

9°23'52.21"W

Este forte foi construído sobre a praia do Tamariz, no Estoril e remonta ao século XVII, no período correspondente ao reinado de Filipe III; trabalhava em conjunto com as outras fortificações, com o fim de proteger a barra do Tejo, bem como de evitar o desembarque de qualquer embarcação inimiga. O nome original seria Forte da Cruz de Santo António da Assubida e cruzaria fogo com o Forte de Santo António também no Estoril. Actualmente não existem vestígios deste forte.¹¹²



Figura 109 - Planta do Forte da Cruz

Fonte: CALISTO, Carlos Pereira (1986).

Fortificações Marítimas e fluviais do Concelho de Oeiras, Oeiras: Câmara Municipal.

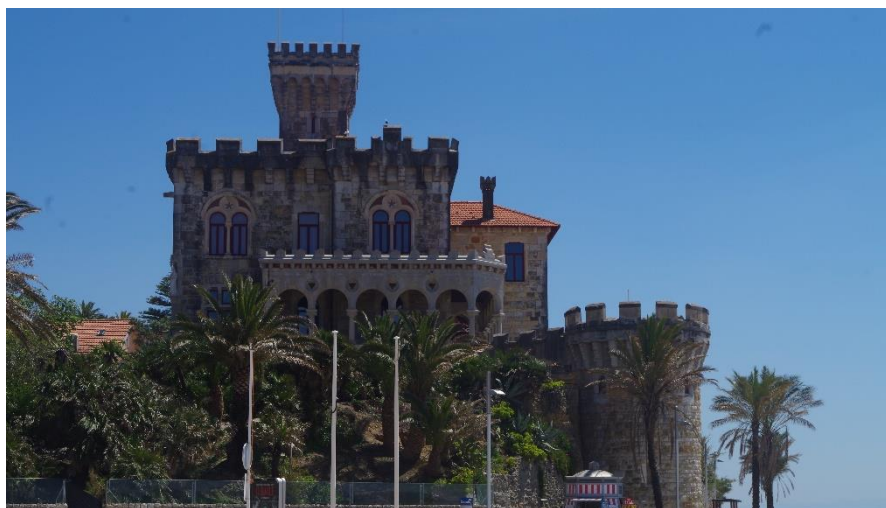


Figura 110 - Forte da Cruz

Fotografia tirada por: Luís Vieira

¹¹² BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais...* pp:101-106.

Forte de Santo António do Estoril

Coordenadas GPS:

38°42'10.81"N

9°24'1.39"W

Construído durante o reinado de D. João IV, foi mandado erguer pelo Conde de Cantanhede durante o período da Restauração. O início da sua construção teve lugar em 1642, sendo terminada apenas quatro anos depois.

Estruturalmente simples e de formas retangulares, do lado marítimo tinha a bateria e do lado terra a casa forte, cujas divisões se comunicavam entre si. Um pátio central permitia a ligação com as outras dependências da fortaleza. Em 1720 encontrava-se já num elevado estado de abandono. A partir desta data e até ao final do século XVIII o forte é descrito como estando completamente arruinado.

Nos finais do século XVIII várias campanhas de obras foram executadas, no entanto acabaram por se revelar sem importância, tendo em conta que o forte foi deixado ao abandono novamente, mas não chegando ao estado de ruínas de outrora, apresentando-se em 1831 em boas condições, precisando apenas de obras pontuais. Com as guerras liberais, as fortificações foram desartilhadas, ficando o mesmo forte sem quaisquer peças de artilharia. A partir de 1874 este forte foi desabilitado. A construção da linha férrea (de Pedrouços a Cascais, inaugurada em 1889) passou junto a esta fortificação, fazendo com que ficasse sem qualquer valor militar. Foi vendido em hasta pública a Ernesto Driesel Schröeter, futuro membro do Ministério da Fazenda. O forte foi removido e no seu lugar foi construído um palacete e um salão de chá, permanecendo com essas funções até hoje.¹¹³

¹¹³ BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais...* pp: 97-100.

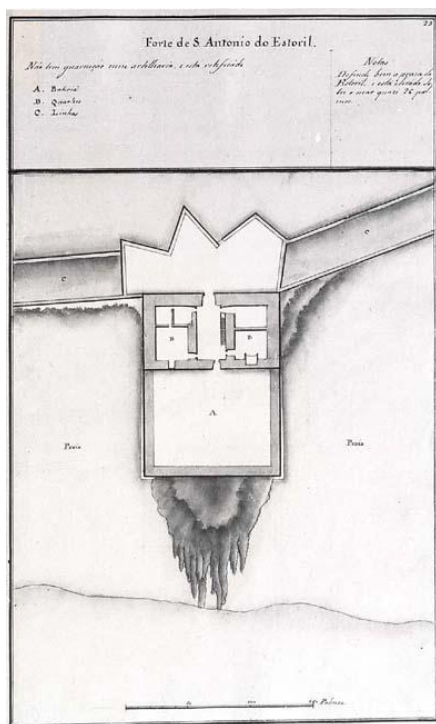


Figura 111 - Planta do Forte de Santo António do Estoril

Autor: Maximiano José da Serra - 1796

Fonte: Biblioteca Geral do Exército

(<http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1503P9219213S.5210&profile=bd&source=~!dglb&view=subscriptions&uri=full=3100024~!277673~!0&ri=10&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=forte+de+Santo+Ant%C3%B3nio+do+Estoril&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=s>)



Figura 112 - Forte de Santo António do Estoril

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte de São Roque

Coordenadas GPS:

38°42'13.46"N

9°24'8.61"W

Também conhecido como Forte do Juncal, este forte data da década de 40 do período da Proclamação da Independência. Muito próximo do Forte de Santo António do Estoril, tinha como principal objectivo a defesa das praias adjacentes, recorrendo ao uso do fogo cruzado com o Forte de Santo António da Cruz.

Com o avanço da arte militar, acabou por ser abandonado e cair em ruínas. No século XX, o comerciante Ernesto Driesel Schröeter adquiriu o que restava então desta fortificação, que acaba por ser demolida totalmente, erguendo neste mesmo lugar uma moradia ainda hoje denominada como “Casal de São Roque”. ¹¹⁴

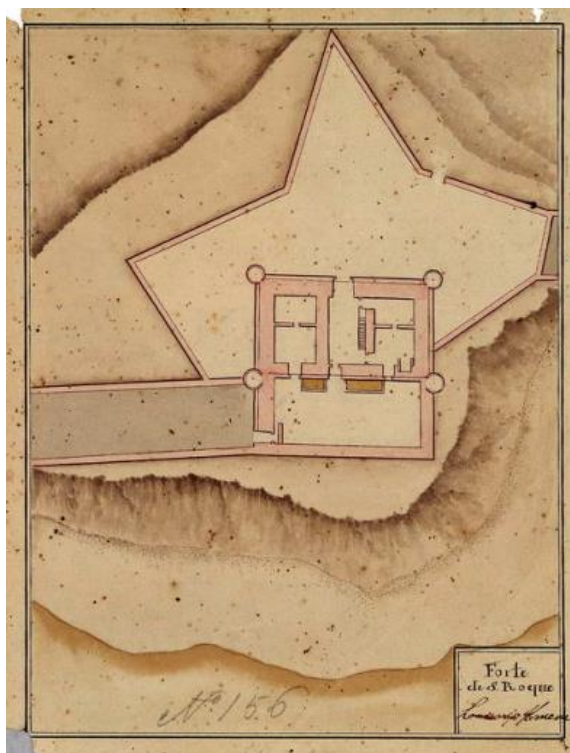


Figura 113 - Planta do Forte de São Roque

Autor: Lourenço Homem da Cunha de Eça - 1833

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=15036980159M5.5212&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!282410~!0&ri=1&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=forte+de+sao+roque&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=1&limitbox_6=LOC01++BDE)

¹¹⁴ BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais...* pp: 93-96.



Figura 114 - Forte de São Roque actualmente

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte de Nossa Senhora da Conceição

Coordenadas GPS:

38°42'3.25"N

9°24'48.24"W

Fortificação de reduzidas dimensões, foi construída sobre uma ponta rochosa junto da praia da Conceição. Tal como todos os outros fortes, a sua principal função era detectar e impedir que embarcações inimigas atracassem nas praias adjacentes. Foi o primeiro a ser demolido. Não existem registos quanto à sua construção, porém pelas suas características vários autores (incluindo Margarida Ramalho) atribuem-no ao período da Restauração. No entanto, apresentava certas particularidades que o distinguiam dos restantes, nomeadamente a própria adaptação ao terreno. Contudo, sabe-se que terá sido mandado construir por D. António Luís de Menezes.

Foi ainda conhecido como Baluarte do Rio de Bode e Forte dos Inocentes. Existiria uma bateria adaptada à artilharia de longo e curto alcance e para tiro de mosqueteria. A partir do século XVIII o estado de degradação começou a aparecer e pouco tempo depois o estado de ruína já era grave. Sofreu depois obras de restauro, sendo utilizado ocasionalmente em marcos históricos importantes, mas à semelhança de como aconteceu com os outros fortes, o papel militar foi perdido e acabou por ser deixado ao abandono. No século XIX este forte foi adquirido pela família Palmela, que mandou construir aí o seu palacete, demolindo as ruínas.¹¹⁵

¹¹⁵ BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais...* pp: 87-92.

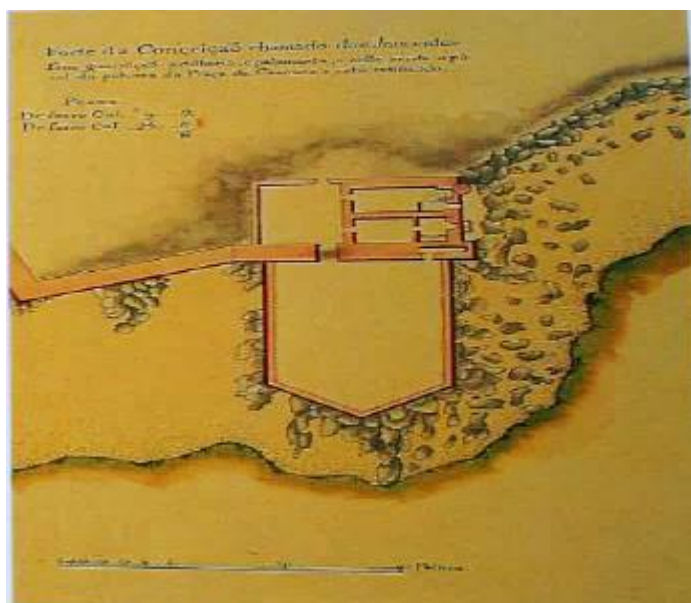


Figura 115 - Planta do Forte de Nossa Senhora da Conceição

Fonte; BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). As fortificações marítimas da costa de Cascais. Lisboa: Quetzal - Câmara Municipal.



Figura 116 - Vestígios do Forte de Nossa Senhora da Conceição

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte de Santa Catarina

Coordenadas GPS:

38°42'2.65"N

9°24'57.56"W

Datado de 1645, de planta quadrangular, ainda com vestígios já muito restaurados e reconstruídos de uma muralha irregular adaptada ao terreno; cruzava fogo com o Forte de Nossa Senhora da Conceição. No exterior da fortificação encontrava-se o paiol de armas. Com o rigor do inverno e com a localização junto ao mar, este forte sofreu várias obras de reparação, sendo posteriormente abandonado em finais do século XIX. Mais tarde, o terrapleno foi transformado num terraço por Aline de Neuville. Em 1916 foi adquirido por Henrique Manfroy de Seixas e foi este que mandou construir o que agora é conhecido como Palácio Seixas, actualmente pertencente à Armada.¹¹⁶

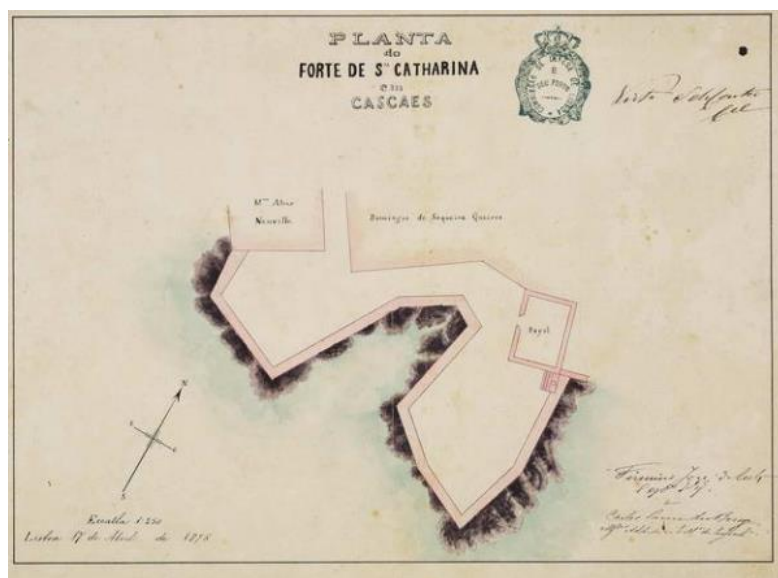


Figura 117 - Planta do Forte de Santa Catarina

Autor: Firmino José da Costa – 1876

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(<http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=15036980159M5.5212&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!277999~!5&ri=5&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=forte+d>)

¹¹⁶ BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais...* pp: 75-80.

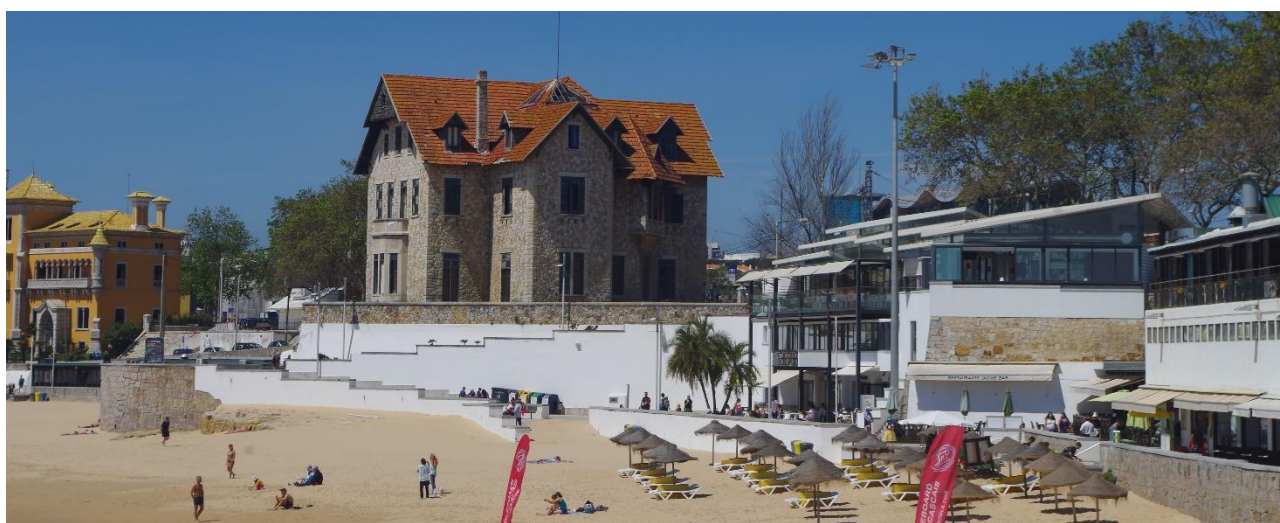


Figura 118 - Forte de Santa Catarina actualmente

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte de São Brás de Sanxete

Coordenadas GPS:

38°42'33.77"N

9°29'8.17"W

Datado do século XVII, a sua primeira planta é do ano de 1693. Nesta é possível observar-se, à semelhança das outras fortalezas abordadas, a bateria virada ao mar e o paiol de armas virado a terra. Na cortina existiria a entrada principal, que ligaria à praça de armas e à cisterna, e posteriormente à bateria. Este forte, embora tenha sofrido obras de reparação ao longo dos anos, nunca foi ampliado, tendo mantido as suas medidas originais, sofrendo apenas um acréscimo a níveis de artilharia e de guarnição. A construção das canhoneiras e dos parapeito é do século XVIII. Em 1894 foi mandado construir um farol com cerca de 13 metros.¹¹⁷

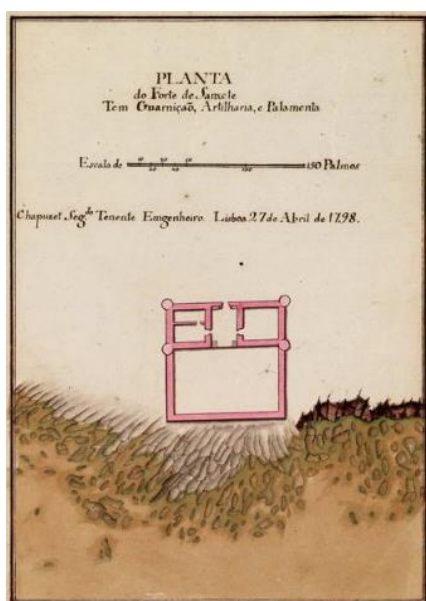


Figura 119 - Planta do Forte de São Brás de Sanxete

Autor: João da Mata Chapuzet – 1789

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=P503A011510H1.5214&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionsummary&uri=full=3100024~!282431~!2&ri=3&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=S%C3%A3o+br%C3%A1s&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=3&limitbox_6=LOC01+=+BDE)



Figura 120 - Forte de São Brás de Sanxete

Fotografia tirada por: Luís Vieira

¹¹⁷ BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais*. Lisboa: Quetzal - Câmara Municipal. pp: 183-188.

Baterias da Crismina, Alta e Galé

Coordenadas GPS:

Crismina: 38°43'22.10"N / 9°28'42.36"W

Alta: 38°43'41.18"N / 9°28'32.97"W

Galé: 38°43'46.04"N / 9°28'29.97"W

É no contexto da guerra dos Sete Anos que se deu uma reorganização do exército nacional, de que foi encarregue o conde Guilherme Schaumburg-Lippe, tendo decidido ainda o reforço da defesa terrestre e marítima do Reino.

Bateria da Crismina

Esta bateria tinha a função de cruzar fogo com o Forte de São Brás de Sanxete, de forma a proteger um curto espaço costeiro sinuoso que separa as duas fortificações; apresentava uma configuração parecida com a da Galé, mas de menor dimensão.

Bateria Alta

A Bateria Alta defenderia a enseada que ficava pelo meio e por último, em acção combinada com a Bateria da Crismina, protegeria a praia. Tinha um traçado também angular apresentando três faces.

Bateria da Galé

A Bateria da Galé serviria para impedir que barcos inimigos aportassem na praia que se encontra entre a Crismina e o Abano. Tinha um corpo angular que se desenvolvia na ponta extrema da superfície rochosa onde se erguia.

Esta estratégia defensiva nunca foi testada, porque a incursão de armadas inimigas nas costas marítimas portuguesas dissiparam-se após com o Tratado de Paz de Fontainebleau, assinado em 1763.

Já desde o século XVIII estas baterias estavam quase em ruínas, sendo artilhadas e reedificadas no século seguinte, caindo em ruína e sendo novamente recuperados no reinado de D. Miguel. Após este período as baterias foram desartilhadas e deixadas ao abandono, sendo vendidas posteriormente em hasta pública. A Bateria Alta neste momento alberga o Hotel do Guincho. A bateria da Galé serviu de miradouro e de seguida serviu de base à estalagem do Muxaxo, sobrevivendo apenas a bateria, usada como piscina. A Bateria da Crismina foi deixada ao abandono, completamente arruinada.¹¹⁸

¹¹⁸ BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais*. Lisboa: Quetzal - Câmara Municipal. pp: 189-200.

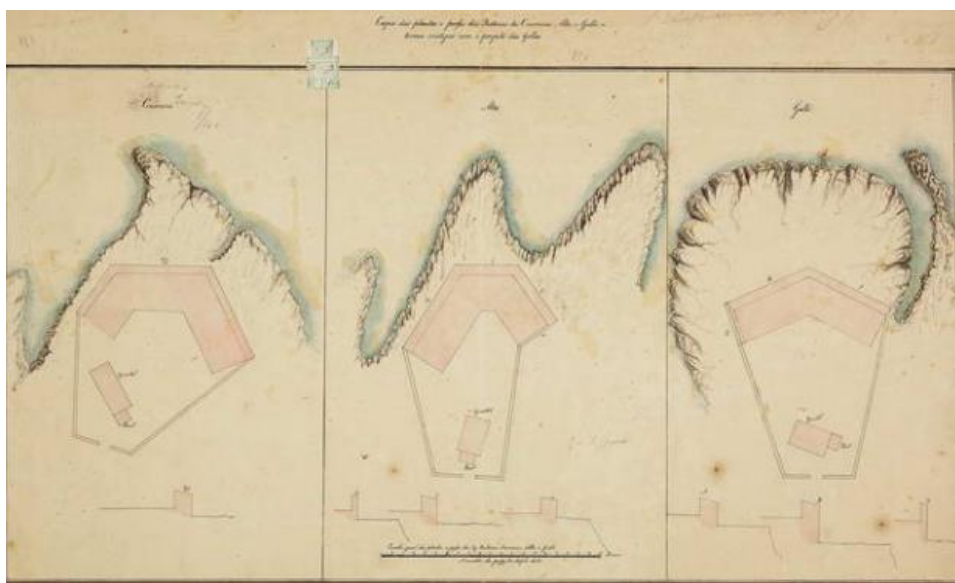


Figura 121 – Plantas das Baterias da Crismina, Alta e Galé (respectivamente)

Autor: Simão Mateus – 1643?

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=P503A011510H1.5214&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!277870~!1&ri=1&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=crismina&index=.GW&uiindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=1&limitbox_6=LOC01+=+BDE)



Figura 122 - Bateria da Crismina

Fotografia tirada por: Luís Vieira

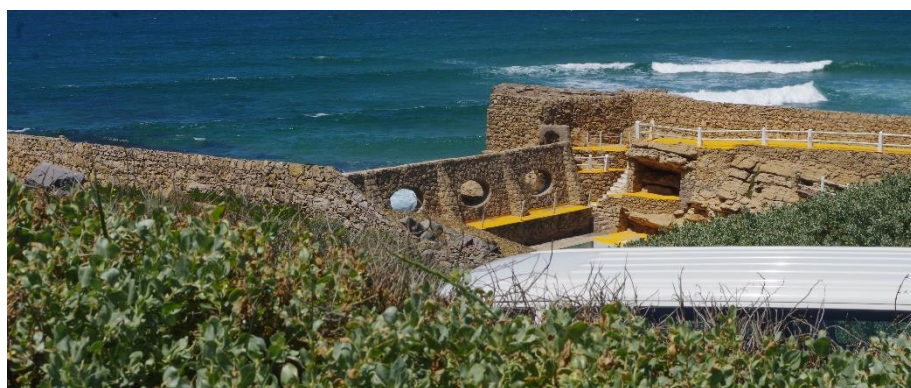


Figura 123 - Bateria da Galé

Fotografia tirada por: Luís Vieira



Figura 124 - Bateria Alta

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Sintra

Forte da Roca

Coordenadas GPS:

38°46'11.40"N

9°29'37.41"W

Localizado numa vertente protegida dos ventos dominantes (sobretudo vindos de Nor-Nordeste) e aproveitando a defesa natural, o forte servia de apoio às diversas fortificações costeiras. Sabe-se que este forte estaria já adaptado ao uso de mosquetaria. Apesar da geografia e dos perigos para a navegação, era frequente a passagem e o ataque de corsários prontos a saquear as naus que chegavam da Índia. O Cabo da Roca era a grande referência de aproximação à costa portuguesa, sobretudo de navios vindos dos Açores. Datado do período pós-aclamação da independência e também conhecido como Forte do Espinhaço ou Forte de Nossa Senhora da Roca. Sabe-se que em 1751 o forte estava já em ruínas, sendo por isso urgente uma intervenção.¹¹⁹

¹¹⁹ BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais*. Lisboa: Quetzal - Câmara Municipal. pp: 209-214.

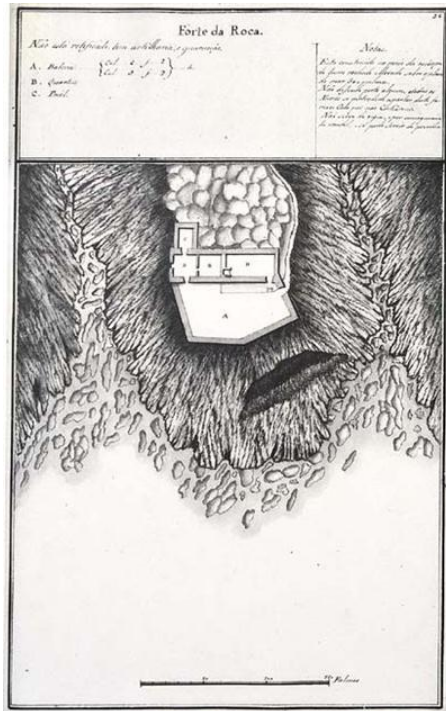


Figura 125 – Planta do Forte da Roca

Autor: Maximiano José da Serra – 1796

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=P503A011510H1.5214&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!277686~!0&ri=7&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=forte+da+roca&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=7&limitbox_6=LOC01+=+BDE)



Figura 126 - Forte da Roca

Fotografia tirada por: Luís Vieira

Forte da Vigia

Coordenadas GPS:

38°49'15.49"N

9°28'20.57"W

Sem qualquer datação, a única informação obtida foi a partir da gerente do Hotel *Quinta da Vigia*. Este forte teria existido no local onde hoje foi construído este hotel. Cerca de 40 anos antes, a referida gerente terá adquirido uma casa ali construída ao maestro Frederico de Freitas, que a informou da existência de um antigo forte naquele local, e que por essa razão as paredes seriam tão grossas.

Peniche

Forte de Nossa Senhora da Luz

Coordenadas GPS:

39°22'13.38"N

9°22'20.24"W

Datado do século XVII, com o objectivo de defesa da Península de Papoa, actualmente são apenas visíveis as suas ruínas. Está localizado na parte de cima de Peniche, completando as suas defesas e cruzando fogo com o fortim do Baleal. Possuía planta poligonal com baluartes coroados por guaritas circulares e um revelim voltado a terra. Era ainda composto por uma caserna e um paiol.¹²⁰

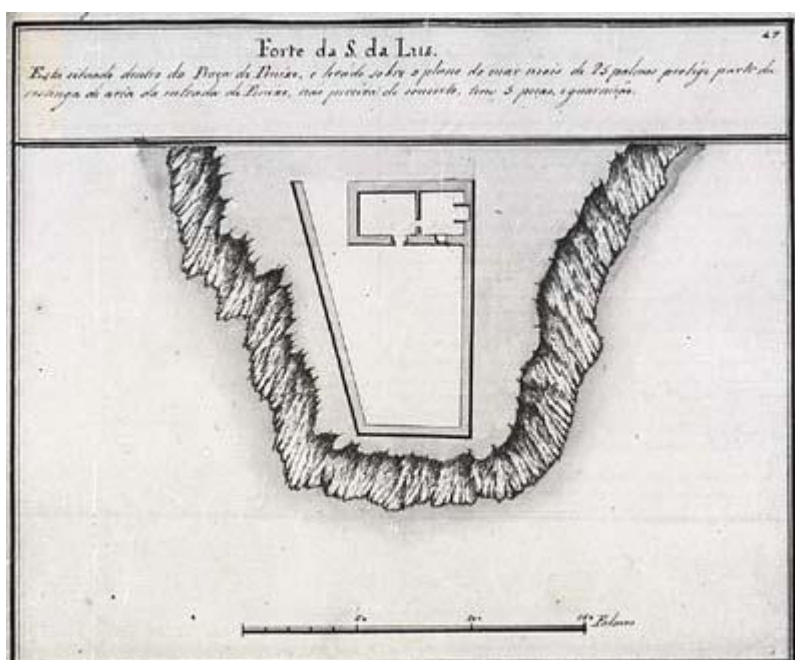


Figura 127 - Planta do Forte da Luz

Autor: Maximiano José Serra - 1796

Fonte: Biblioteca Digital do Exército

(http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?session=P503A011510H1.5214&profile=bde&source=~!dglb&view=subscriptionssummary&uri=full=3100024~!277696~!1&ri=9&aspect=subtab260&menu=search&ipp=20&spp=20&staffonly=&term=forte+da+luz&index=.GW&uindex=&aspect=subtab260&menu=search&ri=9&limitbox_6=LOC01+=+BDE)



Figura 128 - Forte da Luz – Peniche

Fotografia tirada por: Luís Vieira

¹²⁰ CALADO, Mariano (2000). *Fortificações da Região de Peniche*. Lisboa: Edição de Autor. pp: 99-170.

V - Proposta de Itinerários

Plano 1

Grupo: Máximo de 11 pessoas

1º dia – Lisboa (Belém) - Cascais

MANHÃ

(Aeroporto – Transfer in) – facultativo

Torre de Belém (10h-12h)

Forte do Bom Sucesso (12h-13h30);

Almoço – Belém (13h30-14h30)

TARDE

Cascais - (15h) – Barco (15h30-18h30)

Fortes mencionados neste passeio:

Forte de Nossa Senhora da Conceição;

Forte de São José de Ribamar;

Forte de Nossa Senhora do Vale;

Forte de São Bruno de Caxias;

Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo;

Forte das Maias;

Forte de Santo Amaro;

Forte de Nossa Senhora das Mercês (+ bateria da Feitoria)

Fortaleza de São Julião da Barra;

(Forte de São Lourenço da Cabeça Seca)

Forte do Junqueiro;

Forte de Santo António da Barra

Forte de São João da Cadaveira

Forte Velho;

Forte de Santo António da Cruz;

Forte de Santo António do Estoril;

Forte de Nossa Senhora da Conceição;

Forte de Santa Catarina;

Fim do 1º dia

Alojamento: Belém

2º dia – Belém – Cascais

MANHÃ

(Panorâmica) – Av. Marginal

Forte de Nossa Senhora da Luz (visita – 10h-12h)

Panorâmica Guincho (12h15-14h)

Forte de Santa Marta

Forte da Guia

Forte dos Oitavos (12h30-13h30)

Paragem:

Forte de São Brás de Sanxete

Baterias (Crismina, Alta e Galé)

Almoço: Guincho (14h-15h)

TARDE

Forte do Magoito (16h-16h15)

Partida para Mafra – 16h30 – 17h30

Alojamento: Mafra

Fim do 2º dia

3º dia- Mafra-Ericeira

MANHÃ

Livre - Mafra

Almoço: Mafra (13h-14h30)

TARDE

(Passeio pedestre pela vila com passagem pelo Forte de Milreu – 15h-16h)

Forte de Nossa Senhora da Natividade (16h15-17h)

Partida para Mafra (18h)

Alojamento: Mafra

Fim do 3º dia

4º dia – Ericeira/Mafra – Lourinhã

MANHÃ

Saída de Mafra e Chegada à Lourinhã (10h-11h15)

Forte do Paimogo (11h30-12h30)

Pausa para Almoço (13h-14h30)

TARDE

Forte de Nossa Senhora da Consolação (15h-15h30)

Partida para Peniche (16h-16h20)

Fim do 4º dia – Alojamento: Peniche

5º dia – Peniche

MANHÃ

Muralhas da Cidade de Peniche (9h-10h15)

Fortaleza de São Francisco de Peniche (10h30-13h30)

Pausa para Almoço (13h30-14h30)

TARDE

Forte de Nossa Senhora da Luz (14h45-16h)

Alojamento: Peniche

Fim do 5º dia

6º dia – Berlengas

FULL DAY

Peniche – Berlengas (9h30-16h30)

Partida para Lisboa (17h-18h30)

Plano 2

Grupo: Máximo 3 Pessoas – Tour Privado

1º dia – Lisboa - Cascais

MANHÃ

Torre de Belém (10h-11h);

Forte do Bom Sucesso (11h15-12h);

Almoço (12h30-13h30);

Tarde – Panorâmica (14h-15h30)

Abordagem dos seguintes vestígios:

Forte de Nossa Senhora da Conceição;

Forte de São José de Ribamar;

Forte de Santa Catarina;

Forte de Nossa Senhora da Boa Viagem;

Forte de Nossa Senhora do Vale;

Forte de São Bruno de Caxias; - com visita (20 min)

Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo;

Forte de São Pedro de Paço de Arcos;

Forte das Maias;

Forte de Santo Amaro;

Fortaleza de São Julião da Barra; (com paragem)

Forte do Junqueiro;

Forte de Santo António da Barra

Forte de São João da Cadaveira

Forte Velho

Forte de Santo António da Cruz

Forte de Santo António do Estoril

Forte de Nossa Senhora da Conceição

Forte de Santa Catarina (18h15)

Alojamento: Cascais

Fim do 1º dia

2º dia – Cascais - Sintra

MANHÃ

Fortaleza de Nossa Senhora da Luz (10h-12h) – Com visita

Forte de Santa Marta; Panorâmica

Forte da Guia

Forte dos Oitavos; (12h30-13h15) – com visita

Pausa para Almoço (13h30-15h)

TARDE

Forte de São Brás de Sanxete; Panorâmica

Forte da Guia - Panorâmica

Baterias Crismina, Alta e Galé; Panorâmica

Forte do Guincho/Abano; Panorâmica

(Cabo da Roca)

Alojamento: Sintra – Quinta da Vigia (antigo forte da vigia)

Fim do 2º dia

3º dia- Ericeira

Manhã

Forte do Magoito – (10h-10h30)

Partida para a Ericeira (11h-12h)

Almoço livre (12h30 – 14h)

Tarde

Forte de Milreu (14h30-16h30)

Fim do 3º dia – Alojamento: Ericeira

4º dia – Lourinhã

Saída da Ericeira e Chegada à Lourinhã (10h-11h15)

Forte do Paimogo (11h30-12h30)

Pausa para Almoço (13h-14h30)

TARDE

Forte de Nossa Senhora da Consolação (15h-15h30)

Partida para Peniche (16h-16h20)

5º dia – Peniche

MANHÃ

Muralhas da Cidade de Peniche (9h-10h30)

Fortaleza de São Francisco de Peniche (10h30-13h)

Pausa para Almoço (13h15-14h15)

TARDE

Forte de Nossa Senhora da Luz (14h30-16h)

Alojamento: Peniche

Fim do 5º dia

6º dia – Berlengas

Full Day

Peniche – Berlengas (9h30-16h30)

Partida para Lisboa (17h-18h30)

Plano 3

Grupo: Máximo 25/30 Pessoas – Visita em autocarro de turismo

1º dia – Lisboa (Belém) - Cascais

Manhã

Torre de Belém (10h-12h) – Com visita

Forte do Bom Sucesso (12h-13h30) – Com visita

Almoço – Belém (13h30-14h30)

Tarde

Panorâmica da linha de Cascais (14h30-18h30)

Fortes mencionados neste passeio:

Forte de Nossa Senhora da Conceição;

Forte de São José de Ribamar;

Forte de São Bruno de Caxias – Com visita – 15h-16h

Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo;

Forte das Maias;

Forte de Santo Amaro;

Fortaleza de São Julião da Barra – *Comfort stop / Break* (20 min)

(Forte de São Lourenço da Cabeça Seca)

Forte do Junqueiro;

Forte de Santo António da Barra

Forte de São João da Cadaveira

Forte Velho;

Forte de Santo António da Cruz;

Forte de Santo António do Estoril;

Forte de Nossa Senhora da Conceição;

Forte de Santa Catarina;

Alojamento: Cascais (Hotel Baia)

Fim do 1º dia

2º dia – Cascais – Sintra

Manhã

Forte de Nossa Senhora da Luz (com visita – 10h-12h)

“Panorâmica” Guincho (12h15-13h30)

Pausa para Almoço (13h45-14h30)

Tarde

Paragem:

Forte dos Oitavos – com visita (14h45-15h30)

Baterias (Crismina, Alta e Galé)

Guincho (15h-15h30)

Fim do 2º dia – alojamento: Mafra

3º dia- Mafra-Ericeira

MANHÃ

Livre (Mafra)

Almoço: Mafra (13h-14h30)

TARDE

(Passeio pedestre pela vila com passagem pelo Forte de Milreu – 15h-16h)

Forte de Nossa Senhora da Natividade (16h15-17h)

Partida para Mafra (18h)

Alojamento: Mafra

Fim do 3º dia

4º dia – Ericeira/Mafra – Lourinhã

MANHÃ

Saída de Mafra e Chegada à Lourinhã (10h-11h15)

Forte do Paimogo (11h30-12h30)

Pausa para Almoço (13h-14h30)

TARDE

Forte de Nossa Senhora da Consolação (15h-15h30)

Partida para Peniche (16h-16h20)

Alojamento: Peniche

Fim do 4º dia

5º dia – Peniche

MANHÃ

Fortaleza de São Francisco de Peniche (10h-13h)

Pausa para Almoço (13h15-14h15)

TARDE

Forte de Nossa Senhora da Luz (14h30-16h)

Alojamento: Peniche

Fim do 5º dia

6º dia – Berlengas

Full Day

Peniche – Berlengas (10h30-15h)

Partida para Lisboa (15h30-17h)

VI - Conclusão

Após a elaboração deste roteiro é importante mencionar que o papel do Conde de Cantanhede foi de elevada importância para a construção das defesas da barra do Tejo depois de 1640. Não só mostrou uma grande preocupação em proteger a cidade de Lisboa, mas também na estratégica escolha de pontos de defesa (muitos deles aproveitando as próprias defesas naturais) que permitiram a criação de uma linha de defesa composta por baterias, fortins, fortes e fortalezas que trabalhavam em conjunto para a defesa de Lisboa. A capital, alvo de diversas ameaças, foi protegida através de um cordão de fortes, baterias e fortins cujo principal objectivo era, não só garantir a sua segurança, mas proteger as áreas adjacentes criando uma linha defensiva desde Belém até Peniche.

É importante mencionar que, tal como foi sendo referido ao longo deste trabalho de projecto, foram vários os reis que se preocuparam com a defesa da capital. Dos fortes e vestígios mencionados ao longo do trabalho, os mais importantes em termos defensivos foram construídos durante o domínio filipino ou durante o reinado de D. João IV, nomeadamente a Fortaleza de Nossa Senhora da Luz, Farol do Bugio e Fortaleza de Peniche (com excepção da Torre de Belém construída no reinado de D. João II e da Fortaleza de São Julião da Barra iniciada no reinado de D. João III).

Reinados	Quantidade de Fortes (do Roteiro) construídos
D. João II	1
D. Manuel I	1
D. João III	1
Domínio Filipino	4
D. João IV	24
Século XVIII (D. Pedro II/D. José I/D. Maria I)	10

Desta forma é possível concluir-se que foi após o domínio filipino, no Reinado de D. João IV, que a defesa da cidade de Lisboa teve um reforço maior, de modo a impedir novos ataques. É

importante ainda destacar que, no reinado de D. Manuel I e de D. João III, as grandes construções a nível da arquitectura militar tiveram lugar além-mar.

Do ponto de vista da preservação e restauro, os fortes que estão em melhores condições são os que ainda hoje servem funções de Estado (como é o caso da Torre de Belém, o Forte de São Julião da Barra, da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz e do Forte de Peniche), ou os que foram aproveitados para outros fins, como para casas de chá ou bares (como é o caso da maioria dos fortes da linha de Cascais). Infelizmente todos os outros estão ao abandono e alguns casos encontram-se em estado de ruína.

No roteiro são ainda destacadas algumas informações que podem ser úteis ao turista/visitante/leitor, nomeadamente as questões relacionadas com a acessibilidade. A acessibilidade a pessoas com mobilidade reduzida é algo que neste momento está a ser revisto, no entanto existem ainda algumas lacunas. Como mencionado anteriormente, alguns dos fortes encontram-se em estado de ruína, no entanto é de mencionar também os fortes que mesmo completamente ao abandono, encontram-se bem preservados e são acessíveis a pessoas com mobilidade condicionada.

Sob o ponto de vista turístico, creio ainda ser importante mencionar que a opção que melhor se enquadra ao tipo de público deste trabalho é o itinerário da Proposta 1 que, mesmo sendo sazonal, mostra uma outra perspetiva sobre os fortes por via do passeio de barco e desta forma consegue-se ter acesso a outro tipo de pormenores. As propostas apresentadas podem ser adaptadas aos diversos tipos de público, bem como às diferentes nacionalidades.

Fortes	Vestígios	Ruínas	Recuperado	Reabilitado	Espaço Museológico	Propriedade privada	Propriedade Pública
Torre de São Vicente de Belém			X	X	X		X
Forte do Bom Sucesso			X	X	X		X
Forte de Nossa Senhora da Conceição (Algés)	X	X					X
Forte de São José de Ribamar	X					X	
Forte de Nossa Senhora da Boa Viagem	X	X					X
Forte de Nossa Senhora do Vale	X	X					X
Forte de São Bruno				X	X		X
Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo			X	X			X

Fortes	Vestígios	Ruínas	Recuperado	Reabilitado	Espaço Museológico	Propriedade privada	Propriedade Pública
Forte de Paço de Arcos	X						X
Forte das Maias			X	X			X
Forte de Santo Amaro			X	X			X
Forte de Nossa Senhora das Mercês			X	X			X
Forte de São Julião da Barra			X	X	X		X
Forte/Farol do Bugio			X				X
Forte do Junqueiro	X			X		X	
Forte de Santo António da Barra			X	X		X	
Forte de São João da Cadaveira			X				X
Forte Velho			X				X

Fortes	Vestígios	Ruínas	Recuperado	Reabilitado	Espaço Museológico	Propriedade privada	Público
Forte de Santo António da Cruz			X	X		X	
Forte de São Roque	X			X		X	
Forte de Nossa Senhora da Conceição (Cascais)	X			X		X	
Forte de Santa Catarina (Cascais)	X			X		X	
Fortaleza de Nossa Senhora da Luz			X	X	X		X
Forte/Farol de Santa Marta			X	X	X		X
Forte de Nossa Senhora da Guia			X	X			X
Forte dos Oitavos			X	X	X		X

Fortes	Vestígios	Ruínas	Recuperado	Reabilitado	Espaço Museológico	Propriedade Privada	Propriedade Pública
Forte de São Brás de Sanxete			X	X			X
Bateria Galé	X	X	X	X		X	
Bateria Alta	X	X	X	X		X	
Bateria Crismina	X	X					X
Forte do Guincho			X				X
Forte da Roca	X	X					X
Forte da Vigia	X					X	
Forte do Magoito			X	X			X
Forte de Nossa Senhora da Natividade			X	X			X
Forte do Milreu	X	X	X				X
Forte do Paimogo	X	X	X				X
Forte de Nossa Senhora da Consolação			X				X

Fortes	Vestígios	Ruinas	Recuperado	Reabilitado	Espaço Museológico	Propriedade privada	Propriedade Pública
Forte de São Francisco de Peniche			X	X	X		X
Muralhas da Cidade de Peniche		X	X				X
Forte da Luz (Peniche)	X	X				X	
Forte de São João Baptista (Berlengas)			X	X		X	

VII - Bibliografia

AAVV. (1994). *Dicionário da história de Lisboa*, Lisboa: [s.n.], Pp: 449-530.

ADRAGÃO, José Victor, PINTO, Natália, RASQUILHO, Rui (1986). *Lisboa*, Lisboa: Editorial Presença, pp:9-29

BARROCA, Mário Jorge (2003), «Tempos de resistência e de inovação: a arquitectura militar portuguesa no reinado de D. Manuel I (1495-1521)», *Portvgalia*. Porto, 2ª série, vol. XXIV, pp. 95-118.

BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira. (1989). “A Fortaleza da Luz e a defesa da barra” in *Oceanos* (1989), Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, N. 2.

BOIÇA, Joaquim (2000). *A Barra do Tejo. O eixo de São Julião da Barra – Bugio*. Oeiras: Camara Municipal de Oeiras

BOIÇA, Joaquim Manuel Ferreira, BARROS, Maria de Fátima Rombouts de; e RAMALHO, Margarida Magalhães (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais*. Lisboa: Quetzal - Câmara Municipal de Cascais.

BOIÇA, Joaquim (2004). *O Forte e Farol do Bugio: São Lourenço da Cabeça Seca*. Oeiras: Fundação Marquês de Pombal

BUCHO, Domingos (2010). *Métodos e escolas de fortificação abaluartada em Elvas. Systems and schools of bulwarked fortification adopted in Elvas*. Lisboa: Edições Colibri.

CALADO, Mariano. (1991). *Peniche na História e na Lenda*, 4ª ed. Peniche: Edição de autor, Pp: 39-324.

CALADO, Mariano (2000). *Fortificações da Região de Peniche*. Lisboa: Edição de Autor.

CALISTO, Carlos Pereira (1980). *Resumo histórico da Torre ou Fortaleza de São Julião da Barra*. Lisboa. Estado-Maior-General das Forças Armadas.

CALISTO, Carlos Pereira (1986). *Fortificações Marítimas e fluviais do Concelho de Oeiras*, Oeiras: Câmara Municipal.

CALLISTO, Carlos Pereira (1998). *Fortificações Marítimas do concelho de Oeiras*, Oeiras: Câmara Municipal de Oeiras, Pp: 12-13.

CID, Pedro de Aboim Inglez (1998/2007). *A Torre de S. Sebastião de Caparica e a arquitectura militar no tempo de D. João II*. Lisboa: Edições Colibri / Instituto de Historia da Arte da FCSH – UNL, Pp: 27-195.

CONCEIÇÃO, Margarida Tavares da (2015), “A fortificação moderna e a linha da circunvalação (notas sobre os limites urbanos de Lisboa)”, In *Rossio*, Lisboa: Gabinete de Estudos Olisiponenses, Pp 179-197.

CORREIA, Jorge (2007). “Mazagão: A última praça Portuguesa no Norte de África”, in Revista de História da Arte Nº 4 - Cidades Portuguesas Património da Humanidade, [online] disponível em: https://run.unl.pt/bitstream/10362/12584/1/ART_7_Correia.pdf, acedido a 8 de Dezembro de 2016.

ESAGUY, José de (1937). *Tanger sous la domination portugaise, (1471-1663)*, Tanger : Editions Internationales.

FARIA, Miguel Figueira de (2014). *Do Terreiro do Paço à Praça do Comércio - História de um Espaço Urbano*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, PP: 13-37

FAUCHERRE, Nicolas, MARTENS, Pieter, PAUCOT, Hugues, ed. (2014). *La genèse du système bastionné en Europe (1500-1550)*. Université d'Aix: Marseille, pp: 203-219

FRANÇA, José Augusto. (2005). *Lisboa: Urbanismo e Arquitectura*. Lisboa: Livros Horizonte, Pp: 7-45.

LOPES, David (1924). *História de Arzila durante o domínio português, 1471-1550 e 1577-1589*, Lisboa : Academia das Ciências (Coimbra : : Imprensa da Universidade.)

LOUSA, Maria Teresa Viana (2013). Francisco de Holanda e a Ascensão do Pintor. [online], disponível em: repositorio.ul.pt/bitstream/10451/.../1/ulsd066695_td_Maria_Lousa.pdf, consultado a 7 de Dezembro de 2016.

MAGALHÃES (2001). *As fortificações marítimas da costa de Cascais*. Lisboa: Quetzal - Câmara Municipal de Cascais.

MASCARENHAS, Jerónimo (1918). *História de la ciudad de Ceuta : sus sucessos militares, y politicos : memorias de sus santos y prelados, y elogios de sus capitanes generales*. Lisboa : Academia das Ciências

MOREIRA, Rafael (1981). *A arquitectura militar do renascimento em Portugal*, Coimbra : Epatur.

MOREIRA, Rafael (1986). *Portugal no mundo: história das fortificações portuguesas no mundo*, Lisboa: Alfa.

MOREIRA, Rafael (1994), “A Torre de Belém” in MOITA, Irisalva (1994). *O Livro de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte.

MOREIRA, Rafael (2014). *De la Méditerranée à l’Atlantique*, In FAUCHERRE, Nicolas, MARTENS, Pieter, PAUCOT, Hugues, ed. (2014). *La genèse du système bastionné en Europe (1500-1550)*. Université d’Aix: Marseille, Pp: 203-219

MOREIRA, Rafael e SOROMENHO, Miguel (1999). «Engenheiros Militares Italianos em Portugal (séculos XV-XVI)», *Architetti e Ingegneri Militari Italiani all’estero dal XV al XVIII secolo*. Dall’Atlantico al Baltico, ed. Marino Viganò. Roma - Livorno: Istituto Italiano dei Castelli - Sillabe, vol. II, pp. 109-131.

MOREIRA, Rafael. (1986). *Portugal no mundo: história das fortificações portuguesas no mundo*, Lisboa: Alfa, pp: 91-101.

PAAR, Edwin (1988). «As Fortificações Seiscentistas de Elvas e o Primeiro Sistema Holandês de Fortificação», Sep. *A Cidade, Revista Cultural de Portalegre*. Portalegre, nova série, nº 12, pp. 128-170.

PEREIRA, Paulo (2006). *Portugal – Património Cultural*. Madrid: Pandora, Imagem e Comunicação, Lda.

ROCHA, Filomena Isabel L.C Serrão (1996). *Oeiras – O Património – A História*, Câmara Municipal de Oeiras: Oeiras

SANTOS, Cristina (2014). *Fortificações da foz do Tejo*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura e Artes – Universidade Lusíada de Lisboa. Pp.86-105 [online], disponível em: http://repositorio.ulusiada.pt/bitstream/11067/888/1/ma_cristina_santos_dissertacao.pdf, acedido a 20 de Julho de 2017.

SILVA, J. D'Oliveira Lobo e. (1998). *Anais da vila da Ericeira*. Maфра: ELO, Pp: 25-120.

SILVA, José Custódio, Vieira da (2002). *O Palácio Nacional de Sintra*, Londres: Scala Publishers, pp.13-35.

SILVA, Raquel Henriques da (1988). *Cascais*, Lisboa: Presença, Pp: 7-72

TÚLIO, Ana (2015). Sistema defensivo de Peniche – O Forte de São João Baptista na Ilha da Berlenga [online], disponível em: <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/17694>, acedido a 15 de Junho de 2017

VARANDA, Lúcia de Melo.(2013). D. António Luís de Meneses, 1º Marquês de Marialva - O Militar e o Político, Coimbra: Faculdade de Letras, [online], Pp: 41-65, disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/35986/1/D%20Antonio%20Luis%20de%20Meneses.pdf>, consultado a 25 de Maio de 2017.

Recursos electrónicos:

Biblioteca Digital do Exercito (2001-2004) [online], disponível em: <http://bibliotecas.defesa.pt/ipac20/ipac.jsp?profile=bde>, consultado a 25 de Agosto de 2017.

Câmara Municipal de Lisboa (2017) [online], disponível em: <http://www.cm-lisboa.pt/>, consultado a 16 de Fevereiro de 2017.

Câmara Municipal de Maфра (2015) [online], disponível em: <http://www.cm-maфра.pt/>, consultado a 1 de Março de 2017.

Câmara Municipal de Oeiras (2017) [online] disponível em: <http://www.cm-oeiras.pt/pt/Paginas/default.aspx>, consultado a 20 de Fevereiro de 2017.

Câmara Municipal de Peniche (2006-2017) [online], disponível em: <http://www.cm-peniche.pt/pt>, consultado a 5 de Março de 2017.

Câmara Municipal de Sintra (2016) [online], disponível em: <http://www.cm-sintra.pt/>, consultado a 1 de Março de 2017.

Cidadela de Cascais (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em:

http://monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6052, consultados a 23 de Setembro de 2017.

Forte de Nossa Senhora das Mercês / Forte de Catalazete (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , consultado a 24 de Março de 2017

Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo/Forte da Giribita (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em: http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , consultados a 22 de Março de 2017.

Forte de Santa Marta (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , consultados a 27 de Março de 2017.

Forte de Santo António da Barra (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , consultados a 26 de Março de 2017.

Forte de São Bruno (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , consultados a 20 de Março de 2017.

Forte de São Julião da Barra (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , consultados a 30 de Março de 2017.

Forte de São Pedro/ Forte da Poça (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , consultados a 27 de Março de 2017.

Forte do Bom Sucesso (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em :

http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , consultados a 14 de Março de 2017.

Forte do Bom Sucesso (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , consultados a 14 de Março de 2017.

Forte do Paimogo (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , consultado a 02 de Abril de 2017.

Forte dos Oitavos (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx , consultados a 27 de Março de 2017.

Revista Tritão (2014), [online], disponível em: <http://revistatritao.cm-sintra.pt/index.php/patrimonio-1/forte-de-santa-maria-magoito>, acedido a 3 de Junho de 2017

Torre de Belém (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultados a 13 de Março de 2017.

Torre de Belém (2011) [online], in Sistema de informação do Património Arquitectónico (2001 - 2017) [online], disponível em : http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/Default.aspx, consultados a 13 de Março de 2017.

Torre de Belém (s.d.) [online], disponível em: <http://www.torrebelem.gov.pt/pt/index.php>, consultado a 4 de Abril de 2017.

Índice de Figuras

Figura 1 - Mapa geral	19
Figura 2 - Torre de Belém (exterior)	22
Figura 3 - Mapa de enquadramento - Torre de Belém	22
Figura 4 - Conjunto de plantas da Torre de Belém.....	24
Figura 5 - Perfis da Torre de Belém	25
Figura 6 - Planta da Torre de Belem.....	26
Figura 7 - Interior do Baluarte	26
Figura 8 - Exterior da Torre e enquadramento da Torre de Belém com o Forte de São Sebastião de Caparica	27
Figura 9 - Forte do Bom Sucesso	28
Figura 10 - Mapa de enquadramento - Forte do Bom Sucesso	28
Figura 11 - Plantas do Forte do Bom Sucesso.....	29
Figura 12 – Interior do Forte do Bom Sucesso.....	30
Figura 13 - Forte do Bom Sucesso visto de cima	30
Figura 14 - Exterior do Forte de São Bruno	33
Figura 15 - Mapa de enquadramento - Forte de São Bruno	33
Figura 16 - Plantas do Forte de São Bruno.....	34
Figura 17 - Interior do Forte de São Bruno	35
Figura 18 - Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo/Giribita	36
Figura 19 - Mapa de Enquadramento - Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo / Giribita.....	36
Figura 20 - Planta do Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo/ Giriita	38
Figura 21 - Exterior do Forte de Nossa Senhora de Porto Salvo/Giribita	38
Figura 22 - Forte de São João das Maias.....	39
Figura 23- Mapa de enquadramento - Forte das Maias	39
Figura 24 - Planta do Forte das Maias	40
Figura 25 - Forte de São João das Maias.....	40
Figura 26 - Forte de Santo Amaro	41
Figura 27 - Mapa de enquadramento - Forte de Santo Amaro	41
Figura 28 – Planta do Forte de Santo Amaro	42
Figura 29 - Forte de Santo Amaro	42
Figura 30 - Forte de Nossa Senhora das Mercês de Catalazete.....	43
Figura 31 - Mapa de enquadramento do Forte de Nossa Senhora das Mercês de Catalazete	43

Figura 32 - Planta do Forte de Nossa Senhora das Mercês de Catalazete	44
Figura 33 - Forte de São Julião da Barra	45
Figura 34 - Mapa de enquadramento - Forte de São Julião da Barra	45
Figura 35 - Plantas do Forte de São Julião da Barra	47
Figura 36 - Forte de São Julião da Barra	47
Figura 37 - Bugio.....	48
Figura 38 - Mapa de enquadramento - Forte/Farol do Bugio.....	48
Figura 39 - Plantas do Forte do Bugio.....	50
Figura 40 - Forte/Farol do Bugio.....	50
Figura 41 - Forte de Santo António da Barra	53
Figura 42 - Mapa de enquadramento - Forte de Santo António da Barra	53
Figura 43 - Plantas do Forte de Santo António da Barra.....	55
Figura 44 - Forte de São João da Cadaveira	56
Figura 45 - Mapa de enquadramento - Forte de São João da Cadaveira	56
Figura 46 - Planta do Forte de São João da Cadaveira	58
Figura 47 - Forte de São Pedro da Cadaveira / Forte Velho.....	59
Figura 48 - Mapa de enquadramento - Forte Velho	59
Figura 49 - Plantas do Forte Velho.....	60
Figura 50 - Forte de Nossa Senhora da Luz	61
Figura 51 - Mapa de enquadramento - Fortaleza de Nossa Senhora da Luz	61
Figura 52 - Planta da Fortaleza de Nossa Senhora da Luz	64
Figura 53 - Forte de Nossa Senhora da Luz	64
Figura 54 - Forte/Farol de Santa Marta	65
Figura 55 - Mapa de enquadramento - Forte/Farol de Santa Marta	65
Figura 56 - Planta do Forte de Santa Marta.....	66
Figura 57 - Forte de Santa Marta.....	67
Figura 58 - Forte da Guia	68
Figura 59 - Mapa de enquadramento - Forte da Guia.....	68
Figura 60 - Planta do Forte de Nossa Senhora da Guia.....	69
Figura 61 - Forte de São Jorge dos Oitavos.....	70
Figura 62 - Mapa de enquadramento - Forte dos Oitavos	70
Figura 63 - Planta do Forte dos Oitavos	71
Figura 64 - Forte dos Oitavos	72
Figura 65 - Forte do Guincho/Abano	73
Figura 66 - Mapa de enquadramento - Forte do Guincho/Abano.....	73

Figura 67 - Planta do Forte do Guincho/Abano	74
Figura 68 - Forte do Guincho/Abano	74
Figura 69 - Forte do Magoito	76
Figura 70 - Mapa de enquadramento do Forte do Magoito	76
Figura 71 - Planta do Forte do Magoito	77
Figura 72 - Forte do Magoito	77
Figura 73 - Forte de Nossa Senhora da Natividade – Ericeira	79
Figura 74 - Mapa de enquadramento - Forte da Natividade	79
Figura 75 - Planta do Forte da Natividade	80
Figura 76 - Porta de Armas do Forte da Natividade	80
Figura 77 - Forte de Milreu	81
Figura 78 - Mapa de enquadramento do Forte de Milreu	81
Figura 79 - Planta do Forte de Milreu	82
Figura 80 - Forte de Milreu	82
Figura 81 - Forte do Paimogo	84
Figura 82 - Mapa de enquadramento - Forte do Paimogo	84
Figura 83 - Planta do Forte do Paimogo	85
Figura 84 - Forte do Paimogo	85
Figura 85 - Forte de Nossa Senhora da Consolação	86
Figura 86 - Mapa de enquadramento do Forte de Nossa Senhora da Consolação	86
Figura 87 - Planta do Forte de Nossa Senhora da Consolação	87
Figura 88 - Forte de Nossa Senhora da Consolação	87
Figura 89 - Fortaleza de Peniche	88
Figura 90 - Mapa de Enquadramento - Fortaleza de Peniche	88
Figura 91 - Planta da Fortaleza de Peniche	90
Figura 92 - Baluarte circular	91
Figura 93 - Forte de São João Baptista das Berlengas	92
Figura 94 - Mapa de enquadramento - Forte das Berlengas	92
Figura 95 - Planta do Forte das Berlengas	93
Figura 96 - Exterior do Forte das Berlengas	94
Figura 97 - Planta do Forte de Nossa Senhora da Conceição	96
Figura 98 - Vestígios do Forte de Nossa Senhora da Conceição	96
Figura 99 - Planta do Forte de São José de Ribamar	97
Figura 100 - Forte de São José de Ribamar	98
Figura 101 - Planta do Forte de Santa Catarina	99

Figura 102 - Planta do Forte de Nossa Senhora da Boa Viagem	100
Figura 103 - Planta do Forte de Nossa Senhora do Vale.....	101
Figura 104 - Vestígios do Forte de Nossa Senhora do Vale.....	101
Figura 105 - Planta do Forte de São Pedro de Paço de Arcos	102
Figura 106 - Vestígios do forte de São Pedro de Paço de Arcos.....	103
Figura 107 - Planta do Forte do Junqueiro	105
Figura 108 - Forte do Junqueiro	105
Figura 109 - Planta do Forte da Cruz	106
Figura 110 - Forte da Cruz	106
Figura 111 - Planta do Forte de Santo António do Estoril	108
Figura 112 - Forte de Santo António do Estoril	108
Figura 113 - Planta do Forte de São Roque.....	109
Figura 114 - Forte de São Roque actualmente	110
Figura 115 - Planta do Forte de Nossa Senhora da Conceição.....	112
Figura 116 - Vestígios do Forte de Nossa Senhora da Conceição.....	112
Figura 117 - Planta do Forte de Santa Catarina.....	113
Figura 118 - Forte de Santa Catarina actualmente	114
Figura 119 - Planta do Forte de São Brás de Sanxete	115
Figura 120 - Forte de São Brás de Sanxete	115
Figura 121 - Plantas das Baterias da Crismina, Alta e Galé (respectivamente)	117
Figura 122 - Bateria da Crismina	117
Figura 123 - Bateria Galé	117
Figura 124 - Bateria Alta	117
Figura 125 - Planta do Forte da Roca	119
Figura 126 - Forte da Roca	119
Figura 127 - Planta do Forte da Luz	121
Figura 128 - Forte da Luz – Peniche	121

